

Regina Parreiras Vieira Martins

REPRESENTAÇÕES DO BRASIL: OS
IMIGRANTES EUROPEUS E O CARNAVAL NO
IMAGINÁRIO ESTADUNIDENSE

Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Campinas, SP

2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Regina Parreiras Vieira Martins

REPRESENTAÇÕES DO BRASIL: OS IMIGRANTES EUROPEUS E O CARNAVAL NO IMAGINÁRIO ESTADUNIDENSE

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada na Área de Ensino-Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Zink Bolognini.

Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

Campinas – SP

2003

749487672

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	M266R
V	EX
TOMBO BC	56861
PROC.	16/117/04
C	☐
D	☒
PREÇO	11,00
DATA	20/01/04
Nº CPD	

CMO0193917-1

Bib id 308417

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Martins, Regina Parreiras Vieira	
M 366r	Representações do Brasil: os imigrantes europeus e o carnaval no imaginário estadunidense / Regina Parreiras Vieira Martins. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.
Orientador: Carmen Zink Bolognini Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.	
1. Língua inglesa – Estudo e ensino. 2. Análise do discurso. 3. Imaginário. 4. Europeus – Migrações – Brasil. 5. Carnaval – Brasil. I. Bolognini, Carmen Zink. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.	

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Carmen Zink Bolognini - Orientadora

Prof^a Dr^a Maria José Rodrigues Faria Coracini

Prof^a Dr^a Marisa Grigoletto

Prof^a Dr^a Claudete Moreno Ghiraldelo

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Regina Pereira

Vieira Martins —

e aprovada pela Comissão Julgadora em
06/11/2003.



Para Gilson, Bruna, Julia e Fabrício,
por compartilharmos um ideal, um sonho de felicidade.

AGRADECIMENTOS

Carmen Zink, minha orientadora, a primeira pessoa a acreditar na pertinência do objeto desta pesquisa.

Um agradecimento especial à professora Maria José Coracini, pelas discussões valiosas e produtivas sobre Análise do Discurso, Filosofia Contemporânea e Psicanálise, apontando sempre para os desafios e responsabilidade trazidos pelo campo da educação. Agradeço também pelas observações feitas no exame de qualificação.

Um agradecimento especial à professora Lúcia Kopschitz, minha primeira orientadora no programa de Mestrado do IEL, pelas longas discussões, pelo carinho, pela dedicação e amizade, revelando durante o processo de orientação os ônus e os bônus da construção de uma carreira intelectual.

A Marisa Grigoletto, pelas sugestões e discussões do exame de qualificação, que me levaram a refletir sobre a minha tarefa de pesquisadora.

A Linda Gentry El Dash, pelas trocas de experiências, pela ajuda nas interpretações culturais presentes neste trabalho.

Ao professor José Carlos Paes de Almeida, no sentido pleno da palavra, um professor.

Aos professores da UFMG, Adriana Pagano, Solange Ribeiro, Rui Rothes, Fábio Alves, Célia Magalhães e Carlos Gohn, pelas discussões amplas sobre vários aspectos da tradução, em diversos campos teóricos, pelo companheirismo e amizade.

A Claudete Ghiraldelo, pelos debates e discussões sobre Análise do Discurso e Filosofia contemporânea.

A Biblioteca do IEL, pelo carinho, competência e interesse em todos os momentos em que lá estive.

A Iara da Pró-reitoria de Extensão e à Beth da Pró-reitoria de Pesquisa, pelo apoio e interesse em todos os momentos que lá estive.

A Secretaria de Pós-graduação do IEL, pelo apoio administrativo.

A Capes, pelo apoio financeiro.

A FAEP, pelo auxílio financeiro.

Ao Bob Feron, do setor de tradução da embaixada do Brasil em Washington, pelo apoio e pelas lições de profissionalismo.

Meus pais: Fábio e Marlene, continuo aprendendo com vocês os sábios ensinamentos sobre como ser uma pessoa íntegra e responsável. Aos meus irmãos, Fábio, Denise e Armando, pelo legado pessoal e intelectual.

A tia Maura, minha segunda mãe, por tudo.

A Cássia, pelo estímulo e apoio recebidos.

Maria Emília, Denise, Clóris, Marli, Denise e Luciana: colegas que admiro. Encontrá-las no curso de Linguística Aplicada da UNICAMP teve um sentido especial para mim. Obrigada pelo carinho e pela solidariedade.

Marisa, Rosana, Sarai e Ninfa, queridas amigas. Há quanto tempo estamos juntas nessa estrada? Obrigada pelas conversas divertidas e, sobretudo, pelo prazer de tê-las como amigas.

Elvécio, Adriana e Marco Aurélio, colegas de curso da UFMG que se tornaram amigos, obrigada pela amizade e solidariedade.

A Al e a Lee, pela acolhida na minha estada nos Estados Unidos, sem a qual não teria sido possível realizar este trabalho.

Ao Gilson, pelo companheirismo em todas as horas. A Júlia e a Bruna, por encherem a minha vida de alegria. É com vocês que me sinto sempre revigorada quando as forças parecem minar.

Muitas pessoas deveriam compor este texto de agradecimento. Enunciar nomes sempre nos coloca diante do risco de nos sentirmos injustos mais tarde. Por isso, considero que as pessoas acima citadas, apesar da sua importância em momentos específicos da minha vida, representam tantas outras que neste momento, pelas limitações do texto, não tenho condições de citar e às quais agradeço. Espero retribuir com a minha amizade a todos, não só neste texto acadêmico, mas na forma como participo das suas vidas. Obrigada.

“Get to know this tropical Germany,” Blumenau’s tourism brochures beckon to Brazilian tourists, preferably well heeled. “Enjoy blue-eyed blond-haired Brazilian hospitality”. The flaxen blondes dressed in dirndls may have tied their tresses, the half-timbered Bavarian architecture may date from the ‘1980’s, and snow may fall here only once a year, but there is more than ersatz Europe to Brazil’s richest corner (Brooke, 1994).

But nothing about race in Brazil is ever as simple as black and white, beginning with those categories themselves. In contrast to the United States, where a person with even a trace of African heritage is almost always considered black, Brazil considers itself a racial rainbow, with more than 60 terms to designate shades of skin color. They range from “preto” for someone as dark as Pelé to “brancarão” for an extreme light-skinned person of mixed race (Rohter, 1999).

RESUMO

Esta dissertação examina algumas representações do Brasil presentes no imaginário estadunidense no período compreendido entre 1992 e 1999: as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador em suas associações com o carnaval, à região Sul do país em sua articulação à imigração européia, bem como algumas outras representações relacionadas à presença européia no Brasil. Os resultados aqui apresentados são provenientes de análises realizadas em dois conjuntos de textos: artigos publicados pelo jornal estadunidense *The New York Times*, durante o período acima mencionado; e textos extraídos do livro *The Brazilians*, de Joseph Page, de 1995. Podemos citar, entre os pontos principais revelados pela pesquisa, apoiada principalmente na Análise de Discurso de linha francesa, o fato de que, no processo de tecer representações para os imigrantes europeus e para os sujeitos brasileiros envolvidos no carnaval, os enunciadores produzem representações díspares, entrecortadas por discursos como o da miscigenação e o discurso colonial, que, no entanto, apresentam também pontos de convergência. Entre outros aspectos, destaca-se a raça-etnia dos indivíduos representados. A recorrência de tal aspecto aponta para a construção de um “corpo” para a nação a partir de fios discursivos que, alheios às divisas inter-regionais oficiais do país, culminam por (re) escrever outras linhas de fronteira para o Brasil. Por outro lado, a presença de discursos distintos nas representações presentes neste trabalho sugere que esse “corpo” da nação é composto por diferentes camadas discursivas.

Palavras-chave: 1. Língua inglesa – Estudo e ensino. 2. Análise do discurso. 3. Imaginário. 4. Europeus – Migrações – Brasil. 5. Carnaval – Brasil.

ABSTRACT

This study focuses on some representations of Brazil constructed in the United States. The period covered ranges from 1992 to 1999: the connection of carnival with the cities of Rio de Janeiro and Salvador, the country's southern region's association with the European immigration as well as other representations of European presence in Brazil. It presents the results of analyses held on two set of texts: articles published by the American newspaper, *The New York Times*, in the above mentioned period, and texts extracted from *The Brazilians*, a book written by the American scholar Joseph Page in 1995. The results of this research, which used primarily the theoretical framework of French Discourse Analysis, showed that in the process of constructing the Brazilian subjects portrayed in carnival and in European immigration, the enunciators focus on some specific facets related to those subjects, such as race. The recurrence of such aspect expose discourse strands that oblivious of official Brazil's boundaries weave the nation new regional frontiers. On the other hand, the presence of intertwined discourses, such as colonial and miscegenation discourses, suggests the construction of a new nation's "body" made up of different discourse layers.

Key-words: 1. English language – Teaching and learning 2. Discourse Analysis 3. Imaginary. 4.. European – Migrations – Brazil – 5. Carnival – Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 DISCURSO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	33
1.1 A produção de sentidos e a linguagem na perspectiva da Análise de Discurso	35
1.1.1 Sujeito, discurso e formação discursiva	38
1.2 Interdiscurso, pré-construído e articulação	44
1.3 Sujeito, silêncio e produção de sentidos	47
1.4 Imaginário e realidade	50
1.5 O contar da nação	52
CAPÍTULO 2 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	59
2.1 Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa.....	60
2.2 Histórico da pesquisa e percurso para constituição do <i>corpus</i>	63
2.3 Condições de Produção	66
2.4 Percursos para as análises dos registros.....	69
CAPÍTULO 3 O BRASIL E OS EUROPEUS	73
3.1 O Sul, o alemão, a sombra e o passado.....	74
3.2 O Brasil, a Índia e alguns imigrantes europeus	85
3.3 Holandeses e o progresso.....	95
3.4 Considerações finais	101

CAPÍTULO 4	UMA FUNDAÇÃO PARA O BRASIL.....	107
4.1	Holandeses e fundação: a identidade, a nacionalidade e a força militar brasileiras.	108
4.2	Considerações finais	116
CAPÍTULO 5	BRASIL E CARNAVAL	119
5.1	Carnaval é samba	121
5.1.1	O Carnaval é o desfile das escolas de samba.....	127
5.1.2	O Carnaval e as escolas de samba no fio da história	132
5.2	O Carnaval brasileiro e outros carnavais	142
5.3	O samba, a sombra e o passado	151
5.4	O carnaval e os outros dias do ano.....	160
5.5	Considerações finais	168
	CONCLUSÕES.....	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181
	ANEXO I TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DOS RECORTES	
	REPRODUZIDOS EM INGLÊS	189
	ANEXO II CAPA E CONTRA-CAPA DO LIVRO : THE BRAZILIANS	
	(PAGE, 1995) E RELAÇÃO, PRESENTE NO CORPO DO LIVRO, DE	
	OUTRAS OBRAS PUBLICADAS PELO AUTOR.	195
	ANEXO III RELAÇÃO DOS MATERIAIS ANALISADOS NESTA	
	PESQUISA	199

ANEXO IV ARTIGO PUBLICADO PELA REVISTA VEJA (2002)	
SOBRE OS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS NO BRASIL	201
ANEXO V LISTA DE ABREVIATURAS	205

INTRODUÇÃO

Em uma visita a Beirute, durante a terrível guerra civil de 1975-6, um jornalista francês escreveu com pesar sobre a devastada área central da cidade que ela ‘parecera outrora pertencer (...) ao Oriente de Chateaubriand ou Nerval’. Ele tinha razão sobre o lugar, é claro, especialmente no que dizia respeito a um europeu. **O Oriente era quase uma invenção européia**, e fora desde a Antigüidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis. Estava agora desaparecendo: acontecera; de um certo modo o seu tempo havia passado. Talvez parecesse irrelevante que os próprios orientais tivessem alguma coisa em jogo nesse processo, que mesmo no tempo de Chateaubriand e Nerval, houvesse orientais vivendo lá, e que agora eram eles que estavam sofrendo; **o principal, para um visitante europeu, era uma representação européia do Oriente e da sua ruína contemporânea**, tanto uma como a outra com um significado comum privilegiado para o jornalista e seus leitores franceses (Said, 1990:13), (grifos nossos).

Representações: discursos longínquos, ausentes, distantes que emergem presentes, constantes, num emaranhado de dizeres que, teimosamente, assombram as nossas existências. Imagens que inventam, constroem um pedaço de mundo: – É o “Oriente como invenção do Ocidente”², nas palavras de Said. – E o Brasil, como tem sido “inventado” mundo afora? Com o objetivo de investigar as representações da região Sul do país em sua articulação com a imigração européia e das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador com o carnaval, construídas nos Estados Unidos, bem como algumas outras

¹ As datas presentes ao longo do texto desta dissertação fazem referência à data da edição consultada. As “Referências Bibliográficas” apresentam, sempre que possível, as datas correspondentes à primeira edição e à edição consultada.

² A expressão “O Oriente como invenção do Ocidente” é o subtítulo da obra de Said (1990).

representações da presença européia no Brasil, o presente estudo recorta uma parte do espaço em que se produzem imagens do Brasil no exterior.

Nesta introdução ao trabalho, consideramos pertinente localizar, primeiramente, o debate em torno do tema – “representações do Brasil no exterior” – no imaginário brasileiro, pois, a nosso ver, a partir daí, os desdobramentos dessa questão, para a sociedade brasileira, adquirem certa visibilidade. Num segundo momento, faremos uma revisão da literatura sobre o assunto e apresentaremos as perguntas de pesquisa. Para lançar um olhar sobre a forma como a questão da imagem³ do Brasil no exterior, notadamente nos países ditos de “primeiro mundo”⁴, tem sido tratado no imaginário brasileiro, selecionamos alguns recortes de jornais nacionais, que apresentaremos a seguir. Longe de propor uma representação mimética do imaginário, essa escolha fundamenta-se no pressuposto de que o discurso jornalístico funciona tanto como emissor, quanto como receptor das opiniões e idéias de uma determinada sociedade. Nessa direção, Mariani (2001:33) afirma que o discurso jornalístico é parte do funcionamento imaginário de uma época, pois “tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos, como também direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário”. Assim, os recortes de artigos de jornais, apresentados nesta introdução, serão tomados, como exemplos ilustrativos da discussão acerca da imagem do Brasil no exterior no imaginário brasileiro.

³ Os vocábulos “imagem e representação” serão, neste trabalho, usados como sinônimos.

⁴ Esse termo, originalmente empregado para se referir às nações desenvolvidas, economicamente, no período da guerra fria, surgiu como desdobramento da designação “terceiro mundo”, que, segundo Roberts (1993, 836-837), aparentemente, teria sido empregada por um jornalista francês para referir-se a uma associação de 29 países pobres, africanos e asiáticos, em uma reunião, na Indonésia, em 1955. Teria sido uma referência ao “Terceiro-Estado” francês de 1789.

Comecemos, então, com um artigo do jornal *Folha de São Paulo*, que focaliza a imagem do Brasil em Portugal. Nessa matéria, França (2000) enfatiza que a imagem “positiva” do Brasil, como um país “moderno, pleno de oportunidades, habitado por um povo alegre e jovial”, teria se tornado difusa a partir de, com a crescente importação de programas televisivos brasileiros pelas emissoras de televisão portuguesas. O jornalista acrescenta ainda que essa superexposição do Brasil na mídia televisiva portuguesa teria gerado uma certa “má vontade com tudo que vem dos trópicos”, por parte dos intelectuais portugueses: “A ‘intelligenza’ local acusa-nos, talvez com certa razão, de invadir seu país com produtos de baixíssima qualidade”.

Num outro artigo do jornal *O Estado de São Paulo*, Reali Jr. (2000) aborda a imagem do Brasil nos países europeus, afirmando que o país tem sido retratado de forma muito negativa em “prestigiosos órgãos da imprensa européia”, entre os quais cita: o jornal francês *Le Monde*, o espanhol *El País*, os britânicos *Times e Independent*. O jornalista sublinha que a imagem “negativa” do Brasil teria sido cunhada, principalmente, pela divulgação, na Europa, de denúncias de corrupção e de violência presentes na sociedade brasileira.

Finalmente, em uma outra matéria, publicada pelo jornal *Hoje em Dia*, intitulada “Cadeia para quem queima índio”, o articulista Drumond (1997), ao comentar a decisão da juíza Sandra de Santis Mello sobre o assassinato de Galdino Jesus dos Santos, interroga:

Como ficará a imagem do Brasil lá fora? Como ficará, se permitirmos que esta decisão prevaleça, a imagem do Brasil, dentro do Brasil? Queremos um Brasil que possa se olhar no espelho e não ter vergonha da própria imagem (*idem ibidem*).

Se, por um lado, os artigos⁵ acima confirmam a presença da discussão sobre a imagem do Brasil no exterior, na sociedade brasileira, por outro, desponta também, a partir das considerações aí feitas, uma certa falta de auto-estima, confirmada pela vulnerabilidade dos articulistas às leituras da nação brasileira feitas pelos estrangeiros. Esta vulnerabilidade, a nosso ver, está diretamente relacionada à supervalorização que esses jornalistas conferem à opinião dos estrangeiros sobre o país, e indiretamente, aos próprios estrangeiros. Uma reflexão de Calligaris (1997) se apresenta para lembrar-nos o quanto, nós, brasileiros, valorizamos os estrangeiros, especialmente, os europeus. O psicanalista relata uma situação de estranhamento criada em torno da apresentação de uma psicanalista brasileira em um congresso bilíngüe, em Paris, em julho de 1989. Segundo o autor, naquela ocasião, a palestrante, que teria feito sua exposição em francês, causara um certo mal-estar, ao eleger, “entre os numerosos brasileiros bilíngües presentes” (*op.cit.*: 157) no evento, uma intérprete portuguesa.

Nessa esteira, avaliamos que a valorização excessiva dos estrangeiros e da opinião desses sujeitos, pelos brasileiros, contribui sobremaneira para a legitimação das representações do país desenhadas por eles. Em um artigo sobre os correspondentes da imprensa estrangeira⁶ no Brasil, Pinheiro (2002) ressalta “o prestígio e influência” que tais jornalistas exercem com seu trabalho, afirmando que eles “têm mais influência [no Brasil]

⁵ Um outro aspecto que permeia os artigos citados é a afirmação de que o Brasil tem uma imagem “negativa” no exterior. Ressaltamos que esta consideração, ancorada na dicotomia positivo/negativo, não será problematizada nesta pesquisa.

⁶ Para uma versão completa deste artigo, ver anexo IV, desta dissertação. Cabe antecipar também que, todos os artigos do *The New York Times* analisados neste trabalho são produzidos no Brasil, por correspondentes estrangeiros.

do que se imagina”, pois são, em “grande medida, os criadores da imagem que o Brasil projeta no exterior e que acaba refletindo de volta por aqui”.

Antes de passarmos à frente, sublinhamos que, em tudo, as reflexões dos articulistas, que trouxemos acima, lembram o que Veríssimo observa a respeito da relação que nós, brasileiros, de uma maneira geral, estabelecemos com a imagem que os estrangeiros fazem do Brasil:

É uma velha angústia colonial: o que vão dizer de nós na metrópole? O que dirão os ingleses vendo a foto de seu ladrão mais célebre transformado em carro alegórico no carnaval da Argentina ou do Brasil, ou como quer que se chame aquele estranho lugar lá embaixo? Os ingleses que nos roubaram durante tantos anos, mas com tanta distinção devem ter ficado chocados. (...) Vivemos com a cabeça no hemisfério deles e com o corpo suado aqui em baixo. (...) Vá nos entender. (Veríssimo 1998 *apud* Figueiredo, 1999:37-38), (grifos nossos).

Essa passagem de Veríssimo, certamente, pincela ironia nessa discussão, além de ilustrar, reiteramos, com perspicácia, a importância que nós, brasileiros, conferimos ao que se fala a respeito do Brasil nos países ditos de “primeiro mundo”. Como sugerem as reflexões que veremos a seguir, tal supervalorização dos estrangeiros pelos brasileiros, tem sido objeto de reflexões de diferentes pesquisadores da nossa esfera acadêmica. Eis o que nos diz Orlandi a esse respeito:

O europeu nos constrói como seu “outro” mas, ao mesmo tempo, nos apaga. Somos o “outro”, mas o “outro” excluído sem semelhança interna. Por sua vez, eles nunca se colocam na posição de serem o nosso outro. **Eles são sempre o “centro” (...).** Nós é que os temos como nossos “outros absolutos”. Processos de discurso vão provendo o brasileiro de uma definição que, por sua vez, faz parte do funcionamento imaginário da sociedade brasileira (Orlandi, 1990:47), (grifos nossos).

Referindo-se ao mundo acadêmico nacional, Oliveira (2000:21) acrescenta ironia a essa questão, ao afirmar que o mundo acadêmico estadunidense “se organiza para estudar a América Latina [enquanto] os latino-americanos vão aos Estados Unidos para aprender como devem se estudar”.

Coracini (1995:32) aborda essa valorização/desvalorização no ensino de leitura em línguas materna e estrangeira⁷, salientando a necessidade de o professor permitir o questionamento “de verdades que parecem ‘naturais’”, desmistificando ‘o estrangeiro’, “mostrando as diferenças culturais que asseguram a identidade brasileira, ao invés de anulá-la”.

Nas considerações dos pesquisadores, apresentadas acima, ressaltamos dois pontos de contato: primeiramente, a menção a uma certa posição de inferioridade dos brasileiros em relação aos estrangeiros, e, em segundo lugar, associada a essa inferioridade, a referência à importância descomunal conferida por esses sujeitos aos estrangeiros, principalmente, àqueles provenientes dos países de “primeiro mundo”. É justamente nesse eixo – em que se posiciona, de um lado, a valorização do estrangeiro e, de outro, a desvalorização de si mesmos – que, a nosso ver, residem implicações cruciais da questão da imagem nacional para a sociedade brasileira.

A propósito, Capinha⁸ (2000:109-110), enfatiza a necessidade premente de os sujeitos questionarem a procedência dos discursos que os identificam, afirmando que a

⁷ A partir desse ponto, neste trabalho, adotaremos a abreviatura LE para Língua estrangeira.

⁸ Segundo a autora (*op.cit.*:108), neste artigo, para tematizar sobre a identidade, concebida como construída no interior da linguagem, ela se apóia em Hall e Du Gay (1996) e nas “grandes reflexões sobre o tema – de Foucault a Althusser, de Lacan e Derrida a Bhabha e Hobsbawn”.

construção da identidade do sujeito da atualidade é “sempre contextual, e como toda construção, uma ‘forma imaginada’ que tem de lidar com outras formas que o imaginam e assim o identificam”. Considerada em relação aos discursos dos estrangeiros sobre Brasil, que, como vimos ao longo desta introdução, é possível dizer que são valorizados sobremaneira, por nós, brasileiros, essa reflexão de Capinha remete a influência que tais representações podem exercer sobre a identidade dos brasileiros, ou, nas palavras da autora, a “pontos de identificação” (*idem ibidem*) que esses sujeitos podem estabelecer com essas imagens.

Coracini (1997:162) postula que “a identidade de um povo ou de um grupo social”, em linhas gerais, é definida a partir de um conjunto de “características capazes de definir o indivíduo ou o grupo social por aquilo que ele tem de diferente com relação aos outros indivíduos; nesse sentido, guarda-se uma relação de homogeneidade” (*idem ibidem*). Entretanto, acrescenta a autora, se considerarmos a heterogeneidade e o caráter inacabado, tanto da linguagem quanto do sujeito, “habitado pelo outro, incapaz de se definir como uno, estável, igual a si mesmo (e, portanto, distinto dos demais)”, a identidade só pode ser concebida como algo em constante processo de (re) construção, constituído por vozes que surgem, todo o tempo, em diferentes “momentos de ‘identificação’” (*idem ibidem*).

No viés psicanalítico lacaniano, Miller (1988:17) salienta que “o desenvolvimento do ser humano está escandido por identificações ideais”, pois a alienação imaginária, ou, em outras palavras, “o fato de identificar-se com a imagem de um outro é constitutiva do eu (*moi*) no homem” (*idem ibidem*). Tal alienação constitutiva ocorreria no estágio do

espelho⁹. Silva (1999:43) relembra que “o espelho lacaniano põe em jogo a interpelação do homem pelo olhar do outro”. Assim, resulta dessa alienação ou, dito de outra maneira, dessa “captura especular” (Lima, 1995:62) que o “eu” torna-se “o lugar das identificações [imaginárias] do sujeito” e, é a partir dessas identificações que o sujeito, ao longo da vida, “é posto a identificar-se” (*idem ibidem*).

Não por acaso, convocamos a psicanálise para abordar a questão da identidade dos sujeitos brasileiros em relação às representações do Brasil, produzidas por estrangeiros, pois, essa perspectiva insiste em salientar a importância do imaginário para as do sujeito aos discursos que circulam em torno de si. Embora essas identificações não configurem o objeto de análise da presente pesquisa, correlacioná-las à representação, nesse trabalho, cumpre salientar, se coloca com o objetivo de destacar que as representações produzidas para o Brasil, pelos estrangeiros, perpassam os sujeitos brasileiros e, que podem, de alguma forma, afetá-los.

Abordando justamente a relação entre representação e identidade do brasileiro, de uma maneira geral, Backes (2000:70) afirma que “o brasileiro, muitas vezes, é definido a partir de imagens que, por seu caráter totalizador, insistente e pregnante” assumem o “contorno de uma identidade”. Para ilustrar essa afirmação, ela cita a imagem do Brasil como o país que teria “o melhor futebol do mundo”, imagem esta que teria se desdobrado na identidade do próprio brasileiro como “bom de bola” (*op.cit.*: 71).

⁹ O estágio do espelho, resumidamente, configura uma experiência estruturante (imaginária) da função do “eu”, “é o encontro do sujeito (...) com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito” (Lacan, 1999:233). Neste momento imaginário, a criança confirmaria, por meio do olhar da mãe, que a imagem a que estaria aderindo naquela ocasião, seria realmente a sua (pois, naquele momento, o sujeito pensa que é um outro e toma esse outro como o seu próprio “eu”).

Entretanto, cabe ressaltar que não pretendemos reduzir o processo complexo de formação da identidade de um sujeito a quaisquer discursos presentes no imaginário. Antes, o que está em jogo é a relação do sujeito com os discursos que o atravessam. Por outro lado, seria, também, extremamente “reduzidor considerar que a linguagem jornalística [por exemplo,] por si só ou por força da vontade de um locutor onipotente, teria o poder de construir uma realidade, fazendo dos leitores vítimas passivas”, como diz Mariani (1998:107), em um outro contexto.

Como sinalizado no início desta introdução, o conjunto das considerações empreendidas, neste trabalho, até este ponto, pretendeu ilustrar o debate sobre a imagem do Brasil no exterior no imaginário brasileiro, bem como se referir brevemente aos aspectos relacionados a esse assunto, que têm sido objeto de discussão de alguns jornalistas, escritores nacionais, e de pesquisadores da área de Ciências Humanas. O propósito da discussão sobre os desdobramentos dessa questão foi realçar a importância do tema proposto por esta pesquisa para a sociedade brasileira, importância que se estende de forma significativa à área de ensino-aprendizagem de LE, que representa a disciplina “escolar que permite que o sujeito entre em contato mais direto com a maneira de pensar e falar de sujeitos estrangeiros” (Krampikowski 1990 *apud* Bolognini: 1996:07). Passemos, a seguir, a uma revisão da literatura sobre o tema “representações do Brasil” no campo da Linguística Aplicada, entendida aqui como o campo de estudos da linguagem voltado para o Ensino/aprendizagem de línguas materna e estrangeira e para os estudos da Tradução.

Na área de Tradução, Franco (2000:12, cap 1), em um trabalho ancorado na perspectiva teórica da Análise crítica do discurso (ACD), analisa a imagem do Brasil em oitenta documentários sobre o país exibidos pelas emissoras de televisão a cabo belgas, no

período de novembro de 1995 a dezembro de 1997. A análise estatística dos temas centrais prevalentes nesses documentários indica os seguintes percentuais para os respectivos temas subseqüentes: o assunto “meninos de rua” constitui 26,82% do total dos documentários; “índios” são temas em 9,75% dos programas; 7,31% desses documentários enfocam a “floresta amazônica” e “cidades brasileiras”; “sem-terras”, “agricultura”, “carnaval”, “arquitetura” e “religião” comparecem no total dos programas com 4,87% cada; temas como “música em geral”, “o nordeste”, “comércio”, “atividades militares”, “violência”, “racismo”, “minas de ouro”, “fauna”, “poesia e cultura” estão presentes com 2,43% cada.

Na área de Ensino e Aprendizagem de LE, Bastos (1998:36-8)¹⁰, em um artigo intitulado “Identidade cultural e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil”, traz resultados de uma pesquisa realizada com estudantes (entre 15 e 18 anos) e professores de língua estrangeira. Nesse trabalho, apoiada em estudos dos autores algerianos Fanon (1979)¹¹ e Memmi (1977)¹², entre outros, a autora investiga, entre outros temas, a relação entre alguns estereótipos coloniais, “imagens dos povos estrangeiros de primeiro mundo (Estados Unidos, Inglaterra, França)” e a “auto-imagem” dos brasileiros, bem como a idealização de determinadas línguas. Bastos assinala que problematizou o tema, partindo da hipótese de que “os povos de primeiro mundo” seriam considerados, pelos sujeitos de

¹⁰ Este artigo tem como base a dissertação de Mestrado da autora: Bastos, H (1988) *Pushing the boat from within: an analysis of historical and sociocultural factors in EFLT* – Dissertação (Mestrado em Inglês), Faculdade de Letras – UFMG, Belo Horizonte, MG.

¹¹ Fanon, F. (1979). *Os condenados da terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Civilização Brasileira.

¹² Memmi, A. (1977). *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Paz e Terra.

pesquisa, “eficientes, embora frios e calculistas”, e os brasileiros, “preguiçosos, desonestos, embora afetivos e solidários”. A conclusão, em linhas gerais, revelou a presença de uma imagem dos brasileiros associada à “preguiça e desonestidade”, principalmente entre os professores de LE. Diferentemente, os povos ditos de “primeiro mundo” foram associados à eficiência, pontualidade e responsabilidade. Para a autora, essas associações confirmam a perpetuação de estereótipos coloniais.

Também na área de Ensino-aprendizagem de LE, embora não enfocando especificamente a questão da imagem, Bolognini (1996) analisa a construção do espaço de significação para sujeitos aprendizes de LE, brasileiros e alemães, a partir de sentidos produzidos na esfera das relações de contato nacional entre Brasil e Alemanha. Nessa pesquisa, ancorada na base teórica da Análise de Discurso de linha francesa, a autora analisa documentos históricos: “jornais, revistas, documentos, livros e discursos, encontrados tanto na Alemanha, como no Brasil” (*op.cit.*: 14) que resgatam o percurso de “constituição de sentidos a respeito do que significa ser alemão e do que significa ser brasileiro” (*op.cit.*:38).

Objetivando mapear as ressonâncias de tais sentidos, Bolognini analisou as relações de contato entre os dois países, desde a época da colonização brasileira, focalizando as várias configurações dos sentidos produzidos sobre os povos dos dois países ao longo da história. Posteriormente, a autora cotejou os resultados dessa análise a registros provenientes de análises de conversação atuais, entre brasileiros e alemães. Uma de suas conclusões acenou para a reprodução dos sentidos construídos no decorrer da história das relações entre os dois países na análise conversacional atual. De acordo com a

autora, a análise do *corpus* de enunciados¹³ revelou que os sentidos atribuídos tanto aos alemães quanto aos brasileiros conservaram-se estabilizados em uma mesma esfera de valoração: os atributos dos alemães se mantiveram em torno de um campo de qualificação positiva; por outro lado, os atributos dos brasileiros se conservaram numa esfera de valoração negativa, pois os sujeitos enunciadorees permaneceram “fixos” em um mesmo “lugar de interlocução”, embora Bolognini ressalve que as qualificações atribuídas aos alemães e aos brasileiros tenham se modificado, ou seja, tenham sido substituídas por outras, ao longo da história das relações de contato.

A propósito dessa revisão de literatura, cumpre sublinhar que as três pesquisas inventariadas acima revelam a existência de uma preocupação de pesquisadores contemporâneos da área de Linguística Aplicada com questões associadas às representações: do Brasil, dos brasileiros, e de estrangeiros, e ainda com os vários desdobramentos que gravitam em torno dessas questões.

Com relação a essas pesquisas, cabe mencionar também que, se o trabalho de Franco (2000) analisa especificamente a imagem do Brasil, a partir de registros produzidos no exterior, o trabalho de Bastos (1998) focaliza a imagem de pessoas originadas de alguns países europeus e dos brasileiros, a partir de dados obtidos entre estudantes e professores de língua estrangeira. Já o trabalho de Bolognini (1996) coteja dados produzidos tanto no Brasil quanto na Alemanha com análises de conversação coletadas exclusivamente no Brasil. Entre os três trabalhos, considerando-se o tema de

¹³ Para uma explanação sobre as diferenças entre *corpus* de arquivo/*corpus* de enunciados na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, remetemos o leitor à seção 2.1.

análise: “representações do Brasil no exterior”, o trabalho que mais se aproxima da presente pesquisa é o de Franco (2000). Além disso, do ponto de vista do *corpus* analisado, esse trabalho tem como ponto de partida, registros atuais, provenientes da mídia, o que também o aproxima deste estudo. Por outro lado, cabe sublinhar a existência de diferenças entre esta investigação e a pesquisa de Franco: na área de concentração e no objetivo de pesquisa, entre outras.

Essa revisão de literatura possibilitou perceber, também, que faltam pesquisas que investiguem as representações do Brasil nos Estados Unidos, país cuja língua e cultura, nestes tempos de hegemonia estadunidense, estão cada vez mais fortemente presentes na área dos estudos de Ensino e aprendizagem de LE, bem como na sociedade brasileira em geral. É nesse recorte que o estudo pretende inserir-se, almejando ser uma contribuição, ainda que modesta, para as reflexões dessa área.

Como antes sinalizado, nosso objetivo é estudar as representações da região sul do país em sua articulação com a imigração européia e das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador em suas associações ao carnaval, presentes no imaginário estadunidense na última década do século XX e investigar como elas são produzidas discursivamente¹⁴. Tais representações do Brasil, conforme veremos no capítulo 2, desta dissertação, são recorrentes no *corpus* analisado. A busca de questões discursivas – ideológicas e históricas – realizada por meio de uma análise minuciosa da linguagem dos artigos e dos textos selecionados, será o fio condutor desta investigação. Com base nessas

¹⁴ Importa ressaltar, no entanto, que não almejamos, neste estudo, realizar uma investigação histórica, antropológica ou sociológica. Certamente, tais análises serão conduzidas com maior propriedade por pesquisadores das respectivas áreas.

considerações, bem como nas justificativas presentes no histórico de constituição do *corpus*, seção 2.2, procuraremos responder às seguintes perguntas:

- 1) Como ocorre discursivamente a construção das representações dos imigrantes europeus em sua articulação com a Região Sul do Brasil?
 - 1.1) Que outras representações dos europeus no Brasil, os enunciadores constroem?
 - 1.2) Como ocorre discursivamente a construção de tais representações?
- 2) Como ocorre discursivamente a construção da representação do carnaval em sua associação com as cidades do Rio de Janeiro e Salvador?

Como dito anteriormente, o *corpus* deste estudo é composto por artigos do jornal *The New York Times* e textos do livro *The Brazilians*, de Joseph Page. No capítulo 2, explicitaremos detalhadamente a constituição do *corpus* desta pesquisa, organizada em cinco capítulos. No Capítulo 1, serão apresentados os conceitos relevantes para a realização das análises deste estudo. No Capítulo 2, há uma discussão sobre a constituição do *corpus* deste trabalho, suas condições de produção, bem como de algumas diretrizes que adotaremos para o empreendimento das análises. Os Capítulos seguintes apresentam os resultados das análises: o Capítulo 3 concentra análises do imigrante europeu e da Região Sul do Brasil; o Capítulo 4 focaliza outras representações dos europeus no Brasil, associadas às representações de uma fundação da identidade e da nacionalidade brasileiras; finalmente, no Capítulo 5, a análise é centrada nas representações do carnaval em suas articulações com as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador.

CAPÍTULO 1

DISCURSO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a presente pesquisa, situada no âmbito da Análise de Discurso de linha francesa. Essa investigação apóia-se, principalmente, em estudos realizados por Michel Pêcheux, bem como em trabalhos de outros estudiosos, brasileiros e estrangeiros, decorrentes dessa base teórica. À semelhança de outros estudos que têm articulado, nos últimos anos, alguns conceitos da Filosofia contemporânea e da Psicanálise à Análise de Discurso, e que “vêm construindo um espaço importante para a problematização de questões sobre ensino-aprendizagem de línguas (estrangeiras e materna)” (Ghiraldelo, 2002:28), essa pesquisa traz também para discussão algumas preocupações da Filosofia contemporânea. Para uma referência sobre os estudos que articulam “estudos da Análise de Discurso e da Filosofia contemporânea, como os trabalhos de Derrida e Foucault” (*idem ibidem*), apoiamo-nos em uma pesquisa de literatura¹⁵ realizada por Ghiraldelo (*idem ibidem*).

¹⁵ Apoiados nesta revisão de Ghiraldelo, remetemos, pois, o leitor a trabalhos que articulam a base teórica da Análise de discurso à Filosofia contemporânea: primeiramente, mencionamos dois artigos de Coracini, M.R.J.C., presentes em Coracini (1995): *A aula de línguas e as formas de silenciamento*, p. 67-74 e *A banalização dos conceitos no discurso de sala de aula*, p. 35-49. Outras obras da autora que articulam esses campos teóricos são *Discurso: compreensão e contexto*. Claritas, 2. PUC-SP/EDUC, 1996; e *A escamoteação da heterogeneidade nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula*. Revista Letras, n.14, Universidade Federal de Santa Maria, 1997, p. 39-63. Entre outros trabalhos, realizados por outros autores, Ghiraldelo cita os trabalhos de Grigoletto, M.: *Processos de significação na aula de leitura em língua estrangeira* In: Coracini 1995 e Grigoletto, M.(1999). *Leitura e funcionamento discursivo do livro didático*. In: Coracini, M.J.R.F. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas, SP: Pontes, 1999. Inclui-se a esses trabalhos, Ghiraldelo (2002).

No caso desta investigação, a articulação entre esses dois campos de estudos tem o objetivo de suscitar a reflexão sobre as representações da nação brasileira nos Estados Unidos, frente a algumas discussões sobre representações do “nacional”, bem como sobre identidades culturais e nacionais realizadas na área da Filosofia Contemporânea no momento atual. Para tanto, traremos alguns conceitos de pesquisadores como Bhabha (1990, 1998), Silva (2000) e Woodward (2000). Apesar de estarmos cientes de que essa área e a Análise de Discurso estejam situadas em campos teórico-metodológicos distintos, em face da ampla pesquisa realizada por esses pesquisadores em torno dos temas acima arrolados, consideramos essa articulação teórica importante para a realização deste trabalho.

1.1 A produção de sentidos e a linguagem na perspectiva da Análise de Discurso

Para situar o leitor a respeito das bases teóricas em que se apóia esse campo de estudos, bem como traçar, em linhas gerais, seus objetivos e pressupostos, esta seção apresenta, de modo sucinto, uma introdução à Análise de Discurso de linha francesa.

A Análise de Discurso de linha francesa¹⁶ tem como base comum a união de três áreas do conhecimento “em suas articulações contraditórias: a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. a teoria da ideologia e c. a teoria do discurso, que é a determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 2001a:25). O sujeito (descentrado), atravessado pelo inconsciente, na acepção da psicanálise lacaniana, ocorre também para integrar essa perspectiva teórica. De acordo com Orlandi, a Análise de Discurso, cujo objeto central é a “questão do sentido”, se estabelece “no espaço em que a Lingüística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais” (*idem ibidem*).

Voltada para a análise do processo de produção de sentidos, ou, nas palavras de Orlandi, (*op.cit.*:15), para “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte social geral, constitutivo do homem e da sua história”, esse campo de estudos emerge, a partir dos anos 60, com a proposta crítica de problematizar a questão da interpretação e da leitura (*idem ibidem*).

A Análise de Discurso, como sugere o próprio nome, tem como objeto o discurso, que pode ser entendido “como efeito de sentidos entre locutores” (*op. cit.*: 21). O discurso constitui-se no lugar em que o analista pode explorar o funcionamento da linguagem que,

¹⁶ A partir deste ponto do trabalho, empregaremos a abreviatura AD, para Análise de Discurso de linha francesa.

em sua opacidade, expõe sujeitos e sentidos afetados pela história. Assim, a língua aparece, nesta visão, “como condição de possibilidade do discurso” (Orlandi, 2001b:118). A noção de opacidade da linguagem, que se opõe à idéia de transparência, refere-se à ausência de sentidos atrelados às palavras ou a proposições, no nível do enunciado.

Assinalando que a interpretação realizada pelo analista do discurso não consiste em desvendar os sentidos produzidos pelas palavras, mas em explicitar os modos pelos quais um “objeto simbólico produz sentidos”, Orlandi (1996:64) ressalta que, em face disso, o sentido de uma dada palavra ou proposição “sempre pode ser diferente (outro)”. A autora destaca ainda que, frente a um dado objeto simbólico “há possibilidades infinitas de interpretação, embora pareça ao sujeito [enunciador] que haja sentido nas palavras” (*op. cit.*: 65). A ilusão de que as palavras tenham sentido próprio é produzida por um apagamento do ato de interpretação, a que, no entanto, se submete toda produção de sentidos. Segundo a autora, este apagamento é resultado da ação da ideologia que faz com que o ato de interpretação permaneça oculto para o sujeito no momento em que ele está produzindo sentidos. Para ilustrar essa questão, poderíamos citar uma situação de leitura, por exemplo, em que o sujeito enunciador teria a ilusão de não estar produzindo uma interpretação, mas sim, decodificando os sentidos das palavras presentes no texto, sentidos que, naquele momento, lhe soariam evidentes, claros.

O modo de considerar os processos de significação na AD opõe-se ao “conteudismo” (*op.cit.*:64) que pressupõe uma relação direta entre os objetos do mundo, a linguagem e o pensamento. Segundo Orlandi, decorre daí a ilusão de “se definirem os sentidos pela pergunta ingênua: o que ‘x’ quer dizer?” (*idem ibidem*).

Postulando uma relação entre ideologia e inconsciente, relação esta constitutiva do sujeito, a AD toma a linguagem como o lugar em que essa relação se torna visível. Deste modo, a linguagem afigura-se um local privilegiado para a manifestação do inconsciente do sujeito (*lalangue*) e da ideologia (interdiscurso), que o constituem. É no plano da língua que essas duas dimensões se expõem, tornam-se visíveis, possibilitando, pois, ao analista do discurso explorar os modos pelos quais elas se articulam na produção de sentidos presentes em um dado texto, ou enunciado (cf. Orlandi, 1996).

A propósito do conceito de ideologia, cabe assinalar que, nesta perspectiva, a ideologia opera como um mecanismo imaginário que possibilita ao sujeito o acesso a um conjunto de dizeres já colocados pela história. Voltaremos a essa noção, na subseção seguinte, quando nos referirmos ao conceito de formação discursiva.

A respeito da afirmação de que a língua é o lugar em que o inconsciente do sujeito se manifesta, cabe realçar que o sujeito-enunciador não controla de modo racional os sentidos que produz, pois a “divisão consciente/inconsciente separa o sujeito de parte dele ‘mesmo’” (Serrani-Infante, 1998:245), o que significa dizer, também, que a produção de sentidos não tem origem no sujeito, embora ela se realize “neste mesmo sujeito” (Pêcheux e Fuchs, 1997:170). Na subseção seguinte, veremos ainda as noções de sujeito e de discurso, bem como o conceito de formação discursiva.

1.1.1 Sujeito, discurso e formação discursiva

Objetivando explorar um pouco mais os conceitos de discurso e de sujeito, retomaremos, nesta subseção, alguns aspectos dessas noções abordadas por alguns autores inseridos na perspectiva teórica da AD, bem como os conceitos para estas duas instâncias propostas por Foucault (1972). Em seguida, passaremos à noção de formação discursiva¹⁷.

Foucault (1972:70) nega a existência de um sujeito centrado, alertando para o fato de que o discurso não constitui uma “manifestação majestosamente desenvolvida” por um sujeito “que pensa, que conhece, e que diz”. Ao contrário, o discurso configura, para esse autor, justamente o espaço em que se pode “determinar a dispersão do sujeito e sua descontinuidade consigo mesmo” (*idem ibidem*). Com esta afirmação, Foucault coloca em relevo o caráter descontínuo do sujeito, bem como as fronteiras difusas que ele estabelece com o discurso. O discurso e o sujeito materializam, assim, unidades descontínuas e interdependentes.

Coracini define o sujeito em relação à alteridade, enfatizando sua contradição constitutiva que o conduz a viver entre o paradoxo da incompletude irremediável e a busca pela “unicidade”, com as seguintes palavras:

O sujeito, caracterizado pela incompletude e, ao mesmo tempo, pelo desejo de unicidade, se constitui no outro e pelo outro, buscando no exterior o suplemento da falta fundante, eternamente adiado, outro com quem se relaciona (exterioridade constitutiva que se inscreve num dado momento histórico-social), ocupando lugares e posições em determinadas formações discursivas que, responsáveis pela construção do imaginário, acabam funcionando

¹⁷ Neste trabalho, a partir deste ponto, empregaremos a abreviatura FD para fazer referência à noção de formação discursiva.

como castradoras, cerceadores da produção ilimitada de sentidos (Coracini, 2001a:153).

Essas considerações da autora remetem também aos aspectos “dinâmicos” do sujeito, que atua em um processo de busca contínuo, sujeito pego em um movimento do “vir-a-ser”, do “tornar-se”, do “completar-se”. Sujeito eternamente inacabado, impossibilitado, pois, de desprender-se do caráter de “projeto” que lhe é constitutivo.

Serrani-Infante (1998:245) salienta que, na perspectiva da AD, o sujeito não é considerado um falante que toma a linguagem como “um instrumento para exprimir suas ‘intenções de comunicação’, mas sim “um sujeito pego na ordem simbólica que o produz enquanto sujeito” (*idem ibidem*), pois precisa acessar “a língua e a história” (Orlandi, 2001a:49) para produzir sentidos, para significar. Dessa maneira, a inserção do sujeito na memória, na tradição dos sentidos historicizados é condição para que se instaure o processo de produção de sentidos.

Os sujeitos enunciadore, cujos textos e enunciados serão analisados nesta pesquisa, serão considerados a partir das ponderações teóricas feitas neste trabalho, até este ponto e com base nas considerações presentes na seção 1.3, deste capítulo. Do mesmo modo, os discursos por eles produzidos serão analisados em sua dispersão, em sua historicidade, além de serem tomados como desdobramentos de outras práticas histórico-discursivas, pois, os sujeitos, ao integrarem uma sociedade, são também afetados por outros sistemas simbólicos, “incluindo aí a língua e a cultura” (cf. Coracini, 2001b), ali presentes.

Retornando à nossa discussão, veremos que um outro aspecto da teorização foucaultiana sobre o discurso é destacado por Coracini. A autora relembra que discurso é

“o conjunto de enunciados possíveis numa dada formação discursiva, em que os sujeitos determinam as condições da função enunciativa, ao mesmo tempo em que são por ela determinados” (Foucault 1972 *apud* Coracini, 1995:16). Essa noção de discurso remete ao conceito de FD, um conceito fundamental na esfera da AD, que se afigura crucial para nossas análises. Essa conceituação foi estabelecida inicialmente por esse autor e posteriormente, incorporada à AD. Vejamos, então, o conceito, tal qual ele foi, inicialmente, cunhado por Foucault, para, em seguida, trazer definições posteriores de outros autores da AD:

No caso em que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderiam definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (Foucault, 1972:51).

Percebe-se, pela definição do autor que, nessa acepção, as FDs seriam regularidades enunciativas caracterizadas pela multiplicidade de formas que podem apresentar, bem como pela mobilidade, pela possibilidade de transformação, regularidades que também podem ser identificadas, a partir de um modo de dispersão semelhante. Em uma outra passagem, Foucault (*op.cit.*:204) ressalta que tais regularidades seguem regras que “não se modificam a cada oportunidade”, pois, “podemos encontrá-las em atividade em enunciados ou grupos de enunciados muito dispersos no tempo”.

Percorrendo a evolução diacrônica dessa noção na perspectiva da AD, Serrani-Infante (1997:25) assinala que essa foi inicialmente definida em relação ao conceito de formação ideológica por C. Haroche, P. Henry e M. Pêcheux, 1971. Posteriormente,

constatamos que Pêcheux (1997b:160)¹⁸ retoma essa noção, em que a FD é definida como aquilo que “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” em uma determinada “formação ideológica”, ou, em outras palavras, a partir de uma determinada posição em uma dada conjuntura. Nessa ocasião, o autor acrescenta a tal conceituação que:

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas formações se inscrevem (...) diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes do seu discurso pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes (*op.cit.*:160-161).

A partir dessas afirmações do autor, depreende-se que as FDs estariam situadas em relação a formações mais amplas, que seriam as formações ideológicas. A propósito, Pêcheux (*op.cit.*:148-154) alerta para a necessidade de se fazer uma distinção entre as noções de “formação ideológica”, que constitui uma formação social concreta, historicamente construída e mutável, e ideologia. Na perspectiva teórica da AD, como vimos na subseção anterior, a ideologia é entendida como um mecanismo, ou, dito de outra maneira, como um funcionamento imaginário. Uma formação ideológica pode ser definida como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas que se relacionam, mais ou menos diretamente a *posições*

¹⁸ Vale mencionar que a data da primeira edição brasileira dessa obra, presente nas Referências Bibliográficas, é 1975.

de classes em conflito umas em relação às outras” às quais se (inter) ligam uma ou várias FDs (Haroche, Henry e Pêcheux, 1971 *apud* Serrani-Infante, 1997:25).

A interligação estabelecida entre FD e formação ideológica expõe uma relação postulada entre ideologia e FD. Nessa visão, uma dada FD materializaria, no discurso, uma representação, entre outras, das formações ideológicas. Como afirma Pêcheux, na citação acima, é na linguagem que as FDs se materializam. A propósito da interpelação ideológica, o autor (1997a:152-153) propõe “um caráter” comum para as “estruturas-funcionamento” do inconsciente e da ideologia, afirmando que os sujeitos são constituídos pela ideologia.

O autor destaca, ainda, que os sentidos das palavras, proposições ou expressões se constituem em relação às formações ideológicas em que os sujeitos se inscrevem. Em virtude disto, “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhe é próprio vinculado a sua literalidade” (*op.cit.*:161). Desta maneira, as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes ao passarem de uma FD à outra. De igual modo, “palavras, proposições ou expressões ‘literalmente diferentes’” podem assumir o mesmo sentido no interior de uma mesma FD (*idem ibidem*).

A partir dessas reflexões sobre a produção de sentidos que ocorre no interior das FDs, Pêcheux cunha o conceito de processo discursivo, que designa “o sistema de relações de substituições, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – ‘significantes’” – em uma formação discursiva dada (*idem ibidem*).

Pêcheux & Fuchs (1997:169) enfatizam que o sentido emprestado a uma sequência por uma dada FD encontra-se “recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto para este

último, pela ilusão de estar na *fonte do sentido*, sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente”.

Orlandi (1997:20) reafirma a importância do conceito de FD para a AD, postulando uma relação estreita entre as noções de interdiscurso, FD e o processo de produção de sentidos, com as seguintes palavras:

Sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas FDs (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos). As FDs são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes FDs) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores.

Além das considerações já feitas nesta subseção, as ponderações de Orlandi, acima, ratificam, que, na perspectiva da AD, os aspectos sociais atuam de forma fundamental no processo de produção de sentidos do sujeito, de tal modo que os sentidos produzidos por um sujeito se inserem nos limites daquilo que é aceitável em uma dada comunidade, em um determinado período histórico. Observe-se também que, nessa passagem, as formações discursivas são definidas em relação ao interdiscurso, noção que veremos, na subseção seguinte, juntamente com as noções de pré-construído e da articulação de enunciados.

1.2 Interdiscurso, pré-construído e articulação

Pêcheux (1997b:162) define o interdiscurso em relação às FDs. Nesta conceituação, essa instância que, segundo o autor, também é regulada pela “lei de desigualdade-contradição-subordinação” que rege as formações ideológicas, configura um “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas” (*idem ibidem*). Como vimos na subseção anterior, para Orlandi (1997), o interdiscurso configura um domínio amplo da memória em que habita o universo dos dizeres, construídos ao longo da história. A autora, em uma outra definição, desenvolve a noção de Pêcheux citada acima, acrescentando também reflexões de Courtine. Pelo caráter sintético apresentado por tal conceituação, consideramos pertinente acompanhar as considerações da autora:

Define-se o “interdiscurso” (Pêcheux, 1975) como o conjunto, o todo, à dominante, das FDs. O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso. Além disso, é preciso lembrar sempre (Courtine, 1982) que o sujeito não tem no interdiscurso nenhum lugar para si, já que no domínio da memória ressoa uma voz sem nome, isto é, anônima (Orlandi, 1997:89-90).

Com base nessas considerações de Orlandi, vale ressaltar que, se, por um lado, uma FD configura um recorte, ou, em outras palavras, um conjunto de produções discursivas relacionadas a um dado grupo histórico-social, por outro, o interdiscurso representa um lugar, sem recortes, em que habita um conjunto dos dizeres já proferidos ao longo da história, caracterizando-se, pois, como um domínio amplo, cujos limites

coincidem com a própria história da humanidade. O interdiscurso pode ser considerado, então, como a memória discursiva que compreende os dizeres falados “antes, em um outro lugar” (Orlandi, 2001a:31). Nesta concepção, seria o interdiscurso que “tornaria possível todo o dizer e que retorna sob a forma de pré-construído” (*idem ibidem*).

Dessa maneira, o pré-construído configura um dizer que materializa uma marca do interdiscurso no eixo intradiscursivo, “um efeito discursivo, ligado ao *encaixe sintático*” (Pêcheux, 1997b:99). Postulando que essa noção representa um ponto chave da “*articulação da teoria dos discursos com a Lingüística*”, Pêcheux (*idem ibidem*) define o pré-construído como aquilo que em um dado enunciado “remete a uma construção anterior exterior, mas sempre independente”. Grigoletto (2002:34) complementa o desenho desse conceito, ao lembrar que o pré-construído teria sido elaborado por “Pêcheux e Henry para designar as formas sintáticas de encadeamento gramatical, tais como as orações relativas, que recuperam fragmentos de discursos anteriores cujo enunciador foi esquecido”.

Considerada, na perspectiva da gramática, como um elemento que provocaria uma “ruptura da linearidade” do discurso (Haroche, 1992:116), a oração adjetiva explicativa também denominada parentética, inserção, ou incisa foi classicamente considerada “como o lugar típico em que o sujeito (pode) se mostra(r)” (Serrani-Infante, 1997:103). Partindo de uma relação entre língua e subjetividade, Haroche (*op.cit.*:130-131) focaliza a relação que se estabelece entre a incisa e a subjetividade no discurso, defendendo a tese de que, por meio dessa proposição, o sujeito procura se exprimir. Nesta perspectiva, a inserção é considerada “como a marca de uma subjetividade que procura se dizer”.

Ao analisar as proposições adjetivas explicativas, Pêcheux (1997b:110) realiza uma leitura discursiva da teorização de Frege (1978)¹⁹ sobre o tema. Apóia-se no autor para afirmar que a relativa explicativa apresentaria entre outras, a possibilidade de “ser parafraseada por uma subordinada introduzida por ‘porque’”.

Deslocando-se da perspectiva fregeana para o viés discursivo, Pêcheux postula que a parentética funcionaria de modo a estabelecer uma “articulação” com outra proposição no plano da formulação. Essa articulação, também denominada por ele “processo de sustentação”, constituiria “uma espécie de retorno do saber ao pensamento” (*op.cit.*:111). Analisando a oração: “O gelo, que tem um peso específico inferior ao da água, flutua sobre a água” (*op.cit.*:109), proposta por Frege, o autor discorre sobre a explicativa com as seguintes palavras:

O fato de que a supressão da explicativa não destrói em nada o sentido da proposição de base (...) marca claramente seu caráter incidente: pode-se dizer que ela constitui a evocação lateral daquilo que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto da proposição de base (*idem ibidem*).

Sob esta ótica, a explicativa traria para o fio do discurso do sujeito um conhecimento “estabilizado”, conhecimento que o sujeito teria adquirido em um outro momento, configurando, assim, um “apelo” do sujeito a um saber histórico: o interdiscurso. Deste modo, essa proposição que, como vimos, opera na articulação dos

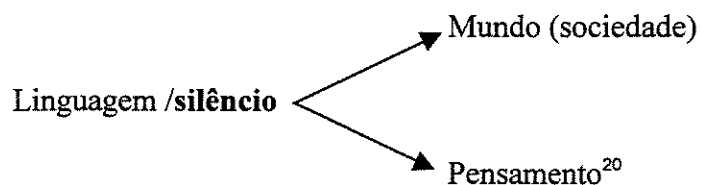
¹⁹ Frege, G. *Ecrits logiques et philosophiques (1879-1925)*, Paris, Editions du Seuil, 1971. Edição em português: *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo, SP: Cultrix e Edusp, 1978.

enunciados, materializa, na perspectiva da AD, uma modalidade pela qual se pode entrever a “ação vertical do interdiscurso sobre o intradiscurso” (Mariani, 1998:167).

1.3 Sujeito, silêncio e produção de sentidos

Para explorar o silêncio em sua relação com a produção de sentidos na linguagem, tomaremos como base a teorização de Orlandi (1997), que atribui papel destacado ao silêncio no processo de significação. Para a autora, a linguagem “transforma a matéria significante por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis” (*op.cit.*:35).

Sob essa perspectiva, os processos de significação se apóiam em duas matérias significantes distintas: o silêncio e a linguagem. Retomando um esquema (*op.cit.*:37) proposto pela autora para analisar a relação entre a linguagem, silêncio, mundo e pensamento, teríamos:



²⁰ O grifo em “silêncio” é nosso.

Cabe notar que essa consideração de Orlandi apresenta, pelo menos, dois desdobramentos teóricos: primeiramente, a afirmação de que o silêncio tem sentido e ainda, que o sentido produzido pela linguagem não tem primazia sobre o sentido produzido pelo silêncio.

A autora alerta que conceber o silêncio como elemento chave do processo de significação implica o estabelecimento de uma distinção entre, de um lado, a matéria significante do silêncio, entendido como o “‘lugar’ que permite à linguagem significar”, ou o “‘indício de uma totalidade significativa” (*op.cit.*:70); e, de outro, a “significância” produzida pela “linguagem (verbal e não-verbal)” (*op.cit.*:36). Nessa perspectiva, o silêncio é entendido como “um *continuum* significante sem os ‘fechamentos’ de sentido próprios da linguagem” (Grigoletto, 2002:134). Deste modo, não se trata de opor silêncio àquilo que é explicitado, ou, em outras palavras, de associar silêncio a implícito, mas de compreender o silêncio como a dispersão que se opõe a uma certa unicidade, possível por meio da linguagem que “se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido (e os sujeitos)” (Orlandi, 1997:36).

Apoiado em Orlandi, Guimarães (2002:68) ressalta que resulta da consideração do silêncio como “condição de produção de sentidos” que a linguagem afigura-se incompleta em relação ao sentido. Entretanto, o autor assinala que essa incompletude não deve ser entendida como “*falta*, mas como *horizonte*” (*idem ibidem*), porque, acrescentamos, não se trata de afirmar que a linguagem é incompleta em si mesma, mas de dizer que há outra matéria significante que também atua no processo de significação.

As considerações que tecemos nesta seção, até este ponto, sobre o silêncio, na perspectiva discursiva, se aplicam ao que Orlandi (1997:23-34) designa “silêncio

fundador”, que representa uma das duas grandes subdivisões nas formas do silêncio. A segunda é a política do silêncio que dispõe as cisões entre “o dizer e o não dizer”. A política do silêncio se subdivide em silêncio local “que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)” e o silêncio constitutivo, que materializa, em linhas gerais, os silenciamentos produzidos pelo sujeito no percurso de produção de sentidos. Dito de outra maneira, submetido a uma ordem delimitada pelo “dizer” e pelo “não dizer”, ordem a que se submete para significar, o sujeito constrói com seu discurso um desenho no entremeio de outros discursos, num traçado que apaga outros dizeres. Assim, o silêncio constitutivo “estabelece o que fica de fora para se poder significar” (Guimarães, *op.cit.*:68). Finalmente, consideramos oportuno assinalar algumas diferenças entre o silêncio constitutivo e o silêncio fundador. Orlandi alerta sobre essas diferenças, com as seguintes palavras:

A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio é que a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo. Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: diz-se ‘X’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ FD, uma ‘outra’ região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das FDs, determinando conseqüentemente os limites do dizer (*op.cit.*: 75-76).

Para concluir, cabe ainda esclarecer que, na teorização da autora sobre o silêncio, o vocábulo “silenciamento” é entendido como ‘pôr’ em silêncio.

1.4 Imaginário e realidade

Nesta pesquisa, procuraremos compreender a linguagem dos textos em sua dimensão sócio-histórica, ou melhor, explorar os dizeres que estavam em circulação no imaginário estadunidense na última década do século XX, sentidos a respeito do carnaval e dos imigrantes europeus no Brasil que se cristalizaram naquele imaginário em detrimento de outros que foram descartados ao longo da história. Vejamos, então, como se apresentam os conceitos de realidade, representação e imaginário na perspectiva da AD.

Ghiraldelo (2002:41) relembra que o estudo em que Pêcheux (1997a) define imaginário em relação à noção de língua e de “inconsciente” é inaugural na área de estudos da linguagem. Nesse estudo, o imaginário, definido em relação às representações imaginárias, configura um jogo de imagens que estariam presentes “em todo processo discursivo”. As relações imaginárias seriam estabelecidas “por um feixe de relações, também imaginárias, entre enunciador e enunciatário(s) na materialização de discursos” (Ghiraldelo, *idem ibidem*).

Pêcheux (1997b:162-163) tematiza sobre a realidade em relação ao interdiscurso e à ideologia. Para o autor, a ideologia desenha os contornos da realidade para um dado sujeito. Nesta conceituação, as representações produzem-se no imaginário do enunciador, a partir da relação que esse sujeito estabelece com as formações ideológicas e das relações imaginárias que ele estabelece com a realidade. Acompanhemos, então, suas palavras:

(...) o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso

intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (...) o EGO, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade).

Assim, o imaginário, numa acepção ampla, materializa o conjunto de dizeres colocados sócio-historicamente, em um dado momento, que, ao serem atravessados pela interpretação do sujeito, constituem a realidade e são constituídos por ela. Entretanto, cabe destacar que, nessa acepção, a realidade não é concebida como uma instância já colocada em um mundo externo ao sujeito, mas como “algo que resulta da necessária significação com que o homem, ser simbólico, investe suas práticas sociais e languageiras” (Mariani, 1998:27).

Coracini desenvolve a noção de imaginário discursivo em relação às condições de produção, com as seguintes palavras:

(...) Todo texto se constrói a partir de determinadas condições de produção marcadas pelo imaginário discursivo: a imagem que o sujeito locutor quer passar ao interlocutor (doravante I) de si mesmo, da idéia que ele faz da imagem que o seu interlocutor, também imaginado (=leitor ideal), tem dele, locutor (doravante L), da imagem que L tem do referente (do fato ou do conceito em questão) e imagina que I tem do mesmo referente. (...) ele, leitor é igualmente construtor de significado no momento da leitura, e que, portanto lê sempre a partir de sua FD (Coracini, 1995:32).

Essas considerações da autora referem-se ao texto, pois foram formuladas em relação a uma situação de leitura, mas aplicam-se a qualquer processo de produção de sentidos. Com base nessas ponderações de Coracini, é possível perceber, como assinalamos no início da seção, que qualquer processo de significação afigura-se completamente atravessado pelo imaginário discursivo, do qual faz parte um jogo de

imagens em que o autor / enunciador se coloca sempre em relação a um determinado leitor / interlocutor. Tal jogo de imagens constitui o autor / enunciador, e, simultaneamente, atua de maneira decisiva no processo de sua produção textual ou de qualquer produção de sentidos. Na seção seguinte, veremos algumas considerações acerca das representações da nação, na perspectiva de alguns autores que abordam o tema.

1.5 O contar da nação

Esta seção apresenta uma discussão sobre conceito de nação, bem como algumas noções a ele relacionado. Para abordar esta conceituação, recorreremos, de modo especial, a teorizações sobre o tema estabelecidas por três autores: Anderson (1991), Bhabha (1990 e 1998) e Silva (2000).

Segundo Anderson (1991:46), a consolidação da imprensa como uma empresa capitalista frente à diversidade inescapável da diversidade das línguas humanas “estabeleceu condições que criaram um cenário propício para a emergência da nação moderna” ²¹ (Anderson, 1991:46). Essas reflexões do autor expõem fatores que teriam contribuído significativamente para delinear um conceito de nação, amplamente explorado a partir do século XIX (Pagano, 1996). Nesta perspectiva, o surgimento das comunidades, a partir das quais teriam se originado as nações modernas, teria sido fortemente impulsionado no século XVI, inicialmente, por uma aliança estabelecida entre um “capitalismo de imprensa” e o protestantismo, que encontraram em uma Europa a cada dia

²¹ Tradução minha.

menos bilíngüe, ou, em outras palavras, que falava cada vez menos o latim, um lugar propício para desenvolver-se (Anderson, *op.cit.*:37-40).

Ghiraldelo (2002:67) assinala que a denominação “comunidade imaginada” é atribuída ao fato de uma dada nação configurar-se imaginada em relação aos limites (inter) nacionais estabelecidos. Além disso, a autora acrescenta que essa acepção refere-se ao caráter anônimo da nação, cujos membros não se conhecem e nem poderão “ao longo de suas vidas (...) vir a conhecer todos, mas nas suas mentes, há a idéia de uma união, ligada a um alto poder existente de fato, em que o comum deve prevalecer sobre o individual”.

Apoiado em Anderson (1991), Silva (2000) aborda o caráter construído das comunidades de pessoas que se agrupam sob a denominação de uma determinada nação, destacando a importância dessas “comunidades imaginadas” para a questão da identidade nacional, ao afirmar que:

As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma ‘comunidade natural’ em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada (Silva, 2000:85).

Também tomando essa noção de Anderson, Bhabha (1998) afirma que a narrativa da nação moderna começa na Idade Média, a partir de uma separação construída entre a linguagem e a realidade. Para o autor, a nação configura um objeto teórico que somente pode ser apreendido por meio de narrativas, pois não existe empiricamente. Bhabha (1990) define a nação com as seguintes palavras:

As nações, como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e só podem concretizar plenamente seus horizontes no pensamento. Tal imagem da nação – ou narração – pode parecer excessivamente romântica e metafórica, mas é justamente a partir dessas tradições do pensamento político e da linguagem literária, que a nação emerge como uma idéia histórica poderosa no Ocidente (Bhabha, 1990:01) (tradução minha).

É possível perceber por essa passagem que, nessa conceituação do autor, nação e narração se confundem. Pagano (1996:47), com base nessa teorização de Bhabha, acrescenta que a linguagem materializa o elemento “que possibilita a ‘imaginação’, a consolidação e a disseminação da nação enquanto forma de comunidade”.

Destacando o papel mediador da linguagem no processo de “construção de uma história nacional”, bem como na interpretação do “presente e futuro” de uma nação, a autora postula que a linguagem ofereceria a essa “um modelo discursivo de especial relevância” para a construção de um um-nacional (*idem ibidem*).

Bhabha (1998) postula que a nação é construída por meio de duas tramas discursivas. Vinculada à idéia de um “um-nacional”, a narrativa “oficial” configura a narrativa mestra da nação: o pedagógico, conceito inspirado na noção de “comunidades imaginadas” de Anderson. Essa narrativa, (re) produzida para construir um espaço de identificação para o povo, desenvolve-se apoiada na cronologia produzida pela memória historicista, constantemente retroalimentada pela incorporação de novos fatos oficiais, bem como pela inclusão de outros episódios provenientes de uma estrutura “vertical” e, e de caráter geralmente oficial, como se percebe, por exemplo, na ênfase em datas de acontecimentos históricos presentes nos livros escolares, nas comemorações oficiais nacionais.

Nas palavras de Bhabha (1998:222), o “discurso do pedagógico enaltece a monumentalidade da memória historicista (...), a totalidade da sociedade (...) e a homogeneidade da experiência cultural”. O performativo representa a outra modalidade narrativa da nação. Caracterizado pelo seu caráter fragmentário, o performativo configura as várias narrativas produzidas pelas diferentes comunidades, narrativas estas que se desenvolvem à revelia da narrativa pedagógica, pois não apresentam comprometimento ou afinidades com ela. O performativo, segundo o autor, está sempre a ameaçar a totalidade da narrativa pedagógica, e, por vezes, realmente rasura suas linhas de contorno rígidas. Movimentos que “interrogam a história nacional, buscando reescrever narrativas que foram manipuladas ou excluídas da narrativa nacional consagrada” (Pagano, *op.cit.*: 45), são exemplos do performativo. Para ilustrar, podemos citar, entre outros, o movimento feminista.

Retomando Bhabha, a autora (*idem ibidem*) afirma que, “obliterado pela sedimentação histórica do texto pedagógico”, o performativo produz “uma área liminar, um espaço-entre, no qual ‘são negociados os significados do poder cultural e político’” (Bhabha *apud* Pagano, *op. cit.*:45). Nesse espaço “liminar”, local de contestação e negociação, ocorreriam as construções de representações, relacionadas a elementos da sociedade contemporânea, como as identidades nacionais e culturais.

Para a discussão conceitual desses “espaços-entre” ou “entre-lugares”, ou “espaços liminares”, Bhabha retoma uma exposição da artista plástica afro-americana René Green, em Nova Iorque. A própria expositora, ao comentar a mostra, diz que utilizou três cômodos do prédio de um museu: “o sótão, o compartimento da caldeira e o poço da escada” para fazer associações entre as oposições como superior e inferior, céu e inferno.

O poço da escada recebeu placas negras e brancas, tornando-se, assim, um “entre-lugar”, uma passagem entre as áreas, superior e inferior. Cada um dos espaços localizados nas extremidades, superior e inferior, recebeu, exclusivamente, placas referentes ao negro e do branco (Green *apud* Bhabha 1998:22).

Nessa proposta, o poço da escada configura uma passagem, pela qual, obrigatoriamente, os elementos posicionados no andar das placas brancas têm que pisar para se movimentar, um lugar destinado ao movimento do “ir e vir”. Como é composto por placas brancas e negras, esse espaço revela a impossibilidade da existência de um elemento puro, sem misturas, pois todo elemento, ao passar por esse espaço heterogêneo, plural, impregna-se pela mescla ali presente. Referindo-se à questão da representação das comunidades étnicas, Green questiona o caráter construído e estanque que permeia as representações e designações das comunidades contemporâneas:

Mesmo então, é ainda uma luta pelo poder entre os grupos diversos no interior dos grupos étnicos sobre o que está sendo dito e quem diz o que, e quem está representando quem. Afinal o que é uma comunidade? O que é uma comunidade negra? O que é uma comunidade de latinos? Tenho dificuldade em pensar essas coisas todas como categorias monolíticas e fixas (Green *apud* Bhabha, 1998:22).

Silva (2000:76) postula que a identidade é produzida socialmente por meio da linguagem. O autor defende essa tese, em oposição à idéia essencialista de que as identidades configurariam “‘elementos da natureza’, essências”, “coisas” que estivessem “simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas...” (*idem ibidem*). Na perspectiva do autor, a identidade é concebida como algo produzido ativamente no contexto das relações sociais e culturais.

No interior desse processo de produção ativa da identidade, o autor destaca a normalização, que consiste na fixação de uma dada identidade como norma. Segundo Silva, a normalização é uma das formas “mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença”. Esse processo é caracterizado pela atribuição de inúmeras “características positivas” a uma dada identidade, de tal modo que ela se torne “desejável, única e normal”, passando, assim, a ser vista como “a identidade”. Como exemplo, diz que:

Num mundo governado pela hegemonia estadunidense, ‘étnica’ é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é ‘sexualizada’, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional a sua invisibilidade (*op.cit.*:83).

Silva acrescenta que a identidade “ideal” atua como parâmetro para a classificação das outras identidades. Com base nas considerações presentes nesta seção, até este ponto, sublinhamos que, nas análises presentes nesta dissertação, a nação é concebida como uma instância construída por narrativas, imaginariamente delineadas pelos enunciadores, por meio dos discursos que os constituem.

CAPÍTULO 2

A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Neste capítulo, dividido em 4 seções, veremos, primeiramente: os textos que integram o *corpus* desta pesquisa; as justificativas para as escolhas destes textos; bem como algumas reflexões sobre a constituição de um *corpus* de pesquisa na perspectiva teórica da AD. Em seguida, com base nas concepções teóricas desse campo de estudos, teceremos algumas considerações sobre a formação do *corpus* desta investigação e apresentaremos uma descrição do trajeto percorrido para constituí-lo. Esse percurso, como veremos, se entrelaça ao histórico da própria pesquisa. Em seguida, passaremos às condições de produção dos textos que constituíram este *corpus* e finalmente, veremos algumas diretrizes que nortearão as análises. Passemos primeiramente a relação dos textos.

2.1 Constituição do *corpus* da pesquisa.

Texto 1: artigos que enfocam questões sociais sobre o Brasil, publicados no "*The New York Times*", no intervalo de 1992 a 1999.

Texto 2: trechos da obra do autor estadunidense Joseph Page "*The Brazilians*", de 1995.

Para justificar, em caráter introdutório²², a pertinência da análise desses textos para atingir o objetivo da pesquisa, suscita considerarmos alguns pontos. Como já mencionamos na Introdução desta dissertação, a respeito dos recortes de jornais brasileiros utilizados para ilustrar o imaginário brasileiro, também para analisar o imaginário estadunidense, a escolha do discurso jornalístico fundamenta-se no pressuposto de que este gênero discursivo concentra vários discursos constitutivos do imaginário de uma determinada sociedade em um dado momento. A escolha do Jornal *The New York Times* recai sobre o caráter nacional²³ deste jornal.

A propósito do texto jornalístico, cabe destacar que a produção de sentidos dos artigos se realiza também a partir da "linha política dominante no jornal" (Mariani:1998:60). Do mesmo modo, cumpre também reconhecer a presença de um "jogo de influências em que atuam impressões dos próprios jornalistas (eles também sujeitos

²² Na seção 3.2, apresentaremos, de maneira mais detalhada, a justificativa para a incorporação do texto 2 a este *corpus*.

²³ A designação nacional é inspirada em Fairclough (1995:54) que, em uma análise de textos jornalísticos britânicos se refere a "British National Newspapers". Ponderamos também que, o jornal *The New York Times*, à semelhança do que Silva (2001:275) afirma com relação aos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, que, segundo a autora são "'produtos' considerados referências na produção da mídia no Brasil", também, pode ser considerado referência nos Estados Unidos.

históricos) [e], dos leitores”. Entretanto, embora reconheçamos que a linha política adotada por tal órgão de imprensa repercute nas narrativas nele presentes e que, em decorrência disto, certamente, haja diferenças entre as notícias produzidas sobre Brasil, na década passada, nos vários jornais existentes nos Estados Unidos, optamos por nos concentrarmos exclusivamente no jornal *The New York Times*, pelo fato deste jornal ter uma circulação ampla nos Estados Unidos.

Contudo, objetivando ampliar a percepção desse imaginário, como veremos mais detidamente na seção seguinte, decidimos acrescentar textos sobre o Brasil, produzidos em outras esferas da sociedade estadunidense. Para tanto, escolhemos o livro de Joseph Page, “*The Brazilians*”²⁴, cujo autor, professor de Direito Civil da Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos, realiza uma incursão por vários temas relacionados à sociedade brasileira, acrescentando uma dimensão histórica, o que, para a nossa pesquisa, foi de extrema importância. Dito de outra maneira, as representações de momentos históricos da sociedade brasileira, presentes nessa obra, permitiram que acompanhássemos o processo de produção de efeitos de determinados sentidos a partir de um recorte histórico feito pelo autor.

Após apresentar os textos que integram o *corpus*, bem como algumas justificativas para as escolhas desses textos, passemos a algumas considerações sobre a formação do *corpus* desta pesquisa, face às concepções teóricas da AD.

²⁴ Remetemos o leitor ao Anexo II, que apresenta uma cópia da capa e contra-capas desse livro, em que também estão presentes comentários de jornais e revistas estadunidenses sobre essa obra. Informações adicionais sobre autor e obra podem ser obtidas no endereço eletrônico, www10.terra.com.br/500anos/joseph.htm, página que apresenta, também, uma entrevista concedida por Page a um grupo de discussão da internet durante a comemoração dos 500 anos de Brasil.

Como aponta Courtine (1981), na AD, trabalha-se com dois tipos de *corpus*: o experimental, constituído a partir de procedimentos de coleta de dados e o *corpus* de arquivo, formado a partir de textos preexistentes pertencentes a um arquivo, “entendido no sentido amplo como um ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’ (Pêcheux, 1994:57). Com base nessas duas concepções, assinalamos que a pesquisa tem como objeto de análise um *corpus* de arquivo. A respeito dos processos de constituição de um *corpus* na AD, Serrani-Infante (1997:55) observa que:

“... um *corpus* pode ser constituído, então, por uma ou por várias seqüências discursivas; por seqüências discursivas produzidas por um ou por vários locutores; por seqüências discursivas produzidas por posições ideológicas homogêneas ou heterogêneas, ou seja, a uma mesma ou a diferentes FDs; por seqüências discursivas produzidas em sincronia ou diacronia”.

A autora acrescenta que, se um *corpus* é proveniente da combinação dos elementos citados nos pares acima, ele configura um *corpus* complexo. Considerando-se essas reflexões de Serrani-Infante, o *corpus* adotado para esse trabalho é *complexo*, pois é composto por seqüências discursivas produzidas em sincronia e por vários enunciadores.

Na perspectiva da AD, a constituição do *corpus* da pesquisa é um ponto central para o desenvolvimento das análises. De acordo com Courtine (1981), a seleção dos textos ocorre ao longo do período em que a análise se desenrola. Deste modo, o conjunto dos textos do *corpus* não se apresenta totalmente definido ou estruturado no momento inicial da pesquisa, pois será delineado ao longo das análises, a partir das perguntas que forem sendo feitas sobre os textos iniciais do *corpus*. Essas indagações, norteadas pelos objetivos do estudo, determinam recortes, em que o analista irá “localizar os pontos ou as

regiões de ancoragem semântica pertinentes para mostrar os processos discursivos em jogo” (Nunes, 1992:40). Apresentaremos a seguir o histórico da pesquisa, bem como alguns recortes que nortearam a constituição do *corpus* desta investigação.

2.2 Histórico da pesquisa e percurso para constituição do *corpus*

Passemos, então, a uma breve descrição das duas fases de constituição do *corpus* desse estudo. Como veremos no relato subsequente, na primeira etapa, procedemos à coleta de artigos publicados sobre o país no jornal *The New York Times*, na Biblioteca do Congresso, em Washington, e, em seguida, incorporamos ao *corpus*, o livro *The Brazilians* (Page, 1995). Vejamos então a primeira fase.

O *corpus* inicial foi composto por artigos do jornal estadunidense *The New York Times*. Essas matérias foram coletadas na seção de microfilmes da Biblioteca do Congresso em Washington, no período de novembro de 2001 a janeiro de 2002, ocasião em que fizemos um primeiro recorte no conjunto dos artigos sobre o Brasil, publicados naquele jornal, no período escolhido. Frente ao grande número de artigos publicados, foi necessário, inicialmente, realizar seleção, que foi norteada pela busca de artigos que enfocassem aspectos sociais, entendidos no sentido amplo da sociedade brasileira, de tal modo que não nos interessavam, por exemplo, artigos que tratassem de questões políticas, econômicas ou de assuntos relacionados a esporte. Tal triagem foi conduzida pelos nossos objetivos iniciais, pois, a princípio, almejávamos entrever como foram produzidas as representações do Brasil, com foco especial nas representações da sociedade brasileira; em

outras palavras, dos indivíduos brasileiros em suas relações com o espaço que habitavam, o Brasil. Resultou desta coleta um total de 173 artigos, publicados no período selecionado de 1985 a 2000.

De posse dos artigos, começamos a trabalhar nesse *corpus* inicial. Logo concluímos que havia muitas diferenças na forma como as diferentes regiões do Brasil eram representadas. Cientes da impossibilidade de realizarmos uma investigação discursiva de representações presentes em todo o espaço brasileiro, optamos por constituir como objeto de pesquisa alguns recortes desse espaço.

Primeiramente, percebemos que algumas representações do espaço nacional se concentravam, respectivamente, no Rio de Janeiro, em Salvador e na região Amazônica, como um todo. Num segundo momento, observamos que um ponto comum apresentado pelos artigos que enfocavam o Rio de Janeiro e Salvador eram os relatos sobre o carnaval, uma celebração, cuja imagem é, com frequência, associada ao Brasil no imaginário internacional (Backes, 2000). Emergia, assim, uma interlocução que aquelas duas cidades estabeleciam com os indivíduos brasileiros: com uma manifestação cultural, o carnaval

Passemos então, aos artigos sobre a Região Sul. Foi possível perceber que, nessas matérias, a Região Sul apresentava-se associada, com frequência, aos imigrantes europeus. Definimos, pois, dois elementos, o carnaval e o imigrante europeu, que seriam observados a partir das relações discursivas que estabeleciam, respectivamente, com as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, e com a Região Sul, nas representações construídas para esses lugares. Frente à extensa tarefa que nos aguardava, decidimos nos concentrar, neste estudo, apenas nas análises das representações dessas duas regiões, deixando as análises das representações da Região Amazônica, bem como de outros elementos associados às

regiões Sul e Sudeste, para uma pesquisa posterior. Vejamos, então, a segunda fase de constituição do *corpus*, fase esta em que incorporamos ao *corpus* o livro *The Brazilians* (Page, 1995).

Iniciada a investigação, verificamos, em primeiro lugar, a presença de um processo de silenciamento de determinados sentidos nas representações que emergiam a partir das análises dos artigos. Em segundo lugar, constatamos as repetições insistentes de determinados sentidos. Com base nessas observações iniciais, consideramos, naquele momento, que a inclusão da obra de Page seria pertinente, por apresentar relatos de passagens históricas do Brasil, o que ampliaria a nossa percepção dos percursos de dizeres colocados interdiscursivamente naquele imaginário.

Deste modo, considerando o imaginário na sua dimensão interdiscursiva, ou nas palavras de Mariani (1998:33), como um “dizer colocado interdiscursivamente, uma espécie de ‘reservatório’ de sentidos para o sujeito”, buscávamos compreender melhor os processos de construção discursiva dos sentidos com os quais nos deparávamos. No entanto, cabe ressaltar que a inclusão dessa obra fundamenta-se na ampliação da percepção dos modos de produção de determinados sentidos presentes no imaginário e não na negação da presença do interdiscurso em qualquer formulação do intradiscurso, pois, retomando as palavras de Pêcheux (1997b:167) o intradiscurso, “‘enquanto fio do discurso do sujeito’ é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, ‘uma interioridade’ inteiramente determinada como tal do ‘exterior’”. Passemos, na seção seguinte, às condições de produção.

2.3 Condições de Produção ²⁵

Para empreender a análise de um texto na perspectiva da AD é fundamental considerar as condições de produção desse material, pois, para que um texto passe a ser considerado um discurso, e não um conjunto de enunciados, é necessário considerar as suas condições de produção (Orlandi, 2001b:117). De acordo com a autora, as condições de produção “representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso”.

O *corpus* desta pesquisa reúne artigos de jornal e textos do livro citado anteriormente. As matérias do *The New York Times* foram publicadas no período de 1992 a 1999 e o livro de Joseph Page, como antes assinalado, no ano de 1995. Considerado numa acepção genérica, o público-alvo desses materiais é o conjunto da sociedade estadunidense. Esta constituição do *corpus* deixa entrever a presença de condições heterogêneas de produção, pois ele é composto por discursos produzidos em situações de enunciação distintas e por vários enunciadores.

Vejamos as condições de produção dos artigos produzidos pelo Jornal *The New York Times* para, em seguida, comentar a situação de produção da obra de Page. Segundo um artigo publicado pela revista *Veja* (2002)²⁶, a rotina dos correspondentes estrangeiros no Brasil é marcada por viagens constantes, motivadas tanto para produzir reportagens no interior do país, quanto para fazer a cobertura de outros países da América do Sul. Além

²⁵ Lembramos que a noção de condições de produção em relação ao imaginário discursivo foi abordada na seção 1.4 desta dissertação.

²⁶ Esta matéria, como antes assinalamos, consta como anexo nesta dissertação: Anexo IV.

disso, trabalhando com autonomia restrita, esses profissionais perseguem, em linhas gerais, os temas sugeridos pelos escritórios situados nos países de origem.

Com base nesses comentários, postulamos que as condições de produção de um artigo escrito por correspondentes estrangeiros no Brasil²⁷ apresentam diferenças em relação às condições de uma matéria produzida por jornalistas locais, bem como por articulistas que escrevem nos Estados Unidos, por exemplo. Além disso, contribui também para criar condições de produção diferentes, o fato de esses profissionais serem estrangeiros para os países em que se encontram, pois, embora mantenham um vínculo profissional e pessoal com o país de origem, eles se deslocam do espaço natal e fixam residência no Brasil. Assim, é possível dizer que esses sujeitos, constituídos por discursos produzidos em outras regiões do mundo, são também afetados pelos discursos aqui produzidos.

Tomada em relação a essas considerações, cabe notar também que a rotina de trabalho caracterizada por idas e vindas pelo interior do país bem como para o exterior denuncia um processo constante de enraizar-se e desenraizar-se. Esse processo remete a algumas reflexões de Pagano (1996:150) sobre os depoimentos de escritores e tradutores da nação Argentina e da nação brasileira. Apoiada na teorização de Bhabha sobre o “entre-lugar” (cf. seção 1.5), a autora afirma que o lugar em que transitam alguns desses escritores e tradutores é um “espaço-entre”. Para ilustrar essas reflexões, Pagano retoma as palavras de Mignolo:

²⁷ Ver, a respeito disto, também, o anexo IV, artigo da revista *Veja* (2002) sobre os correspondentes estrangeiros.

Assim as discussões sobre *loci de enunciação* e construções imaginárias das/nas Américas surgiram vários anos atrás, a partir desse sentimento conjugado de “ser americano” propriamente dito, isto é, vir da Argentina e morar *nos Estados Unidos*, sentir-se (latino-) americano na interseção de *ser de* e *estar em*. Não faço a idéia do que seja ser (latino-) americano, mas sei sim como é estar *aqui* (Mignolo *apud* Pagano, 1996:151).

Consideradas em relação às reflexões de Pagano, cremos poder dizer que as condições de produção das matérias produzidas pelos correspondentes estrangeiros no Brasil podem ser afetadas por essa dinâmica de morar no estrangeiro, de ter contato com, ao menos, duas nações, dinâmica esta também intensificada pelas constantes viagens desses jornalistas a outros países e regiões do interior do Brasil para produzir matérias sobre o país. Assim, esses artigos são escritos em um espaço, em um local intervalar, entre o “chegar” e o “sair” de um determinado lugar.

Entretanto, cumpre destacar que não estamos afirmando que exista uma relação direta entre esses aspectos relacionados à vida e à rotina desses jornalistas e os artigos escritos por eles, mas sim que a escrita dessas matérias pode ser influenciada por tais fatores. Como afirma Pêcheux (1997:86) “em uma determinada configuração de condições de produção de um discurso, os elementos que constituem este estado não estão simplesmente justapostos, mas mantêm relações suscetíveis de variar segundo a natureza dos elementos colocados em jogo”.

Passemos, então, às condições de produção do livro *The Brazilians*. Essa obra de Page, lançada em 1995, é resultado de viagens e estudos sobre o Brasil realizados pelo autor ao país. Ao relatar a trajetória de produção desse livro, Page (2000)²⁸ diz que, a

²⁸ Entrevista disponível no endereço eletrônico citado na nota de rodapé anterior.

princípio, pretendia, à semelhança da biografia que produziu de Juan Perón, escrever uma biografia sobre “uma figura brasileira” que apresentasse interesse para o público estadunidense. Entretanto, como não encontrasse um personagem brasileiro que, isoladamente, reunisse esses requisitos, teria seguido as orientações de seu agente literário no sentido de escrever um livro que apresentasse um “retrato coletivo” sobre os brasileiros, à semelhança do que havia feito o escritor italiano Luigi Barcini, que publicou “Os Italianos”. A partir desse momento, o autor teria iniciado a escritura do livro *The Brazilians*.

Com base nas declarações do autor, um aspecto importante para a caracterização da situação de produção dessa obra é o fato de ela ter surgido com o objetivo de traçar um retrato geral da sociedade brasileira, bem como de que tenha sido resultado de viagens ao país. Passemos, a seguir, a algumas diretrizes que tomaremos para analisar os registros.

2.4 Percursos para as análises dos registros

A par das discussões do capítulo 1, nesta última seção do capítulo, consideramos pertinente apresentar, de modo sucinto alguns pontos teóricos específicos que serão observados mais detidamente nesta investigação. No capítulo seguinte, 3, apresentaremos as primeiras análises.

Destacar o modo de funcionamento da linguagem, essa é a forma empregada na AD para se explorar a superfície lingüística. A consequência de se trazer o funcionamento da linguagem para a frente da cena resulta que se podem trabalhar “unidades de vários

níveis – palavras, sentenças, períodos, etc. – sob o enfoque do discurso” (Orlandi, 2001b:116), pois é o funcionamento discursivo que constitui um dos fatores que diferenciam uma análise discursiva. Dessa forma, o foco do analista do discurso é o funcionamento das unidades que operam no nível da linguagem. O modo como essas unidades se articulam em uma dada relação sócio-histórica deixa entrever a posição do sujeito e as FDs a que ele está filiado. A descrição prévia é um outro aspecto característico da análise (Orlandi, 1996:64).

Apoiados nessa teorização sobre os procedimentos de análise em AD focalizaremos na materialidade lingüística, prioritariamente:

- i. As proposições relativas explicativas, ou incisivas que serão consideradas com base nos estudos de Pêcheux (1997), como elementos provenientes do interdiscurso que irrompem no enunciado, produzindo um efeito de sustentação para uma outra proposição presente no intradiscurso, conforme seção 1.2, desta investigação;
- ii. os deslizos, ou efeitos metafóricos considerados na acepção que Pêcheux (1997:96) dá a esses termos. Segundo o autor, esses mecanismos caracterizam-se por estabelecerem uma relação de sinonímia contextual entre dois ou mais termos ou entre “grupos de termos”, de maneira que ele(s) passa(m) a produzir “o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado”. Na superfície lingüística, esses deslizos materializam-se por meio de substituições de palavras ou termos;
- iii. as construções lingüísticas que apresentam oposições, conforme estudos de Silva (2000);

Buscaremos entrever, também, nas análises, os processos de silenciamento dos sentidos. Essa categoria de análise será pautada pelos estudos de Orlandi (1997) sobre o silêncio constitutivo, conforme denominação empregada pela autora, seção 1.3, deste trabalho.

Considerando-se que o silenciamento é um processo não diretamente observável na materialidade lingüística, ou, em outras palavras, que não há “*marcas* formais” do silêncio, ele tem que ser observado pelos seus “efeitos”. Deste modo, para compreender o movimento do silenciamento dos sentidos no processo discursivo, buscaremos as “pistas” ou “traços” (Orlandi, 1997:48) que deixam entrever a sua presença nos modos de produção de efeitos de sentido. Para tanto, é necessário considerar o processo de significação em uma acepção ampla, procurando indagar, nas análises dos registros, os sentidos que estão sendo silenciados por determinados dizeres ou discursos. Nas palavras de Orlandi (*op.cit.*: 47), para tornar o silêncio visível, “é preciso observá-lo *indiretamente* por métodos (discursivos) históricos, críticos, des-construtivistas”. Assim, para compreender o silêncio é preciso considerar os processos de construção dos efeitos de sentido, focalizando “a historicidade do texto” (*idem ibidem*).

Cabe mencionar finalmente que as seqüências discursivas analisadas nesta pesquisa não se apresentam em uma ordem cronológica, pois pertencem ao nível do discurso. Apoiada em Orlandi, Grigoletto (2002:65) afirma que as seqüências discursivas (denominadas recortes nesta pesquisa) configuram “fragmentos da situação discursiva” que dão “conta de revelar uma determinada configuração do discurso analisado”. A autora ressalta que não há necessidade de que os recortes obedeçam necessariamente a uma ordem cronológica, pois “o discurso não se constrói dessa maneira”, já que, pela

própria “relação constitutiva com outros discursos, os sentidos de um discurso não estão em um espaço fechado” (*idem ibidem*). Acrescentamos que, do mesmo modo, também não há necessidade de que as seqüências discursivas, que refletem os recortes que realizamos no *corpus*, sigam uma ordem cronológica, pois elas também são da ordem do discurso.

CAPÍTULO 3

O BRASIL E OS EUROPEUS²⁹

“I looked around and decided that this was the place where a worker could have a future”, Mr. Vargas said and relaxed on a free afternoon in the neighborhood, one of a dozen impoverished settlements in the city. “This is a place for serious hardworking people. These Germans only want to work and to produce” (brasileiro, morador de Blumenau, em depoimento ao jornal The New York Times, NYT, 04/05/1992; A, 4:3).

Neste capítulo, dividido em quatro seções, analisaremos os modos de produção das relações construídas discursivamente entre as representações da Região Sul e dos imigrantes europeus³⁰ e de seus descendentes no Brasil, focalizando os elementos que sustentam discursivamente a construção dessas imagens.

Começemos as análises dos registros pelas representações dos imigrantes alemães.

²⁹ Bergmann (1978:103) divide a imigração européia no país em 3 períodos. No primeiro, de 1500 a 1640, o Sul teria recebido esparsos imigrantes. Em 1618, os portugueses “fundaram Sacramento, no Rio da Prata” (*op.cit.*:105). O segundo período estava compreendido entre 1640 a 1808. Mas, somente no terceiro ciclo, a partir de 1889, a Região Sul teria presenciado uma intensificação da imigração européia. Os italianos teriam se dirigido ao Rio Grande do Sul (*op. cit.*:103-122), prioritariamente. Os alemães, por exemplo, teriam implantado, de 1824 a 1899, 36 “núcleos de imigração” exclusivos (Magalhães, 1993:25), distribuídos nos 3 estados da Região Sul; 24 no Rio Grande do Sul; 10 em Santa Catarina; 2 no Paraná.

³⁰ Neste capítulo, estarão presentes representações de imigrantes europeus e/ou de seus descendentes provenientes dos seguintes países: Alemanha, Bélgica, Itália, Polônia e Holanda.

3.1 O Sul, o alemão, a sombra e o passado

As análises desta seção focalizam os modos de construção das representações dos imigrantes alemães e de seus descendentes. Veremos que essas imagens são produzidas no entremeio de outras. Investigaremos, inicialmente, a representação das ações desses imigrantes e de seus descendentes no Brasil; em seguida, passaremos à imagem das primeiras comunidades alemãs no Brasil e das cidades atuais brasileiras que teriam sido construídas pelos imigrantes alemães na região Sul do Brasil. Finalmente, analisaremos como se produzem discursivamente as representações do imigrante alemão e de seus descendentes. Vale ressaltar que essas três instâncias não se apresentam estanques. Ao contrário, elas se influenciam mutuamente, pois apresentam fronteiras fluidas que se entrecruzam. Passemos às análises³¹.

³¹ Como notificação a respeito da identificação dos recortes analisados nesta dissertação, assinalamos que esses serão numerados em ordem crescente. Para as referências, utilizaremos, no final de cada recorte, as seguintes abreviaturas:

Recortes do livro de Joseph Page (Page, 1995:116):

Page – sobrenome do autor;

1995 – ano de publicação;

116 – número da página.

Recortes de artigos de jornal: (NYT – 15/02/1992, A, 4:3):

NYT – Jornal The New York Times;

04/05/92 – respectivamente dia, mês e ano da publicação;

A – seção do jornal;

4 – página;

3 – coluna.

Cabe mencionar, finalmente, que os títulos dos artigos estarão presentes no anexo III, onde se encontram as referências bibliográficas completas dos artigos e obras analisados. Os títulos que forem relevantes para as análises estarão presentes na identificação do artigo. Neste caso, o título será apresentado logo

[1] The lasting contributions made by German immigrants and their descendants have been more collective than individual. In Brazil's three southernmost states, they established communities that even today often retain the appearance of tidy, well-scrubbed German towns. Many brought with them the Protestant faith and helped it to take root in Brazil. In addition they were instrumental in the founding of Brazil's first breweries; in the launching of VARIG and VASP, the country's first airlines; and they provided the driving force behind the rapid growth of the shoe and textile industry in southern Brazil (Page, 1995:116).

Destacamos, primeiramente, o substantivo *contributions*³² (“contribuições”) que, como poderemos perceber nas análises, materializa um elemento que se encontra fortemente presente em todo o recorte. Vejamos, a seguir, formulações que se aproximam por apresentarem diferentes formas, pelas quais os imigrantes alemães e seus descendentes teriam contribuído para a coletividade brasileira e para o desenvolvimento econômico e industrial do país.

- i. Ao estabelecerem colônias que se tornaram cidades limpas e organizadas;
(In Brazil's three southernmost states, they established communities that even today often retain the appearance of tidy, well-scrubbed German towns);

após o número de identificação do recorte. No anexo I, encontram-se as traduções para o português dos recortes analisados.

³² Na reprodução de seqüências discursivas presentes no corpo do texto desta dissertação, adotaremos o seguinte padrão: as seqüências em inglês reproduzidas conforme o o texto base, serão grafadas em itálico e as traduções ou paráfrases dessas formulações, ou de parte delas, serão apresentadas entre aspas.

- ii. Ao atuarem como pioneiros na criação de empresas e de alguns setores industriais (*in the launching of VARIG and VASP, in the founding of Brazil's first breweries*);
- iii. Ao fomentarem a industrialização da região Sul (*they provided the driving force behind the rapid growth of shoe and textile industries in Southern Brazil*);
- iv. Ao trazerem para o Brasil a religião protestante e ao contribuírem para difundi-la (*Many brought with them the Protestant faith and helped it to take root in Brazil*).

Como sinalizado acima, depreende-se, por meio dessas formulações que as ações dos imigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil são caracterizadas como “contribuições”. Cabe notar que, se as contribuições relacionadas nas seqüências (i) e (iii) são regionais, concentradas na região Sul do país, como indicam os sintagmas *three southernmost states* e *southern Brazil*, as formulações (ii) e (iv), deixam entrever que os efeitos dessas contribuições se ampliam, passando a produzir resultados em nível nacional, como indica o substantivo *Brazil* em ambas as formulações. É interessante notar a presença da religião protestante em uma lista de contribuições ao país. Voltaremos a este ponto no capítulo seguinte.

Observe-se que, nas seqüências (i), (ii) e (iii), ao estabelecer uma ligação entre obras, materializadas em cidades e empresas edificadas no passado, bem como em segmentos industriais inaugurais, que ainda se conservam no presente, o enunciador destaca os aspectos de “solidez e durabilidade” dessas obras. Depreende-se por meio

deste realce, observado em todo o recorte, que o substantivo *contributions* e o adjetivo *lasting*, itens lexicais que, na superfície lingüística, se apresentam unidos no sintagma *lasting contributions*, materializam os elementos centrais de uma produção circular de sentidos. É interessante observar que o adjetivo *collective*, também atributo de *contributions*, funciona de modo a produzir efeitos de sentido que destacam o caráter coletivo de tais contribuições. Vejamos a seguir, mais detidamente, os modos pelos quais os aspectos de “solidez e durabilidade” são realçados na construção das representações das contribuições dos imigrantes alemães e de seus descendentes ao país.

Trabalhando no nível do léxico, destacamos as formas verbais *launching* e *founding*, que, ao aludirem à criação de diferentes empresas e segmentos industriais brasileiros: “cervejarias”, “empresas aéreas”, “indústrias têxteis e de calçados” (*breweries, airlines, shoe and textile industry*), se aproximam por produzirem efeitos de sentido de “fundação”.

Considerando-se os efeitos de sentido produzidos por esses verbos, é possível afirmar que a menção à “fundação” pressupõe a articulação de dois momentos temporais distintos, pois enuncia uma origem a respeito de determinado elemento, concretizada em uma ocasião inicial do passado, e a existência desse elemento até um segundo momento, o presente. Note-se que, ao colocar em relevo a existência desses dois momentos em relação a empresas e segmentos industriais, ainda existentes no Brasil atual, como pode ser observada na menção explícita a VARIG e a VASP, essas formas verbais materializam mais um modo de destacar os aspectos de “solidez e durabilidade” das obras criadas pelos imigrantes e seus descendentes.

Além disso, observe-se que os verbos *founding* e *launching* também produzem efeitos de sentido de pioneirismo, que são reforçados pela presença do numeral ordinal *first* nos sintagmas *first breweries*, *first airlines*. A produção desses efeitos de sentido delinea para os imigrantes alemães e seus descendentes uma imagem de pioneiros. Por meio de tal representação, os imigrantes alemães e seus descendentes são qualificados positivamente. Como antes sinalizado, voltaremos a outras representações desses imigrantes e de seus descendentes, mais adiante, nesta seção.

Notamos que o ordinal *first* funciona, também, de modo a produzir efeitos de sentido que reforçam os sentidos de “fundação”, produzidos pelas formas verbais *founding* e *launching*. Lembrando que a menção à “ordem” indicada pelos numerais ordinais é sempre relacional, note-se que a alusão à ordem “primeira” concretiza na superfície lingüística uma ligação entre as empresas e segmentos industriais embrionários que teriam sido fundados pelos alemães durante o período da colonização alemã, e empresas e segmentos industriais atuais. Por meio dessa ligação, os aspectos de “solidez e durabilidade” dessas empresas e segmentos são realçados.

Observe-se que a seqüência *the German immigrants and their descendants established communities that even today retain the appearance of tidy, well-scrubbed German towns* coloca em relevo esses aspectos por um outro viés. Note-se que, ao focalizar as cidades construídas pelos alemães e por seus descendentes na Região Sul do Brasil, o enunciador remete a produção dos efeitos de sentido circunscritos a tais aspectos ao domínio das construções urbanas. Assim, um dos efeitos de sentido produzido por essa formulação poderia ser expresso da seguinte forma: “Os alemães e seus descendentes

edificaram cidades tão sólidas que, ainda hoje, conservam a aparência de cidades limpas e organizadas”.

Resumindo, nas análises da seção, até este ponto, presenciamos a repetição de diferentes modos pelos quais os imigrantes alemães e seus descendentes teriam contribuído para o país. Vimos, também, que os aspectos destacados na construção da representação dessas contribuições, materializadas tanto nas empresas e segmentos industriais, quanto no domínio das construções urbanas são a “solidez e a durabilidade” que eles apresentam. Como antes sinalizamos, essas repetições descortinam uma produção circular de sentidos que gravitam em torno do sintagma *lasting contributions*.

Esta circularidade, que constrói os mesmos sentidos de várias maneiras, deixa entrever, tanto a estabilização desses sentidos, quanto à presença de um movimento discursivo que trabalha para fixar, ainda mais, tais sentidos no imaginário estadunidense, em outras palavras, para (re) atualizar esses sentidos.

Desta maneira, por meio de repetições, materializadas nos vários modos de construção dos sentidos que gravitam em torno das contribuições advindas do processo de colonização realizado pelos imigrantes alemães e por seus descendentes, o enunciador desenha uma imagem valorada positivamente da presença desses imigrantes e de seus descendentes no Brasil. Assim, o elogio às ações e às obras se desdobra no enaltecimento dos imigrantes e de seus descendentes.

Passemos, agora, a investigar o desenho de imagens de cidades da região Sul do país, construídas por imigrantes alemães. Veremos que a produção dessas representações

é ancorada em uma ligação que o enunciador constrói entre as antigas colônias alemãs e as cidades alemãs³³.

Destacamos, primeiramente, os adjetivos *tidy e well-scrubbed* (“organizadas e limpas”) presentes na formulação *communities that even today often retain the appearance of tidy, well-scrubbed German towns*. Na superfície lingüística, esses adjetivos são, originalmente, atributos de *German towns* e funcionam de modo a qualificar positivamente as cidades alemãs. Assim, as cidades alemãs operam no fio do discurso como uma “matriz” desses atributos.

Note-se que esses adjetivos deslizam (cf. seção 2.4) na materialidade lingüística, primeiramente, para as antigas colônias alemãs (*communities*) e, em seguida, para as cidades brasileiras. Por meio desse deslize, tais adjetivos passam a operar também como atributos dessas colônias e cidades. As cidades brasileiras, embora apagadas na materialidade lingüística, são evocadas pelos sintagmas *even today e retain the appearance*, que funcionam de modo a construir uma ligação entre as antigas colônias alemãs e as cidades brasileiras. Os efeitos de continuidade produzidos pelo verbo *retain* materializam um elemento central desse entrelaçamento.

Reiteramos, pois, que o modo de produção dos sentidos de cidades brasileiras “limpas e organizadas” e que remete ao sentido de “civilizadas” é sustentado discursivamente por essa ligação estabelecida entre as cidades alemãs, as antigas colônias

33 Nas análises subseqüentes, haverá menção a três cidades distintas. Para facilitar a compreensão da referência a essas cidades, adotaremos o seguinte padrão: cidades alemãs (= *German towns*, ou cidades situadas na Alemanha), antigas colônias alemãs (= *communities*, ou colônias brasileiras implantadas pelos imigrantes alemães) e cidades brasileiras (= cidades atuais da região sul do Brasil que sofreram colonização alemã).

alemãs no país, e as cidades brasileiras. Como vimos, por meio desse entrelaçamento, os adjetivos *tidy* e *well-scrubbed* passam a qualificar, positivamente, também, as duas comunidades brasileiras do passado e do presente. Cabe notar, também, que um ponto comum na construção das representações dessas três cidades é o fato de que elas tenham sido edificadas por alemães e por seus descendentes. Ao focalizarmos esse aspecto comum, percebemos que a ligação observada na produção das representações das três cidades deixa entrever um outro modo de valoração positiva não exclusivamente das cidades alemãs, mas dos imigrantes alemães e de seus descendentes.

Observamos, também, que um ponto significativo na construção da representação das cidades alemãs (*German towns*) é o fato de elas se apresentarem “essencializadas”, não recebendo atributos da categoria temporal. O apagamento dessa categoria no fio do discurso sugere que a imagem das cidades alemãs como “limpas e organizadas” apresentasse estabilizada no imaginário estadunidense, não sendo, conseqüentemente, necessário situá-la temporalmente. A propósito, cabe destacar que é expressivo o contraste entre esse apagamento e a presença da categoria temporal na representação das antigas colônias alemãs e cidades brasileiras, como sugere a presença do advérbio *today*, que funciona de modo a produzir efeitos de sentido que situam temporalmente as cidades brasileiras.

Note-se que, tomado em relação aos adjetivos “limpas e organizadas”, esse apagamento da categoria temporal na construção da representação da cidade alemã imprime também um caráter de incondicionalidade a esses atributos. Diferentemente, a presença dessa categoria na construção da representação das cidades e antigas colônias brasileiras imprime um caráter de condicionalidade a essas mesmas qualificações. Assim,

as cidades localizadas na Alemanha, de qualquer época, são “limpas e organizadas”; entretanto, o mesmo não ocorre com as cidades brasileiras.

Com base nessas considerações, assinalamos que tal contraste sugere a existência de processos de diferenciação nos modos de representar as cidades localizadas na Alemanha e no Brasil, sinalizando, de um lado, a presença de uma desestabilização de sentidos circunscritos aos atributos positivos das cidades brasileiras, e de outro, de uma estabilização desses mesmos atributos positivos das cidades alemãs. Por meio dessa diferenciação, é construída uma representação fixa que valora positiva e incondicionalmente as cidades localizadas na Alemanha.

Passemos, a seguir, a investigar os modos de produção da representação do imigrante alemão e de seus descendentes. Destacamos, primeiramente, que a seqüência *they established communities that even today retain the appearance of tidy, well-scrubbed German towns* funciona, também, de modo a produzir efeitos de sentido que poderiam ser expressos por meio da seguinte formulação: “Os alemães constroem cidades limpas e organizadas na Alemanha, bem como no Brasil; logo, a organização e a limpeza, características das cidades que eles constroem ou colonizam, são geradas por eles”. Dito de outro modo, o alemão civiliza o lugar em que habita ou que coloniza. Essa paráfrase sinaliza o estabelecimento de uma relação, em que o alemão atua como agente da construção de “cidades limpas e organizadas”.

Passemos, então, a investigar mais detidamente como ocorre discursivamente essa ênfase na agentividade do alemão. Uma análise lexical do recorte [1] indica uma ocorrência do pronome *many* utilizado em substituição ao sintagma *German immigrants and their descendants (many brought)*. Do mesmo modo, o pronome *they* comparece três

vezes (*they established; they were instrumental; they provided*). Note-se que este pronome é pressuposto na seqüência *in the launching of VARIG and VASP*. Assim, a repetição da anáfora desse sintagma evidencia o movimento do enunciador no sentido de colocar em relevo o participante agente. Fairclough (1995:123), em um outro contexto, enfatiza os aspectos ideológicos subjacentes à questão da agentividade. Fazendo referência às representações produzidas pela mídia inglesa sobre comunidades pobres do “terceiro mundo”, o autor ilustra a omissão da agentividade, postulando que seqüências como “*poverty increasing*” funcionam de modo a representar determinados acontecimentos como se fossem fenômenos naturais e não efeitos criados por pessoas. Nesses casos, a omissão do agente funcionaria, por exemplo, de modo a suprimir a responsabilidade de determinados grupos sobre a situação social e econômica daquelas comunidades. Assim, na teorização do autor, o participante agente, ora seria omitido, ora seria destacado, em função da importância em realçar ou não a existência de um agente para as ações que estariam sendo representadas em determinadas formulações. Grigoletto (2002:147) também aborda o papel do apagamento da agentividade na “diluição do histórico e do político” em formulações sobre a concessão da independência presentes no discurso britânico sobre a Índia.

Apoiados nesses aspectos semânticos da agentividade, assinalamos que o realce no agente revelado nas análises acima trabalha de modo a colocar em relevo a atuação dos imigrantes alemães e de seus descendentes nas realizações representadas no recorte, operando, de modo a torná-las mais realistas e concretas. Esse destaque funciona, discursivamente, de modo a designar o povo alemão como produtor ou criador do elemento “civilização”, e também do elemento “progresso”, delineando para ele, uma

imagem de “eficiente”. Note-se que também é fundamental para produção desses efeitos de sentido o emprego de formas verbais que exprimem ação, como confirmam os verbos que comparecem acompanhando os agentes nos sintagmas analisados acima: *brought established* e *provided*. A presença do adjetivo *instrumental* no sintagma *were instrumental in* produz efeitos de sentido de “algo ou de alguém que é importante para provocar o acontecimento de algo”.

A construção da imagem desses imigrantes e de seus descendentes como eficientes e agentes de progresso, bem como de pioneiros, como vimos anteriormente nas análises, materializa uma normalização. Como vimos na seção 1.5, essa estratégia consiste na atribuição de características positivas a uma determinada identidade, de modo a torná-la parâmetro para a construção e avaliação de outras identidades (Silva, 2000).

Com base nessas considerações do autor, assinalamos que a normalização dos imigrantes alemães e de seus descendentes provoca uma idealização que funciona, discursivamente, de modo a transformá-los em parâmetro para a avaliação não exclusivamente de outros brasileiros habitantes da região Sul, mas de todo o Brasil, avaliação essa que, embora não formulada na materialidade lingüística, pode ser confirmada por uma sucessão de silenciamentos (cf. seção 1.3):

- i. primeiramente, da presença de outros habitantes da região Sul e da participação deles na construção da região em que habitam;
- ii. em segundo lugar, apresentam-se, também, apagadas as ações desses habitantes direcionadas ao desenvolvimento regional e do país;
- iii. em terceiro lugar, observe-se que, do mesmo modo, tanto a presença quanto a participação de outros habitantes de outras regiões do país no

desenvolvimento da região Sul e do Brasil também permanecem silenciadas.

Desta maneira, é possível dizer que, se os atributos positivos dos imigrantes alemães e de seus descendentes são destacados por meio do processo de “normalização”, como vimos nas análises, os atributos positivos dos habitantes brasileiros são silenciados. Com relação à qualificação positiva desses imigrantes e de seus descendentes e a valoração negativa dos brasileiros, a normalização, nas análises desta seção, apresenta, a nosso ver, três consequências principais:

- i. Desenha para as colônias e cidades construídas pelos alemães uma imagem idealizada;
- ii. Desvaloriza o brasileiro, habitante das antigas colônias e das atuais cidades da região Sul do país, ao silenciar a sua participação no processo de construção da região em que habita;
- iii. Contribui para a construção de uma imagem cindida que divide o Brasil em dois. Este último ponto será o tema da próxima seção.

3.2 O Brasil, a Índia e alguns imigrantes europeus

Veremos, nas análises subseqüentes, os modos de construção de representações que se produzem no entrecruzamento de dois discursos: o primeiro associa a região Sul à Europa e o segundo constrói uma rede de sentidos que circula, de um lado, em torno de riqueza, civilização e progresso e de outro, em torno de pobreza e de subdesenvolvimento.

Esses discursos dão visibilidade ao desenho de uma fronteira imaginária entre um Brasil europeu e outro, não europeu. Passemos, primeiramente, a analisar a ligação estabelecida entre a Região Sul do Brasil e países europeus.

[2] Brazil was once described as 'Belindia', an affluent Belgium raising up its walls against an impoverished India. The description may be simplistic, but if any state is a candidate for Brazil's European corner it is Santa Catarina, a southern state, largely inhabited by descendants of 19th century immigrants from Germany and Italy. (...) The many blonds among the schoolchildren and others waiting at a bus stop in Blumenau attest to this background. (NYT, 04/05/1992, A, 4:3).

[3] On paper, Curitiba sounds like another nightmarish third-world city. The population increases 11-fold in the last 50 years. Most households survive on family incomes of less than \$100 (sic!) a week.

In reality, Curitiba is a leafy livable showcase for low-cost solutions that many urban planners believe can be applied in the other growing cities of the third world (NYT, 28/05/1992, A, 4:3).

[4] In recent years, city planners from all over Latin America have travelled to Curitiba, Brazil's eighth largest city, to seek out the gregarious 54-year-old Mr. Lerner.

'Imagine Rio, New York or São Paulo with 25 percent fewer cars on the streets,' said Mr. Lerner, the son of immigrants from Poland, who studied urban planning here and in France. 'We've done that here'.

Ninety tubular bus stops spaced along 150 miles of express bus lanes are part of Mr. Lerner's 'surface subway' an effort to provide fast mass transportation for one-hundredth the cost of digging a subway.

In another alternative to cars, Curitiba is completing 93 miles of bicycle lanes. To promote use by rich and poor alike, the Mayor has begun a program for factories to help workers finance bicycle purchases (NYT, 28/05/1992, A, 4:3).

Consideradas em relação às análises da seção anterior, em que focalizamos a associação de alemães com a região Sul, veremos que, nas análises desta seção,

comparecem associações de outros países europeus a dois Estados da região Sul: Santa Catarina e Paraná.

Começamos trabalhando no nível do léxico, no qual destacamos, primeiramente, a presença dos países: *Belgium*, *Germany* e *Italy* e do continente *Europe*, no recorte [2] e *Poland* e *France* no recorte [4]. Esta escolha lexical em recortes que tematizam estados e cidades da região Sul sugere, conforme sinalizado, que os sentidos sobre esta região se constroem discursivamente, por meio de uma associação com alguns países da Europa, bem como com o próprio continente europeu. Vejamos, a seguir, outros modos de produção discursiva dessa associação e suas implicações.

A seqüência *Brazil was once described as Belindia an affluent Belgium raising up it's walls against an impoverished India* evoca para o Brasil, uma imagem associada à Europa e à Índia que, segundo o enunciador, teria sido atribuída ao país no passado, como deixa entrever a seqüência *was once described as Belindia*.

Note-se que o substantivo *Belgium* emerge na superfície lingüística como uma metonímia da Europa: assim, se no primeiro período do recorte, o enunciador se refere ao par *Belgium* e *India*, no segundo, o par referenciado passa a ser Europa e Santa Catarina, como evidencia o sintagma *European corner*. Este deslize, simultaneamente, associa, no presente, Santa Catarina à Europa e distancia os outros estados brasileiros desse continente, construindo uma representação dos outros estados do Brasil atual, próxima à representação da Índia.

Os adjetivos *affluent* e *impoverished*, atribuídos respectivamente à “Bélgica” e à “Índia”, indicam que o que está operando discursivamente nessa dupla associação (Índia / Brasil; Santa Catarina/Europa) é a situação econômica desses lugares. Um dos efeitos

desses atributos que, na materialidade lingüística, deslizam respectivamente da Bélgica para a Europa e Santa Catarina, e da Índia, para os outros estados do Brasil é produzir uma imagem de riqueza para Santa Catarina e de pobreza para os outros estados brasileiros.

Como antes assinalado, a associação entre o continente europeu e Santa Catarina produz, discursivamente, um afastamento entre a representação desse estado e a dos demais estados brasileiros³⁴. A partir desta “divisa”, que se estabelece entre aquele e os outros estados do país, são construídas representações distintas para o Brasil. A propósito, note-se, também, o substantivo *walls*, que denuncia a existência, no passado, de uma linha imaginária entre dois “Brasis”. Como também cremos ter mostrado nas análises, a produção dessas representações tem como ponto de ancoragem inicial uma oposição construída entre o par Bélgica e Índia.

O recorte abaixo corrobora a presença da existência de uma fronteira histórica entre a região Sul e a região Nordeste, no imaginário estadunidense. Na materialidade lingüística, essa divisa é produzida por meio da separação entre Fortaleza e a região Sul (*developed South*). Cabe notar que a construção discursiva dessa fronteira também se alicerça sobre a “situação econômica” dessas regiões, como atesta o atributo *developed*³⁵.

[5] Ten years ago there was little to envy in Fortaleza, the capital of Ceara State. This northeastern dust bowl seemed condemned eternally to export its

³⁴ Veremos mais adiante, nas análises, que a imagem de Santa Catarina desliza para outras regiões da Região Sul.

³⁵ Não podemos deixar de mencionar que, neste artigo, o enunciador sugere que esta fronteira está se dissipando, como comprova a menção a *ten years ago* (pelo menos, naquele momento, com relação ao Ceará). No entanto, como este sentido não é predominante no *corpus*, não iremos explorá-lo de forma mais aprofundada.

population, hat in hand, to work in Brazil's developed south (NYT, 15/04/94, A, 4:3).

Considerando-se, de um lado, que a representação de Santa Catarina foi delineada a partir das analogias feitas entre a Europa e a Bélgica e de outro, que a imagem dos outros estados brasileiros foi produzida por meio de uma associação com a Índia depreende-se que as representações do Brasil foram construídas, discursivamente, em relação a imagens de outros lugares (Bélgica, Europa e Índia), sinalizando uma produção relacional, ou, em outras palavras, uma construção de representações em relação à alteridade.

Por outro lado, cabe ressaltar que, nesse processo de produção discursiva de imagens para diferentes regiões do Brasil, o enunciador o faz por meio de uma oposição binária³⁶ (riqueza/pobreza). Retomando uma afirmação de Silva (2000:83), a classificação do mundo social, por meio de “duas classes polarizadas”, ou, em outras palavras, a partir de oposições binárias, não expressa “uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas”, pois “um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo” em detrimento do outro que recebe “uma carga negativa”.

Com base nessas considerações, observamos que, na construção de representações para diferentes regiões do país, a partir da oposição binária riqueza/pobreza, o estado de Santa Catarina – rico – é qualificado positivamente, os outros estados do país – pobres,

³⁶ Na perspectiva de Silva, apoiado em Derrida, as oposições binárias, configurariam elementos de sustentação das concepções teóricas do pensamento ocidental. Nessa acepção, a “estrutura” determinante do discurso da Ciência e Filosofia Ocidentais pressupõe sempre a existência de um “centro”, *locus* de uma origem, significado ou presença (Peters, 2000:10).

por sua vez, são valorados negativamente, o que dá visibilidade à presença de processos de diferenciação entre essas regiões do Brasil. Essa oposição também constrói as imagens dos três lugares (Santa Catarina, Bélgica e Europa) como norma e as representações dos outros estados brasileiros e a Índia, como desvio.

Notamos que a construção de imagens nacionais, por meio da comparação com representações de outros países, como presenciamos nas análises desta seção, até este ponto, sinaliza também a estabilização das imagens daqueles países e do continente europeu no imaginário estadunidense e, conseqüentemente, dos sentidos a elas associados. Em face disso, é possível dizer que as representações da Índia, da Bélgica e da Europa, bem como os respectivos sentidos a elas associados, apresentam-se cristalizadas naquele imaginário.

Passemos, a seguir, a analisar outros modos de construção da associação entre a região Sul do Brasil e a Europa. Apoiados em uma análise no nível sintático, podemos perceber do recorte [3], que a oração condicional *if any state is a candidate for Brazil's European corner* exprime a condição para que se realizem os efeitos produzidos na primeira seqüência do recorte: “ser uma Europa” (*European corner*). Em outras palavras, os sentidos expressos nos dois períodos poderiam ser resumidos na seguinte formulação: “Somente Santa Catarina reúne as condições necessárias para se tornar uma Europa dentro do Brasil”.

Vejamos que a oração adjetiva explicativa, que sucede a condicional, funciona de modo a destacar alguns elementos da oração antecedente (*it is Santa Catarina*). Note-se que há dois realces nesta explicativa:

- i. sintagma: a *southern state*;

- ii. A sequência: *largely inhabited by descendants of 19th century immigrants from Germany and Italy.*

Com relação à sequência (ii), note-se que essa inserção (cf. seção 1.2) ao destacar o fato de o Estado de Santa Catarina ser, principalmente, habitado por descendentes de imigrantes alemães e italianos do século XIX, coloca em relevo a linha de descendência³⁷ dos habitantes daquele estado, o que evidencia que tal aspecto sustenta discursivamente a associação entre a Europa e Santa Catarina, bem como a riqueza desse estado. A incisa em (ii) funciona, pois, como um elemento do interdiscurso que emerge no plano da formulação para sustentar a associação sugerida na proposição anterior *if any state is a candidate for Brazil's European corner it is Santa Catarina*. Notamos que o relevo nos aspectos étnicos é significativo na produção de sentidos sobre a região Sul do País em todo o *corpus*. Veremos nas análises seguintes, que esta ênfase também pode ser observada no recorte [4].

A propósito, é significativo, também, o fato de que, ao dar relevo à linha de descendência, o enunciador focalize os habitantes da região, realçando o fato de os “moradores” do Estado de Santa Catarina serem descendentes de imigrantes poloneses e italianos do século XIX, como revela a presença do sintagma *inhabited by*.

³⁷ Os termos “linha de descendência” e “etnia”, que têm sido utilizados, principalmente a partir do século XX em substituição ao termo “raça”, serão empregados neste trabalho com a mesma acepção de “raça”, pois consideramos que todos eles configuram uma referência biológica à “aparência”, a “laços de sangue”. Como afirma Dyer (2000:539), referindo-se a variações da raça-etnia branca, denominações como “britânico, italiano, ou polonês, polonês-americano, irlandês-americano, católicos-americanos, são todas variações da etnia branca” (tradução minha). Assim em muitos pontos deste trabalho, empregaremos a expressão “raça-etnia” para fazer referência à raça ou à etnia de um grupo social. Remetemos o leitor para a citação completa de Dyer na seção 3.4 desta dissertação.

Nas análises da seção anterior, vimos que a imagem das cidades da região Sul do país como “limpas e organizadas” teve a sua construção custeada pela associação do lugar (a Região Sul) à colonização alemã, colocando em foco o fato de “o colonizador” dessas cidades ser de origem alemã. Por outro lado, as análises desta seção, até este ponto, sugerem que a imagem de Santa Catarina como uma região rica teve sua construção alicerçada na associação do “lugar” (Santa Catarina), ao fato de o habitante da região ser descendente de imigrantes poloneses ou italianos.

Assinalamos que, subjacente à construção dessas imagens, comparecem dois elementos: a menção “ao lugar” e ao “homem”. Estes elementos estabelecem uma afinidade entre as representações analisadas na seção anterior e nesta seção, dando visibilidade a um movimento que envolve circularmente o homem, na condição de colonizador ou habitante, com a terra, com o lugar. Neste movimento, o homem europeu emerge como um ser poderoso que molda e transforma o lugar que coloniza e/ou em que habita. O lugar, por sua vez, se constrói como uma sombra do homem, como se fosse a sua extensão.

Passemos, então, às análises dos recortes [3] e [4]. Note-se que os sentidos produzidos pelas seqüências *On paper Curitiba sounds like another nightmarish third-world city* e *In reality, Curitiba is a leafy livable Showcase for low-cost solutions* do recorte [3] deixam entrever a construção de várias oposições. Destacamos, primeiramente, os pares opostos *Curitiba / leafy livable showcase* e *another third-world / city / nightmarish*. A oposição *nightmarish/showcase* constrói as cidades de “terceiro mundo” como “pesadelos”, como revela o atributo *nightmarish* e Curitiba como uma “cidade modelo” (*showcase*).

Notamos que essa representação tecida pelo adjetivo *nightmarish*, atributo de *city*, deprecia as cidades do “terceiro mundo”, de forma geral, como comprova a presença do pronome *another*, que funciona de modo a produzir efeitos de sentido de “qualquer cidade do terceiro mundo”. De outro modo, o sintagma *leafy livable showcase*, atributo de Curitiba, ao colocar em relevo as áreas verdes e a qualidade de vida dessa cidade, a qualifica positivamente. Atravessando essa oposição, desponta outra que opõe *On paper* à *In reality*. Note-se que o sintagma *On paper* produz efeitos de sentido de “indicadores sociais”, como sugere a alusão à renda familiar presente na sequência *Most households survive on family incomes of less than a \$ 100 a week*. O sintagma *In reality* reporta-se, tanto à qualidade de vida da cidade, quanto a aspectos práticos da administração urbana, como confirma a menção a *low-cost solutions* (“soluções de baixo custo”). Observe-se que essas oposições constroem um rastro que valida o parâmetro “indicadores sociais”, quando este se refere a *third world city* e, ao mesmo tempo, o invalida quando se refere a Curitiba.

Sustenta esse movimento em torno da validação/invalidação desse parâmetro uma outra oposição: *Curitiba sounds/Curitiba is*. Esta oposição sugere que, se por um lado, em relação a Curitiba, o parâmetro (“indicadores sociais”) não reproduz a realidade, por outro, se, aplicado às análises de graus de desenvolvimento social de outras cidades do “terceiro mundo”, ele o faz. A dessimetria observada nesta oposição é ancorada nos resultados positivos da administração urbana. Por meio dessa dessimetria, a cidade de Curitiba é construída, discursivamente, como um modelo de planejamento urbano, e, conseqüentemente como uma exceção à regra.

A produção de sentidos em torno da administração urbana pode ser corroborada, no nível do léxico, pela presença dos sintagmas e itens lexicais: *Curitiba, city, low-cost solutions, urban planner*, recorte [3] e *city planners, urban planning, tubular bus stops, bus lanes, mass transportation*, recorte [4], do mesmo artigo. Note-se que o discurso de enaltecimento da administração urbana da cidade é atravessado por um discurso de exaltação à gestão específica do prefeito Jaime Lerner. A posição de destaque do prefeito de Curitiba, como planejador urbano, pode ser confirmada pela mesma formulação *In recent year, city planners from all over Latin América travelled to Curitiba (...) to seek out the gregarious (...) Mr Lerner*. É significativo o fato de que irrompa, na superfície lingüística, como sustentáculo para essa proposição a incisa *the soon of immigrants from Poland*, que coloca em destaque a sua linha de descendência polonesa. Assim, ao exaltar a administração urbana da cidade de Curitiba, o enunciador coloca em relevo a linha de descendência européia do administrador. Observe-se que a definição do grau de parentesco obtida com o substantivo *son*, o grau mais próximo na escala de descendência, constrói a imagem do urbanista brasileiro como próxima à de um europeu. Cabe ressaltar que, à semelhança do que presenciamos nas análises deste capítulo, até este ponto, a linha de descendência européia é novamente colocada em destaque, agora, em construções que elogiam a eficiência de um urbanista descendente de europeu que atua como transformador do espaço em que habita e que administra. Assinalamos, finalmente, que esse enaltecimento à atuação do urbanista e prefeito Jaime Lerner evidencia-se na linha argumentativa deste recorte e de todo o artigo.

Reiterando a direção argumentativa dessa formulação, a inserção *who studied urban planning here and in France* dá continuidade a um movimento de exaltação à

Europa, como sinaliza a menção à “França”, um outro país europeu. Deste modo, com base também nas análises anteriores desta seção e da seção 3.1, cremos ser possível afirmar que o substantivo *France* funciona de modo a qualificar, positivamente, a formação acadêmica do urbanista, bem como as universidades européias.

Assim, essa seqüência materializa mais um modo de enaltecimento do europeu evidenciado em nossas análises, modo esse que se constrói por meio da valorização das instituições de ensino superior européias.

Resumindo, por meio das análises dos recortes [3] e [4], presenciamos que a qualificação positiva atribuída a Curitiba ancora-se na administração urbana do prefeito Jaime Lerner, que, por sua vez, tem como sustentáculo a sua linha de descendência polonesa.

Vimos, ainda, que a valorização da cidade de Curitiba é construída discursivamente no entremeio de um discurso de desvalorização das outras cidades do “terceiro-mundo”. As análises da próxima seção pretendem dar visibilidade à ênfase atribuída pelo autor aos aspectos étnicos em narrativas atuais de passagens históricas da sociedade brasileira.

3.3 Holandeses e o progresso

Como vimos, as análises das seções anteriores revelaram o destaque nos aspectos étnicos na construção da representação de imigrantes europeus e de seus descendentes.

Nesta seção, investigaremos outros modos de produção desse realce na construção da imagem do holandês.

A análise destes modos de produção torna-se crucial, a partir da constatação de que os sentidos que emergem das análises colocam em foco um discurso etnocêntrico que associa a eficiência, bem como a geração de progresso e de riqueza a identidades nacionais européias. Iniciemos nossas análises pelo recorte abaixo que discorre sobre o episódio da ocupação flamenga no Brasil.

[6] The Dutch seized Bahia in 1624. They were driven out the following year, but in 1630 they captured Pernambuco. Soon they controlled most of the Northeast. Occupation by the Dutch brought with it a certain degree of progress. The new rulers made efforts to expand the sugar industry and encourage the local production of foodstuffs. The city of Pernambuco (later to be called Recife) was introduced to urban planning. For the first time scientific studies of the tropics were launched. But the Portuguese colony resisted the Protestant intruders, both from within the occupied territory and from without. In the early 1640s Portugal successfully rebelled against Spanish rule, established a new royal dynasty, and temporarily patched up its differences with the Netherlands. The Brazilians, however, continued their struggle against Dutch domination, a struggle in which not only white settlers but also blacks and Indians participated. In 1654 they finally succeeded in ousting the Dutch (Page, 1995:43).

Como se pode perceber, este recorte aproxima-se dos recortes analisados na seção 3.1, pois retoma o discurso de enaltecimento da colonização européia, ao colocar em evidência os benefícios obtidos pela colônia portuguesa (o Brasil), com a presença (*occupation*) dos holandeses (*The Dutch*) no país.

As análises desta seção retomam a normalização, agora, do imigrante holandês. A princípio, esta direção das investigações pode parecer um pouco redundante; no entanto, veremos no progresso das análises desta seção e do capítulo seguinte, que ela é crucial, frente ao papel que a ocupação holandesa representou para a construção de imagens de

importantes momentos históricos brasileiros no imaginário estadunidense. Vejamos, a seguir, alguns modos de normalização do holandês.

Destacamos, primeiramente, o advérbio *soon*, que funciona de modo a produzir efeitos de sentido de “eficiência”. Note-se que, por meio deste advérbio, o enunciador destaca na conquista da Região Nordeste pelos holandeses, a rapidez dessa ação. Ao fazê-lo, retoma um dos motes centrais do discurso da globalização, um dos discursos prevalentes no imaginário da atualidade: a compressão espaço-temporal (Held e McGrew: 2001) que, transposta à esfera das ações dos indivíduos, postula que uma das condições fundamentais para se atingir a eficiência é a rapidez.

Note-se que perpassa as seqüências seguintes um discurso de enaltecimento das contribuições da colonização holandesa para o Brasil que, ao “normalizar” os imigrantes holandeses, produz uma idealização desses imigrantes. Vejamos, a seguir, algumas seqüências que descortinam esta exaltação:

- i. *Occupation by the Dutch brought with it a certain degree of progress;*
- ii. *The new rulers made efforts to expand the sugar industry;*
- iii. *[The Dutch] encourage [d] the local production of foodstuffs;*
- iv. *The city of Pernambuco (later to be called Recife) was introduced to urban planning;*
- v. *For the first time scientific studies of the tropics were launched.*

Com relação a essas formulações, destacamos, primeiramente, que elas apresentam um modo de dizer causativista. Serrani-Infante (1997:98) assinala que o causativismo, uma “noção” que atua na esfera do discurso, não deve ser confundida “com estruturas de

circunstância causal, do domínio estritamente sintático”. Segundo a autora, este modo de dizer que pode ou não estar ligado a essas estruturas é “produzido pelos efeitos de sentido de construções que respondem a [determinados] esquemas”. Vejamos, então, a aplicação de um esquema indicado pela autora à seqüência (i):

Occupation by the Dutch brought with it a certain degree of progress.

$< [X] >$	$\Rightarrow$	$< [Y] >$
A ocupação holandesa	promoveu	progresso

Transportando este esquema para a seqüência acima, teríamos: “A ocupação holandesa causa progresso”.

Observe-se que o modo de dizer observado nesta seqüência é reproduzido também nas seqüências (ii) e (iii), listadas acima. Assim, destacamos que essas formulações produzem efeitos de sentido, a partir de construções que apresentam a causa de um dado estado (o progresso), restrita a um dado elemento (o imigrante holandês). Por meio dessas formulações, o imigrante holandês é construído, discursivamente, como produtor do elemento “progresso”.

Na seqüência (v), cabe notar que o sintagma *for the first time* evoca efeitos de sentido de pioneirismo para os holandeses, ao atribuir-lhes a autoria dos primeiros estudos científicos realizados não exclusivamente sobre o Brasil, mas sobre os trópicos (*tropics*).

Podemos, neste ponto das análises desta seção, resumir três modos, pelos quais, o processo de normalização atua para construir uma imagem idealizada do imigrante holandês:

- i. Ao destacar a eficiência das ações desses imigrantes no nordeste do Brasil;
- ii. Ao construí-los, discursivamente, como agentes de progresso;
- iii. Ao construí-los como pioneiros, atribuindo-lhes a autoria dos primeiros estudos científicos sobre os trópicos.

Considerando-se as análises desta seção em conjunto com as anteriores, deste capítulo, é possível dizer também que, nos textos analisados, o progresso, a riqueza e a civilização têm agentes nomeados: representados nesta seção pelos holandeses, na seção 3.1 pelos alemães e por seus descendentes e, na seção 3.2 por um descendente de polonês. Tomada em relação à ponderação de que um traço comum desses agentes é a sua origem étnica, cremos que essa constatação permite postularmos que esses discursos que enaltecem o europeu são marcados por uma posição ideológica que associa riqueza, civilização e progresso à origem étnica. Essa associação deixa entrever uma FD (cf. subseção 1.1.1) que atravessa de forma significativa tanto os artigos quanto os textos analisados nessas seções. É interessante observar o fato de que, apesar dos diferentes períodos históricos em que vivem os sujeitos europeus representados nas seções deste capítulo, seja possível reconhecer que os sentidos a eles associados apresentem tal regularidade enunciativa. Nas Considerações Finais veremos pontos de contato entre essa FD e o eixo interdiscursivo. Por outro lado, tal regularidade impele-nos a investigar a presença de outras associações de aspectos étnicos na construção de outras representações da sociedade brasileira no imaginário estadunidense.

Voltando às análises, assinalamos que, considerando-se os efeitos de sentidos que associam o holandês ao progresso, revelados nas análises desta seção, a presença da

conjunção adversativa *but*, na sequência (*but the Portuguese colony resisted the Protestant intruders*), funciona de modo a instalar um sentido de oposição e de contraste em relação a tais efeitos de sentido, que poderiam ser expressos por meio da seguinte formulação: “Embora um certo grau de progresso estivesse em curso, a colônia portuguesa resistiu às ações progressistas dos holandeses”. Assim, os brasileiros teriam resistido ao progresso trazido pelos holandeses. Essa resistência ao progresso pode também ser corroborada pela ambigüidade da formulação *resisted the Protestant intruders*, em que o sintagma *Protestant intruder* funciona de modo a evocar, simultaneamente, os holandeses e a religião protestante, religião amplamente associada no imaginário estadunidense ao progresso. Esta associação, segundo Oliveira (2000:43), é fortemente alicerçada no diagnóstico weberiano acerca do desenvolvimento ocidental. Segundo a autora, Weber defende a superioridade moral e cultural do protestante, enfatizando a “exemplaridade do Ocidente protestante em relação às demais culturas”. Oliveira realça, ainda, “o enorme prestígio de Max Weber nos Estados Unidos”, cuja teorização que associa, de um lado, a herança ibérica a atraso, e de outro, a herança protestante nórdica a progresso, é freqüente no imaginário estadunidense.

A propósito, destacamos uma outra ocorrência da associação entre protestantismo e progresso neste trabalho, como pode ser observado na seção 3.1, recorte [1], deste capítulo, em que a implantação da religião protestante no Brasil é mencionada como uma contribuição dos imigrantes alemães para o progresso do país.

Cabe notar ainda que os efeitos de oposição e de contraste produzidos pela conjunção *but*, evidenciados nas análises anteriores, encontram paralelo também na oposição entre religião protestante, como atesta a sequência *resisted the Protestant*

intruders, recorte [6] e outras religiões que, entretanto, apresentam-se silenciadas na materialidade lingüística.

3.4 Considerações finais

“It is studying whiteness, *qua* whiteness. Attention is sometimes paid to “white ethnicity” (e.g. Alba, 1990), but this always means an identity based on cultural origins such as British, Italian or Polish-American, Irish-American, Catholic-American and so on. These, however are variations on white ethnicity...” (Dyer, 2000: 541).

À guisa de conclusão das análises deste capítulo, retomaremos, brevemente, pontos que, conforme cremos ter indicado nas análises, permearam a maioria dos recortes analisados.

A idealização do imigrante europeu foi, discursivamente, delineada em conjunto com a valorização dos estados de Santa Catarina e Paraná. Este movimento discursivo cria, conforme vimos, uma extensão entre o homem e a terra. Entretanto, cabe mencionar que não se observa uma interdependência simétrica na construção da relação desses dois elementos; ao contrário, a terra constrói-se como uma “zona de escuridão”³⁸ que se ilumina com a presença do homem europeu.

³⁸ Este sintagma é tradução minha para *area of darkness*, expressão empregada por Duncan (1997:50) para referir-se à representação do continente africano em 1871-2, presente nos relatos de viagem do jornalista H. M Stanley.

Essa representação do imigrante europeu como agente transformador do espaço em que habita circula, ora associada ao colonizador, ora ao habitante, e, ainda, ao administrador público. As representações dos dois Estados da região Sul, Santa Catarina e Paraná constroem-se como uma terra opaca que se vivifica com a presença destes homens. Por outro lado, esse modo de articulação entre o europeu e o lugar constrói a imagem desses imigrantes como transmissores de “progresso e civilização”. A respeito dessa representação, é possível dizer que ela estabelece uma relação interdiscursiva com um dos sentidos produzidos pelo discurso colonial, no qual se formulava que “a Europa, pela sua superioridade”, pôde transmitir “progresso e civilização” a outros povos do mundo (Grigoletto, 2002:161).

Cabe, também, notar que as imagens desenhadas para o imigrante europeu e para os Estados da região Sul colocam em cena o cruzamento de vários sentidos que deixam entrever:

- i. Primeiramente, a imagem idealizada que o estadunidense tem do europeu;
- ii. Em segundo lugar, a presença de uma imagem diferente para a região Sul em relação às outras regiões do país;
- iii. Em terceiro lugar, o silenciamento da presença e das ações dos outros habitantes da região Sul e de outras regiões do país, desde o final do século passado, que constrói a presença desses habitantes como ausência, e desenha uma imagem deles como dependentes da ação dos europeus;
- iv. Finalmente, a supressão dos processos de miscigenação que ocorreram na formação das sociedades brasileiras da região Sul, que, como vimos, foi construída, discursivamente, como uma região onde os habitantes, de

maneira geral, têm a mesma origem étnica “pura”: são europeus e descendentes de europeus;

Com base nessas considerações e no conjunto das análises deste capítulo, como sinalizado na seção anterior, a produção de sentidos sobre a região Sul do Brasil e sobre os imigrantes europeus apresenta um ponto nodal, uma FD em que progresso e civilização estão associados a uma determinada raça-etnia. Atravessado pela linha de descendência, uma categoria pertencente ao domínio biológico, essa FD estabelece uma relação interdiscursiva com um discurso fortemente presente no imaginário europeu do fim do século XIX, o discurso “evolucionista social” (Banton, 2000: 56). Focalizando as condições de produção desse discurso, o autor postula que ele teria emergido em uma Europa progressista, que vivia, na época, um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, o que a tornava, ao mesmo tempo, mais coesa entre si e mais distante de outras regiões do mundo:

Social evolution was pictured therefore not as adaptation to changing environments but as the story of man's progress to superior modes of living. Sociologists represented it as a process in which men first lived in small bands then successively as members of clans, tribes, people, states and empires (Banton, 2000:56).

Assim, de acordo com o autor, essa derivação do discurso evolucionista, aplicada à esfera social, fragmentava a terra em comunidades: bandos, clãs, tribos, povos, países e impérios. Considerava-se que os diversos grupos étnico-raciais distribuídos nessas comunidades encontravam-se em diferentes graus de evolução. A raça e a etnia

funcionavam, segundo Banton (2000:56), como “selos de classificação” que indicavam o grau de progresso dos grupos humanos. Esses selos separavam as diversas comunidades, construindo fronteiras imaginárias entre elas.

Nessa esteira de classificação racial, o sucesso do povo europeu, presentificado pelas sucessivas conquistas históricas e pelo grau de progresso tecnológico que ostentava na época, era considerado uma questão de grau de evolução social em que se encontrava a raça branca.

Do mesmo modo, as análises deste capítulo revelam que o progresso da região Sul do Brasil e até mesmo do país, foi fortemente associado a linhas de descendência européias. Assim, com a presença do europeu e de seus descendentes, a região Sul teria vivenciado um deslocamento, passando a ostentar um grau de desenvolvimento e de progresso mais alto, considerando-se uma hipotética escala de evolução social e econômica aplicada ao espaço geográfico. Por outro lado, por meio do apagamento das ações dos outros habitantes da região Sul, as comunidades já existentes na região em um período anterior, bem como as comunidades contemporâneas a esses imigrantes europeus foram construídas, discursivamente, como se estivessem em um grau inferior de uma hipotética escala de evolução social. A partir dessas considerações, cabe perguntar: que vínculos podem ser estabelecidos entre pessoas pertencentes a uma mesma linha de descendência, ou a uma mesma etnia? Além disso, que conexões podem ser firmadas entre um indivíduo descendente de europeus, seus ascendentes e o (s) país (es) de origem desses ascendentes, levando-se em consideração também o fato de que, muitas vezes, esses indivíduos nem sequer conhecem esses ascendentes nem tampouco seus países de origem? Ainda, cabe indagar como o território de uma determinada nação pode

determinar características similares para todos os nacionais daquele país? A nosso ver, poucas, salvo a assimilação de alguns valores culturais, que, mesmo assim, ocorre a partir de matrizes heterogêneas e plurais, e não de especificidades culturais “nacionais” (Bhabha: 1998).

A propósito, cabe ainda dizer que o progresso e o desenvolvimento sócioeconômico implicam a articulação de inúmeros outros fatores histórico-sociais, não podendo, portanto, serem vistos como efeitos produzidos por determinadas etnias no vazio de um dado espaço geográfico.

Ressaltamos, também, outro ponto que permeia as análises deste capítulo, que é o fato de os enunciadorees construírem as representações em um movimento que revela a confluência de olhares que se dirigem, ora para o interior do país, como vimos na menção às regiões brasileiras, ora para o exterior, como vimos nas referências aos países europeus e à Índia. Assim, a construção de representações ocorre por meio de visitas a lugares outros, denunciando que os sentidos produzidos pelos enunciadorees se constroem em relação à alteridade. Esse modo de construção das representações afigura-se presente, principalmente, nas representações construídas pelos correspondentes estadunidenses do jornal “*The New York Times*”.

A construção discursiva do território brasileiro, por meio de imagens de nações outras, deixa entrever que tais enunciadorees percorrem vários espaços geográficos em sua trajetória narrativa. O movimento desenhado por este percurso sugere que o espaço em que transitam esses sujeitos é um “entre-lugar” (Bhabha, 1998, cf. seção 1.5) entre nações. Um espaço-entre, uma morada em que habitam várias nações, um espaço em que as

fronteiras da própria nação se tornam difusas, confundindo-se com as divisas de outras nações.

Por outro lado, a evocação de diferentes momentos temporais da história do Brasil (período colonial, século XIX e século XX) e de outras nações (momentos “a-temporais”) dá visibilidade a uma viagem temporal em que enunciadorees visitam passado e presente para produzir os sentidos sobre a região Sul. O “lá” (passado, nações outras) e o “cá” (presente, nação brasileira) articulam uma relação espaço-temporal que se desdobra na construção de uma relação entre “o ser de um lugar” e “o estar em um lugar”³⁹. Assim, do lado do europeu, é significativo tanto o fato de ele “ser de um lugar”, quanto “o de estar em um lugar” para efeitos de civilizá-lo, de construí-lo. Com relação aos brasileiros, diferentemente, o fato de “ser de um lugar” ou “estar em um lugar” não produz efeitos observáveis na construção ou no desenvolvimento econômico social desse lugar.

³⁹ As expressões “ser de um lugar” e “estar em um lugar” são inspiradas no emprego que Pagano (1996:151), apoiada em Mignolo, faz dessas expressões, em um outro contexto. Vide seção 2.3, desta dissertação.

CAPÍTULO 4

UMA FUNDAÇÃO PARA O BRASIL

Nas análises deste capítulo, em que figura uma seção, veremos a produção das representações da emergência da nacionalidade brasileira, da formação da identidade brasileira e dos primórdios da força militar no Brasil.

4.1 Holandeses e fundação: a identidade, a nacionalidade e a força militar brasileiras.

Vejamos, a seguir, os modos de produção das representações da nacionalidade brasileira.

[7] The victory had psychological implications. The colonists for the first time felt the strong impulses of national unity, not as Portuguese subjects but as Brazilians. They had defeated the Dutch by themselves. Self-esteem began to replace their sense of inferiority to the Portuguese.

The expulsion of the Dutch marked not only what many consider the birth of Brazilian nationhood but also the emergence of a military mystique that would have lasting effects throughout the country's history. The struggle seeded not only the Brazilian nation but also its army. When the latter took shape as a distinct institution, its leaders would look back at the victory over the Dutch occupiers as the crucible that forged a solid bond between Brazil and its military.

The Crown has facilitated this symbiosis by refraining from committing units of the Portuguese army to defend the colony. Portugal sent a few professional officers to Brazil, and they conscripted troops from the ranks of social outcasts, but what was called Brazil's "paid" army hardly sufficed to protect the colony from external threats. Therefore, Lisbon authorized the creation of local militias, whose members were drawn from all levels of colonial society. Over time the militias inevitably became involved in local politics, and eventually produced a new breed of military men.

The victory against the Dutch was primarily the work of the militias, whose ranks mirrored the multiracial composition of colonial society (Page, 1995: 43-44).

Trabalhando no nível lexical, vejamos, primeiramente, alguns sintagmas que corroboram a produção de efeitos de sentido em torno do surgimento do Estado-nação brasileiro: *national unity*, *Brazilian nationhood* e *Brazilian nation*, em [7]. A propósito,

também é significativa a distinção estabelecida entre *Brazilians* e *Portuguese Colony* em [6] e entre *Portuguese subjects* e *Brazilians*, em [7].

Em segundo lugar, destacamos as seqüências: *The expulsion of the Dutch marked not only what many consider the birth of Brazilian nationhood* e *The struggle seeded not only the Brazilian nation*. Note-se que, por meio dessas formulações, o enunciador estabelece uma relação entre a vitória sobre os holandeses e o início da nacionalidade brasileira. Assim, essa vitória materializaria o momento em que os indivíduos da sociedade colonial teriam começado a pensar o Brasil como uma unidade diversa de Portugal, selando, deste modo, o marco inaugural do estado-nação brasileiro. Com relação a essas formulações, observe-se que, se, na primeira, a presença do sintagma verbal *many consider* sugere que poderia haver alguma controvérsia em torno desse marco, a segunda opera de modo a produzir efeitos de sentido que diluem qualquer dúvida a esse respeito: note-se que a forma verbal *seeded* (“semear”), que remete ao sentido dar origem a, contribui para apontar a expulsão dos holandeses como um momento afirmativo da consciência nacional funcionando, pois, de modo a tornar esta afirmação ainda mais consistente.

Passemos, a seguir, aos modos de produção da representação dos primórdios das forças armadas brasileiras. Nos recortes [6] e [7], observamos a ocorrência de várias seqüências em que o enunciador situa historicamente a criação da força militar nacional, a partir do confronto com os holandeses. Vejamos as formulações abaixo, do recorte [7].

- i. *The expulsion of the Dutch marked (...) the emergence of a military mystique;*
- ii. *The struggle seeded (...) [Brazilian] army;*

iii. *The latter [Brazilian army] took shape as a distinct institution.*

Com relação a essas formulações, notamos, inicialmente, que as formas verbais *marked* e *seeded* funcionam, à semelhança do que assinalamos acima, com relação à nacionalidade brasileira, de modo a estabelecer um marco inaugural também para as forças armadas nacionais. Na mesma direção, a forma verbal *took shape* produz efeitos de sentidos de “algo que teria tomado forma”.

Observe-se, também, que uma análise, no nível sintático das formulações (i) e (ii), revela a presença de uma relação de sinonímia entre os sujeitos (*expulsion of the Dutch*) e (*The struggle*), e de complementos que se correlacionam por pertencerem ao mesmo domínio: “mística militar” e “exército” (*military mystique* e *army*). A presença de uma correlação entre esses termos em face de formas verbais que produzem efeitos de sentido de “inauguração” contribui para a produção de efeitos de sentido de que o grupo militar que venceu a batalha contra os holandeses deu origem a formação inicial da organização militar brasileira.

Cabe mencionar que, na construção da representação dessa força militar, as milícias materializam a organização rudimentar, a partir da qual teriam se originado, posteriormente, as forças armadas brasileiras. Notamos, também, que um aspecto característico da composição dessas milícias seria o fato de seus integrantes serem provenientes de várias classes sociais, aspecto este destacado na incisa, *whose members were drawn from all levels of colonial society*. A composição multirracial das milícias também é realçada em uma outra incisa⁴⁰, como indica o sintagma *multiracial compositon*.

⁴⁰ Veremos essa incisa mais à frente nas análises.

Deste modo, assinalamos que as análises desta seção, até aqui, revelam a construção da representação do momento que teria materializado os primórdios da organização militar nacional no imaginário estadunidense, o que também pode ser afirmado em relação ao marco proposto para a nacionalidade brasileira. Um outro ponto que emerge por meio dessas análises é o entrelaçamento entre esses dois marcos inaugurais e a vitória dos brasileiros sobre os holandeses.

Vejamos, a seguir, os modos de construção de outra representação: o momento inaugural da identidade brasileira. Note-se, primeiramente, que os sintagmas e itens lexicais *psychological implications*, *felt the strong impulses*, *self esteem began*, *psychological*, *felt* e *self esteem* deslocam a produção de sentidos do recorte para o domínio dos sujeitos brasileiros evocando a questão da identidade destes sujeitos.

Em segundo lugar, destacamos a seqüência *The colonists for the first time, felt the strong impulses of national unity, not as Portuguese subjects⁴¹ but as Brazilians*. Como se pode perceber, esta formulação é enfática, ao destacar o fato de que os sentimentos de unidade nacional que teriam se originado a partir da vitória sobre os holandeses, foram experimentados por sujeitos brasileiros (*as Brazilians subjects*). Ainda nesta seqüência, ganha visibilidade o movimento do enunciador, a fim de estabelecer um marco inaugural para a formação da identidade brasileira, como confirma o sintagma “*for the first time*”.

⁴¹ Notamos que o enunciador faz menção a *Brazilian subjects*, o que poderia gerar dúvida se ele estaria se referindo à identidade ou à subjetividade. Apoiados em Woodward (2000:13), adotamos identidade, pois segundo a autora, estes termos são usados de “forma intercambiável”. Ainda, para a autora, a esfera da designação da subjetividade seria mais circunscrita ao sujeito em sua relação consigo mesmo e a “identidade”. Seria a vivência social da subjetividade do sujeito. Como este recorte focaliza sujeitos considerados membros de uma nação, o que imputa um caráter efetivamente social ao discurso, estamos adotando o termo identidade.

Note-se que a formulação *Self steem began to replace their sense of inferiority to the Portuguese* produz efeitos de sentido de oposição entre: de um lado, a ausência de um sentimento de identidade entre os brasileiros, sustentada pelo sentimento de inferioridade que eles supostamente manifestavam em relação aos portugueses, até o momento da vitória sobre os holandeses, e, de outro, a presença de um sentimento de identidade que teria se instalado entre esses sujeitos após o conflito. Esta oposição é materializada na superfície lingüística pelos sintagmas *self-esteem/sense of inferiority*. Também a forma verbal *began to replace* funciona de modo a produzir efeitos de sentido de “início de uma condição nova que emerge para substituir uma anterior”. A condição nova, a auto-estima dos brasileiros, importa enfatizar, começara a tomar o lugar do sentimento de inferioridade em relação aos portugueses. Assim, desponta por meio dessa formulação, a afirmação de que o sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação aos portugueses ainda persistia após a vitória sobre os holandeses. Com base nessa produção de sentidos, é possível dizer que, na representação construída para a identidade brasileira neste recorte, ela já emerge com um sentimento de inferioridade.

Continuando as análises, assinalamos que um dos discursos que atravessa a produção de sentidos deste recorte, bem como do recorte [6], é o da miscigenação racial, como sugere a incisa, *whose ranks mirrored the multiracial composition of colonial society* que qualifica o item lexical *militias*. Esta inserção, ao realçar a composição étnica das milícias, coloca em relevo a composição multirracial da sociedade brasileira da época colonial (*colonial society*). Note-se que a heterogeneidade racial também é destacada na seqüência *The Brazilians, however, continued their struggle against Dutch domination, a struggle in which not only white settlers but also blacks and Indians participated*, recorte

[6]. Cabe notar que esse discurso estabelece uma relação interdiscursiva com outro, que embasou uma tradição narrativa da construção de identidades nacionais na memória histórica brasileira. Nunes (2001:43) analisa esse discurso fundador, a partir do Manifesto de Gilberto Freyre de 1926. A propósito, Oliveira (2000:36) postula que essa narrativa, que se caracteriza por unir os sujeitos e a nação, reverberou sentidos, a partir do início do século XX, no Brasil. Esse discurso formulava que, a partir do “encontro das raças através da miscigenação”, emergiria o caráter do povo brasileiro. A autora relembra, ainda, que, de “Capistrano de Abreu a Afonso Celso, passando por Gilberto Freyre e chegando a Darcy Ribeiro, temos diferentes versões desta interpretação”.

Schiller e Fouron (2000:42) postulam que a história da construção das identidades nacionais evidencia que as noções de raça, etnia e linha de descendência, tradicionalmente, alicerçaram as representações de identidades nacionais em todo o mundo. Entretanto, ressaltam os autores, este embasamento não é amplamente reconhecido pelas Ciências Sociais, pois as identidades raciais e nacionais têm sido freqüentemente discutidas “como categorias distintas e imutáveis”.

Na mesma direção, Woodward (2000:13) confirma que, algumas vezes, o processo de construção de identidades nacionais está baseado em noções como etnia, “‘raça’ e nas relações de parentesco”.

Levando-se em consideração essa prática naturalizada de se construírem identidades nacionais por meio de associação a elementos provenientes de um discurso do domínio étnico-racial, observamos que, ao entrelaçar elementos provenientes dessa esfera na construção da representação da fundação da identidade dos brasileiros, o enunciador

estaria amparando-se em elementos habituais da composição de identidades nacionais. Voltaremos a este ponto mais adiante, nesta seção.

Do mesmo modo, a ancoragem da emergência da identidade nacional no episódio histórico da vitória dos brasileiros sobre os holandeses também revela que essa representação foi alicerçada em um elemento tradicional da construção das identidades nacionais. Como postula Woodward (*op.cit.*:13-14), as identidades nacionais, por vezes, são alicerçadas em uma “versão essencialista da história e do passado”, versão esta “na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável”. Além disso, ressaltamos que opera discursivamente, não exclusivamente, na representação da identidade brasileira, mas também nas representações da nacionalidade e das forças armadas, a produção de um discurso fundador. Entretanto, cabe lembrar que, “como toda fundação”, esse Brasil postulado pelo enunciador materializa “uma projeção de uma certa percepção do espaço nacional” (Pagano, 1996:240). Referindo-se ao apelo aos discursos fundadores, na narrativa das identidades nacionais, Silva (2000:85) postula que esses geralmente se traduzem em um momento histórico heróico que cumpre a função de fixar a inauguração de “uma suposta identidade”.

A respeito do entrelaçamento considerado acima: entre discursos que constroem representações de momentos inaugurais de identidades nacionais a discursos de raça-etnia, bem como a narrativas de momentos heróicos da história de uma nação, é interessante observar o fato de que certos discursos caminham, tradicionalmente, junto a outros discursos, produzindo “composições discursivas” que se tornam naturalizadas no imaginário. Assim, essa ligação histórica entre discursos relacionados à construção de identidades nacionais deixa entrever a “historicidade dos próprios processos discursivos”

ou em outras palavras, o modo pelo qual os diferentes processos discursivos se relacionam “no decorrer da história” (Orlandi, 2001b:23). A propósito, um dos objetivos fundamentais da AD é desconstruir os processos de naturalização que afetam a produção de sentidos. Deste modo, ao expor essas associações discursivas, almejamos, justamente, problematizar os efeitos de evidência sobre os quais elas se sustentam, contribuindo assim, para ampliar a perspectiva de análise das narrativas das identidades nacionais, por meio da introdução da dimensão ideológica que a AD possibilita.

Voltando às análises, cabe mencionar que o desenho da representação da emergência da identidade brasileira, por meio de uma ligação a um dado episódio histórico, deixa entrever, também, a concepção essencialista de identidade que embasa a construção dessa representação. Note-se que, na narrativa tecida pelo enunciador, a identidade brasileira se constitui subitamente a partir de um dado momento. Isto nos permite afirmar que esse processo de constituição é representado como um “nascimento”. A propósito, assinalamos que, no nível do léxico, o substantivo *birth* e a forma verbal *seeded*, que, embora, como vimos anteriormente, estejam associados à narrativa de outras fundações, remetem a produção de sentidos a uma região associada a elementos da natureza. Silva (2000) critica a concepção essencialista de identidades, afirmando que essas não podem ser tratadas como elementos da natureza.

Sublinhamos, ainda, que, na concepção essencialista, a identidade consiste em “um conjunto cristalino, autêntico, de características” que os membros de uma determinada nação partilhariam (Woodward, 2000:12-13). Essas características seriam estáticas, pois não mudariam com o decorrer do tempo. Em uma concepção não essencialista, a identidade dos integrantes de uma comunidade nacional não seria fixa, pois partilharia

características comuns e diferentes em relação aos traços de outros grupos também pertencentes àquela nação. Além disso, esses traços seriam mutáveis ao longo do tempo. Passemos, a seguir, às considerações finais deste capítulo.

4.2 Considerações finais

Além das ponderações já feitas no corpo deste capítulo, cabe ainda considerar alguns pontos que emergem a partir das análises.

É significativa a atribuição de um marco para a fundação do “nacional” brasileiro deslocado da data oficial da Independência do Brasil, de Portugal. Fausto (2001:77) assinala que os Estados Unidos teriam reconhecido formalmente a independência do País “em maio de 1824”. Assim, o resgate da vitória sobre os holandeses para selar a consolidação do estado brasileiro sugere-nos interrogar a causa da escolha desse momento específico em detrimento de outro.

Permitam-nos uma digressão para lembrar que a historiografia brasileira tradicionalmente destacou “a facilidade da consolidação da independência do Brasil” (*op.cit*:78). Deste modo, o surgimento do estado-nação brasileiro foi, com constância, narrado como uma passagem pacífica.

Cabe observar que essa narrativa opõe-se àquela de independência estadunidense, que é repetidamente construída como uma conquista das milícias “frente ao exército britânico” (Zinn, 1995:76). Assim, a nacionalidade estadunidense é, com frequência,

representada como uma conquista dos estadunidenses que teria ocorrido por meio de uma guerra⁴².

Retornando às análises, assinalamos que, embora não seja possível tecer afirmações precisas sobre os processos de significação que levaram o enunciador a apagar e/ou ignorar o ato fundacional que “inventa” um Brasil e (re) escrevê-lo em um outro momento da história brasileira, podemos pensar que, ao vincular discursivamente o estabelecimento da nacionalidade brasileira à vitória sobre os holandeses, uma guerra em que as milícias teriam representado um papel fundamental, o enunciador parece (re) criar a história de uma outra nação, a brasileira, a partir de fragmentos da história da sua, os Estados Unidos. Neste sentido, retomamos uma reflexão de Bhabha (1998:200), feita em um outro contexto, para dizer que o contar de outras nações não pode deixar de envolver “o contar da própria coletividade” (Jameson apud Bhabha 1998:200).

Com base nessas considerações, essa re-elaboração de passagens históricas da própria nação para (re) contar a história brasileira sugere o movimento de discursos provenientes da memória discursiva que constituem o enunciador emergindo em um devir que impregna a narrativa da nação brasileira. Esse movimento, por sua vez, revela os limites difusos entre sujeito, discurso e história, o que materializa um dos pressupostos centrais da perspectiva teórica da Análise de Discurso.

Dito de outro modo, ao produzir uma determinada obra, o autor, se projeta, se revela na escritura daquele texto. Nesse movimento, ele leva consigo a cultura e a história que o constituem, que se mesclam à produção de sentidos do texto. Decorre disto que, nas

⁴² A Declaração da Independência dos EUA data de 04.07.1776.

traduções das nações, as diferentes histórias, as diferentes culturas, são, por vezes, captadas na medida da nação e da cultura do autor.

A construção desta fundação para o Brasil sugere também a reflexão sobre o caráter construído, apresentado por algumas versões da história, em que esta, por vezes, se traduz em uma montagem de fatos e situações, que, embora se afigurem tão fantasiosas quanto algumas lendas e mitos, são legitimadas como história e passam a ostentar o “status” de ciência. O silenciamento das escolhas e dos recortes feitos pelo (s) autor (es) é condição para que isso se torne possível.

CAPÍTULO 5

BRASIL E CARNAVAL

O atributo de “País do Carnaval”⁴³, evocado no título do romance de Jorge Amado, tradicionalmente considerado “uma das imagens marcantes nacionais” (Queiroz, 1992:12), continua a reverberar sentidos, também no imaginário estadunidense. Permita-nos uma pequena digressão para lembrar que esse título não guarda relação com a origem da comemoração carnavalesca, pois já há registros do carnaval entre os romanos, desde o ano 1000 d.C. Vale registrar que as representações do carnaval aparecem com frequência no imaginário de toda a Europa, a partir do século XV. No Brasil, registros do carnaval são encontrados em documentos que datam de 1605. O festejo teria sido trazido por Portugal para o país, no período colonial (Queiroz, 1992:12).

Como sinalizado na introdução desta dissertação, verificamos que, no conjunto das formulações do corpus deste trabalho, o carnaval figura como uma representação prevalente do Brasil no imaginário estadunidense. A existência dessa representação pode ser constatada, de início, a partir da quantificação do número dos artigos publicados no jornal *The New York Times* de 1986 a 2000: onze artigos. Considerando-se o fato de o carnaval ser comemorado anualmente, a publicação total de onze artigos indica que o tema foi retratado de forma significativa durante esse período.

⁴³ Amado, J.(1966). *O país do carnaval, cacau e suor*. 15ª ed. São Paulo: Ed Martins, 1963.

Do ponto de vista do espaço geográfico brasileiro, como antes mencionamos, em linhas gerais, as representações construídas pelos enunciadores estadunidenses voltam-se, de forma significativa para as manifestações carnavalescas, que têm por sede Rio de Janeiro e Salvador. A propósito dessas representações, cabe ressaltar que, tanto as representações do carnaval carioca, quanto às imagens do carnaval de Salvador, não são homogêneas, mas se entrecruzam, e se articulam de diferentes maneiras, afigurando-se por vezes contraditórias em relação às outras. A investigação dos modos de produção das imagens do carnaval brasileiro, no imaginário estadunidense, tendo como base os dois grupos de textos selecionados, será o fio condutor das análises deste capítulo. Para iniciá-las, passemos a seguir, aos recortes.

5.1 Carnaval é samba

[08] When everyone is a star it must be carnival in Rio.

In the Plaza of Largo da Prainha de São Francisco, where slaves were once sold, a huge wall painting shows a samba singer holding sheet music for the first recorded samba, “On the Telephone,” from 1916. It was in downtown neighborhoods like this, where Africans and Afro-Brazilians from Bahia met Rio society, that samba took hold in Brazilian culture. On Thursday, the eve of this year’s Carnival, Eliane Costa looked up at the mural and said: “Samba is still very similar to when it was born. In its essence, it has not changed”.

Wearing sunglasses and a headset microphone, she plugged in an electrified cavaquinho – the small samba guitar – and began strumming and singing with her group Slaves of Mauá. One member gave out copies of the lyrics. Soon the musicians climbed onto a sound truck, a dozen drummers fell in line behind them, and a small parade wound its way through back streets up to the plaza of Mauá. As followers shimmied and strutted and quickstepped, while people on the sidewalk waved and let loose steps of their own, the parade snagged traffic, on one of downtown Rio’s busiest streets, Rio Branco. “Whoever thought the fire would go out”, sang the Slaves Mauá, “can still hear our voice” (NYT-17/02/1999 E, 1,2).

[09] During Carnival, which ends today, the Tuesday before Lent, the samba takes over Rio on levels great and small. There are neighborhood groups or blocos like Slaves of Mauá, and casual bass bands called bandas. There are blocos de enredo, groups that mount small costumed processions in official all night parades on avenues like Rio Branco. And there are the spectacular, gargantuan sambas de enredo, pageants that play for paying audiences and television cameras at the Sambodromo, the concrete street flanked by bleachers that presents the image of Rio’s Carnival to the world. The Sambodromo is near Praça Onze, where “On the Telephone” was written (NYT-17/02/1999, E, 1,2).

A representação do carnaval brasileiro como *samba*, um dos gêneros da música popular brasileira⁴⁴, comparece nos recortes [08] e [09]. Destacamos, primeiramente,

⁴⁴ Neste trabalho, consideraremos o samba como um gênero musical (Érnica:1999). No entanto, cabe mencionar que há controvérsias quanto à classificação do samba como gênero ou subgênero musical. DaMatta (1993:59), por exemplo, postula que a “música de carnaval” é um subgênero da música popular que se subdivide em samba-de-enredo, samba, marchinha, entre outros. No Brasil, segundo ele, de 1910

no recorte [08], a relação metonímica que se estabelece entre o substantivo *Carnival*, enunciado na manchete e o substantivo “samba”, gênero musical, materializado na superfície lingüística pelo sintagma *samba singer*. Vejamos como isso ocorre: note-se que, se a manchete do artigo – *When Everyone’s a Star, it must be carnival in Rio* – sinaliza que o enunciador irá tratar de um artigo sobre carnaval, como indica a presença do substantivo *carnival*, o relato histórico apresentado nas primeiras linhas, que termina na seqüência *that samba took hold in Brazilian culture*, narra a inserção do samba na cultura brasileira.

No recorte [09], a construção do carnaval como o período em que o *samba takes over Rio on levels great and small* também revela o movimento do enunciador, na direção da construção de uma imagem homogeneizada para a música carnavalesca carioca, representada exclusivamente pelo samba. A forma verbal *take over*, nesta seqüência, funciona de modo a produzir efeitos de sentido de que o samba se movimenta, espalhando-se por toda a cidade. Note-se, também, que a conjunção aditiva *and* opera de modo a incorporar efeitos de sentido de finitude e de totalidade a esses efeitos de sentido de movimento. Observe-se também que, na afirmação de que durante o carnaval,⁴⁵ o *samba* se espalha pelo Rio em graus de intensidade *great and small* é pressuposto que a imagem do carnaval como samba, espalhado por todo o Rio, é mensurável e apreensível.

A afirmação de que, durante o carnaval, o Rio é tomado pelo samba dá visibilidade à negação da heterogeneidade musical do carnaval produzida por meio do silenciamento

até por volta de 1960, a marchinha se sobrepôs a outros subgêneros. A partir da década de 60, as marchinhas teriam perdido “o ímpeto para os sambas-enredo”.

⁴⁵ Nesta seqüência, o substantivo *carnival* se refere à época do ano.

de outros gêneros musicais presentes no cenário carnavalesco carioca. Esse silenciamento sugere um movimento do enunciador na direção de controlar os sentidos, o que, por sua vez, deixa entrever a ilusão do sujeito da existência de um sentido único para o carnaval. Veremos nas análises desta e de outras seções, deste capítulo, que o silenciamento possibilitará aos enunciadores movimentar, entrecruzar, deslocar o tema “carnaval”, produzindo, a partir dele, várias associações. Passemos, agora, a analisar o recorte abaixo que apresenta outros modos de produção da imagem do carnaval que tem por sede o Rio de Janeiro, associado ao samba.

[10] On the street where Rio's top samba schools use warehouses to build the score of “carros alegoricos” as the mobile multilevel stages that are used to present their performances are called, it is easy enough to see why Carnival endures. A walk through a vestibule into one of the buildings, heavily guarded to prevent spying by the competition opens a world of four story fantasies in plastic foam and full color (NYT, 15-2-1999, A, 4, 3).

Neste recorte, a representação do carnaval como samba concretiza-se por meio da ligação que se estabelece entre o carnaval e as escolas de samba do Rio de Janeiro, materializada por meio do par de seqüências *where Rio's top samba schools use warehouses* e *it is easy enough to see why Carnival endures*. Note-se que, nessas formulações, em vez de afirmar que “o desfile das escolas” de samba perdura porque essas escolas mantêm um conjunto de carros alegóricos cuidadosamente elaborados, conservados em armazéns seguros, o enunciador afirma que o “carnaval” perdura. Na perspectiva discursiva, isso se traduz como um deslize do enunciador (cf. seção 2.4), materializado na superfície lingüística pela menção inicial ao sintagma *top samba schools*, e, posterior ao substantivo *Carnival*. Em outras palavras, ao mencionar que as escolas de

samba a que pertencem os armazéns, são responsáveis pela perpetuação e preservação do carnaval, o enunciador o faz por meio do estabelecimento de uma relação de sinonímia entre o item lexical *carnival* e o sintagma *Rio's top samba schools*, de modo que os elementos “carnaval” e “o desfile das escolas de samba” passam a funcionar de modo intercambiável. Esse deslize contribui para construir a representação do carnaval como samba.

Face à pluralidade de gêneros musicais presentes nas manifestações carnavalescas realizadas no Rio de Janeiro, é curioso observar nas análises da seção, até aqui, que os enunciadores estadunidenses associem o carnaval que tem por sede aquela cidade, somente ao gênero musical samba. Segundo DaMatta (1993:59), a presença de gêneros ou subgêneros musicais diversos nas festividades carnavalescas é comum, tanto no Brasil, quanto em outros países do mundo.

Permita-nos uma digressão para mencionar que o substantivo *carnival* (“carnaval”) designa historicamente as festas que ocorrem em um determinado período do ano litúrgico cristão, intitulado “tempo comum”, que termina na quarta-feira de cinzas. Deste modo, o elemento que determina a designação “carnaval” da celebração é o período de realização do festejo. Uma análise etimológica do vocábulo corrobora essa afirmação: vejamos que: “*Carnival: (...) Orig, the festival before the fasting of Lent...*” (Partridge, 1958:80). Note-se que a seqüência acima ao definir o carnaval como “o festival ou comemoração, realizado no período anterior ao período de jejum da Quaresma”, confirma, como mencionamos, que o termo “carnaval” se refere à época do ano litúrgico cristão em que se realiza a comemoração. É interessante observar que o próprio volume de Índice dos artigos do jornal *The New York Times* adota a denominação: *carnival (pre-lenten)*

(“carneval realizado em período anterior à Quaresma”) para se referir aos artigos sobre o carnaval, inclusive o brasileiro.

Voltando às análises, assinalamos que aquilo “que não é linguagem, quando se trata de sentidos, não é o nada, mas silêncio” (Orlandi, 1997:160). A autora defende que, “para compreender um discurso, devemos perguntar sistematicamente o que ele ‘cala’”.

Apoiados nessas ponderações, observamos que a consideração de que as manifestações culturais realizadas no período do carnaval, tanto no Brasil, como em outras regiões do mundo, pautam-se pela pluralidade de gêneros musicais, vai ao encontro de nossa afirmação de que opera, discursivamente, na construção da representação do carnaval como samba um silenciamento dos sentidos circunscritos à esfera dos gêneros musicais presentes no carnaval carioca.⁴⁶

Assim, por meio desse silenciamento, os enunciadores controlam a dispersão natural dos sentidos, dispersão essa que trilharia pela representação da heterogeneidade dos gêneros musicais carnavalescos e não pela homogeneidade. No entanto, vale lembrar que o silêncio é “a garantia do movimento de sentidos” pois, nele, reside justamente a possibilidade do “sujeito trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’”.

Assim, a associação exclusiva do carnaval carioca ao samba deixa entrever que esses sujeitos-enunciadores trabalham a própria contradição que os constituem recortando, sem perceber, somente esse gênero musical do universo plural dos gêneros musicais

⁴⁶ Para uma lista completa dos blocos carnavalescos apresentados no Rio de Janeiro em 2001, com menção aos ritmos musicais que estes apresentam, remetemos o leitor ao “Guia comentado do carnaval de rua do Rio de Janeiro” presente na página da Internet <http://www.samba-choro.com.br/carnaval/rio/2001>, (consulta realizada em 06.04.2003 às 8h.).

presentes no carnaval carioca. O silêncio, então, permite que esses sujeitos, atravessados por múltiplos discursos, contenham a dispersão constitutiva de si mesmos e dos sentidos. Por meio desse recorte, eles esboçam os contornos da FD a partir da qual enunciam.

Nas análises da próxima seção, veremos os modos de produção da representação do carnaval como o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro.

5.1.1 O Carnaval é o desfile das escolas de samba

Vejamos, primeiramente, que um dos recortes subseqüentes, [12], alude à presença de dois filmes e de um livro que, segundo o enunciador estadunidense, teriam contribuído para consolidar o carnaval brasileiro como uma atração turística internacional.

[11] Indeed the festival and Brazil are so closely intertwined that Brazil has been referred to as “Carnival Country” (a phrase used by Jorge Amado for the title of his first novel).

The parade is the ne plus ultra event of the orgiastic, end-of-summer, pre-Lenten, nonstop festivities that suffuse Rio de Janeiro with an irresistible delirium and have become multitextured metaphors for many aspects of Brazilian ness.

The annual procession unfolds within the narrow confines of a facility designed by Oscar Niemeyer and inaugurated in 1984 (...) For Brazilians the parade has layers of meaning (Page, 1995:466-467).

[12] The actual scenes of the Carnival parade of Black Orpheus have mesmerized moviegoers for years. Other films, such as the James Bond epic Moonraker, and books such as like Gregory McDonald’s Carioca Fletch, have used the parade as an exotic backdrop for plots that have little to do with Brazil, and this publicizing of the event has contributed to the building up of Carnival as an international tourist attraction (Page, 1995:477-478).

De acordo com esse recorte, os filmes: *Black Orpheus* e *Moonraker* e o livro *Gregory McDonald’s*⁴⁷ teriam colaborado para consolidar a imagem do carnaval brasileiro como atração turística internacional, como ilustra a seqüência *this publicizing of the event*

⁴⁷ O título em português do filme “Moonraker” é “007 contra o foguete da morte”. Produzido em 1979 por Albert R. Broccoli, este filme foi dirigido por Lewis Gilbert (Moonraker, 1979); O filme “Orfeu Negro” (cuja tradução inglesa é Black Orpheus), de 1959, dirigido por Marcel Camus, foi uma produção conjunta de Brasil, França e Itália (Orfeu Negro, 1959); O livro Carioca Fletch é de 1987 (McDonald’s, 1987).

has contributed to building up of Carnival as an international touristic attraction. Nesta sequência, o item lexical *event* refere-se ao desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. A manifestação do carnaval que teria passado a ser conhecida, internacionalmente, é, pois, o desfile das escolas de samba. Por meio dessa formulação, o enunciador produz efeitos de sentido de que, hoje, internacionalmente, o carnaval brasileiro e o desfile das escolas de samba se confundem, corporificando, pois, o mesmo elemento.

Note-se também que, ao mencionar elementos que teriam colaborado para divulgar, internacionalmente, o carnaval brasileiro, o enunciador sugere, regiões do interdiscurso que, supostamente, teriam contribuído para produzir os efeitos de homogeneização, observados na representação dessa manifestação cultural, associada ao desfile das escolas de samba, no imaginário estadunidense atual.

Destacamos outras seqüências que corroboram o entrelaçamento do carnaval brasileiro ao desfile das escolas de samba e a cidade do Rio de Janeiro, no imaginário estadunidense. No recorte [11], percebe-se a construção da associação desses três elementos. Vejamos como ocorre: se, no primeiro parágrafo do recorte o enunciador sinaliza a focalização do carnaval brasileiro, como indica a presença do substantivo *festival*, significando “carnaval” na sequência *Indeed the festival and Brazil are so closely intertwined*, no segundo e terceiro parágrafos, ele desliza para a menção ao “desfile das escolas de samba” do Rio de Janeiro, como confirmam as seqüências *The parade is* e *The annual procession unfolds within the narrow confines of a facility designed by Oscar Niemeyer and inaugurated in 1984*.

Destacamos, a seguir, duas seqüências do recorte [09] que se aproximam por mencionar as apresentações do carnaval do Rio de Janeiro realizadas no Sambódromo.

Vejam, então, os efeitos de sentido produzidos por essas seqüências. Note-se, primeiramente, que a afirmação de que as encenações presentes no desfile das escolas de samba são apresentadas para um “público pagante” e para “câmeras de televisão”, presente na seqüência *pageants that play for paying audiences and television cameras* funciona de modo a construir a representação do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro como uma mercadoria, como um produto da “indústria cultural”. No nível do léxico, o adjetivo *paying*, atributo de *audience* remete as representações das escolas para o domínio empresarial. Observamos ainda, nessa formulação, que a forma verbal *play for* produz efeitos de sentido de finalidade. Uma paráfrase contribuiria para explicitar melhor o efeito de sentidos produzidos por essa formulação: “O espetáculo das escolas de samba é idealizado para ser apresentado à platéia presente no local e ao mundo, por meio das transmissões televisivas”.

Em segundo lugar, observe-se que, por meio das seqüências *television cameras at the Sambodromo, the concrete street flanked by bleachers, that present the images of Rio Carnival to the world*, ao referir-se às transmissões televisivas das imagens do Sambódromo, o enunciador pressupõe que o carnaval do Rio é o carnaval realizado naquele local. Note-se, nesta formulação, o deslize da menção às imagens do Sambódromo, materializadas pelo sintagma *television cameras at the Sambodromo*, para a alusão às imagens do carnaval do Rio (*images of Rio's carnival*), o que evidencia que as imagens do Sambódromo são tomadas por ele como as imagens do carnaval do Rio.

Considerando-se que diferentes palavras podem ter o mesmo sentido no interior de uma mesma FD, observe-se que o estabelecimento de uma relação de sinonímia no plano intradiscursivo entre o vocábulo “Sambódromo” e o sintagma “desfile das escolas de

samba”, bem como entre o carnaval brasileiro e o carnaval carioca, deixa entrever lampejos de uma FD (cf. subseção 1.1.1), a partir da qual esses vocábulos estariam capturando seus sentidos.

Ao dizer que as câmeras de televisão veiculam as imagens dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro para o mundo, o enunciador revela um outro elemento que, supostamente, atuaria como formador de um imaginário do carnaval brasileiro associado a esses desfiles: as transmissões televisivas dos desfiles. Note-se que o substantivo *world*, cuja carga semântica abarca também os Estados Unidos, sugere que essas transmissões teriam contribuído para a formação de um imaginário partilhado também pelos estadunidenses e, portanto, pelo próprio enunciador, sinalizando assim, que os sentidos supostamente produzidos por esse imaginário também o constituem.

Resumindo, assinalamos que despontam, a partir das análises desta seção, dois pontos principais: primeiramente, a construção da imagem do carnaval carioca e nacional como o desfile das escolas de samba realizado no Sambódromo; e, em segundo lugar, a sugestão de determinados elementos que, hipoteticamente, teriam colaborado para a construção de um imaginário nos Estados Unidos em que o carnaval brasileiro e o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro aparecem associados.

Por outro lado, ressaltamos que, tanto os discursos que constroem a representação do carnaval brasileiro, como o desfile das escolas de samba, que têm por sede o Rio de Janeiro, quanto aqueles que tecem a representação do carnaval brasileiro como uma comemoração em que só comparece o gênero musical samba, como vimos na seção 5.1, materializam uma narrativa estanque, que almeja abarcar essa manifestação cultural em sua totalidade, bem como estendê-la a toda a nação.

Cabe notar, como viemos sinalizando no decorrer destas duas seções, que essa escrita é produzida por meio de vários silenciamentos: de outros gêneros musicais presentes no carnaval brasileiro; de diferentes modalidades de celebração do festejo; de outras manifestações carnavalescas em diferentes locais do Brasil, bem como das especificidades do próprio gênero musical samba, pois também são silenciados: o malandro, a passista, a roda de samba, a brincadeira, o prazer, a dança, que, entretanto, continuam a viver sua pluralidade.

Assim, por meio dessas considerações, é possível dizer que o carnaval brasileiro é desenhado como uma “cultura imaginada”⁴⁸. Cabe salientar, entretanto, que dizer que o carnaval do país é construído nas representações tecidas até aqui, como uma “cultura imaginada” não significa afirmar que o samba e as escolas de samba sejam representações falsas do carnaval nacional ou que não repercuta [m] na vida dos grupos sociais que abarca [m]” (Érnica, 1999:17), nem tampouco de subestimar a força do desfile e do “samba” como manifestações culturais. Trata-se, porém, de destacar que a construção da imagem do carnaval associada exclusivamente ao samba e ao desfile das escolas de samba sinaliza a seleção de um gênero musical específico, bem como de celebrações carnavalescas específicas que, no entanto, coexistem no carnaval nacional juntamente com outros gêneros musicais e com outras manifestações culturais. Significa ressaltar também que o conjunto das manifestações culturais do carnaval não se dilui na narrativa totalizadora do samba, tal como vimos nas representações produzidas pelos enunciadores

⁴⁸ A expressão “cultura imaginada”, usada por Érnica (1999:17), é cunhada em referência à expressão “comunidade imaginada” de Benedict Anderson (1991).

estadunidenses, nessas duas seções, nem de qualquer outro gênero musical singular. Antes, ele é pautado pela heterogeneidade dos gêneros musicais, que se articulam de maneiras distintas, díspares.

Com base em nossas análises, cremos poder dizer, também, que os discursos que constroem o carnaval, a partir das associações que presenciamos nesta seção, apresentam pontos de contato com uma narrativa “pedagógica”, pois apagam o movimento “performativo” próprio das manifestações culturais (Bhabha, 1998:215, cf. seção 1.5 desta dissertação). Segundo o autor, a tessitura narrativa do pedagógico, ao construir a nação como uma “comunidade imaginada” enaltece “a homogeneidade da experiência cultural” (*op.cit.*:222). O performativo, por sua vez, traz a emergência dos espaços de significação plurais e heterogêneos do próprio povo que, “continuamente evocam e rasuram” a escrita totalizadora com que o pedagógico enclausura a nação (*op.cit.*:211).

Nas análises da próxima seção, veremos os modos de produção das representações do carnaval de outra época.

5.1.2 O Carnaval e as escolas de samba no fio da história

Passemos, nesta seção, a investigar a presença de olhares retrospectivos que deixam entrever representações das escolas de samba e do samba, presentes em outros

momentos históricos⁴⁹. Vejamos, primeiramente, que uma análise no nível sintático do recorte [8] revela que a incisa *where slaves were once sold* destaca na sequência antecedente *In the Plaza of Largo da Prainha de São Francisco* o fato de este lugar ter sido, no passado, local público de venda de escravos. A presença desta inserção, que como vimos na seção 1.2, é um lugar privilegiado para a emergência do interdiscurso no intradiscurso, em uma narrativa sobre o samba sugere uma associação deste gênero musical aos escravos.

Vejamos que uma análise lexical do recorte confirma que o enunciador estabelece uma relação entre o samba, a raça-etnia negra e uma região de sentidos associada à escravidão, como revela a presença dos substantivos *Africans*, *Afro-Brazilians*, *Slaves*, *Slaves of Maua*. É significativo o fato de o item lexical *slaves* aparecer novamente na denominação do bloco *Slaves of Mauá*. Diante disto, nos perguntamos: Por que a escolha desse bloco e não de outro?

A propósito, mencionamos que a seleção do bloco *Slaves of Maua* do universo dos blocos carnavalescos que se apresentam anualmente no Rio de Janeiro evidencia o movimento do silêncio operando no processo de produção de sentidos do enunciador que, ao descartar outros blocos, remete as representações do carnaval à memória histórica do período da escravidão no Brasil. Entretanto, cabe ressaltar que essa ligação de sentidos proveniente da memória discursiva permanece inacessível para o enunciador.

⁴⁹ É importante salientar que os momentos históricos que enfocaremos nesta e em outras seções materializam representações de momentos históricos brasileiros construídas por enunciadores estadunidenses. Cabe sublinhar que a discussão sobre a fidelidade representativa desses relatos não está em questão.

A presença de pontos de contato entre a representação do samba e a memória histórica do período da escravidão no Brasil, bem como os processos de silenciamento observados nas três seções anteriores, leva-nos a acompanhar a trajetória dos enunciadores estadunidenses em suas incursões pelo passado do carnaval no Brasil. Como assinala Guimarães (2002:68), para compreender a relação do sentido com o silêncio, é necessário entender o silêncio não “como fenômeno físico, mas como totalidade histórico-significativa”. Apoiado em Orlandi, o autor acrescenta que o silêncio determina “os limites das relações interdiscursivas” (*idem ibidem*).

A propósito, assinalamos, primeiramente, que a associação carnaval-samba-escravos retoma um já-dito interdiscursivo presente na memória histórica brasileira. Este já-dito retrata uma antiga batalha travada pelos negros para manter suas manifestações culturais, batalha essa intensificada nos fins do século XIX, após a promulgação da Lei Áurea. Segundo Queiroz (1992:54-55), após a abolição da escravatura, os antigos escravos passaram a adotar o calendário comemorativo de festas dos “brancos”. Assim, durante o período do carnaval, “os negros” protagonizavam a sua própria celebração nos bairros pobres do Rio “ao som de ritmos de origem afro-brasileiros”. Com a entrada da comunidade negra no cenário carnavalesco, a comemoração do carnaval teria passado a ser dividida, recebendo duas denominações: “Grande Carnaval”, protagonizado pelas camadas urbanas mais abastadas, e “Pequeno Carnaval”, apresentado pela população negra. O “Grande Carnaval”, que recebera a princípio a denominação de “Carnaval Veneziano”, apresentava uma forte influência européia (*op.cit*: 51). Segundo a autora, a partir dessa época, as apresentações do “Pequeno Carnaval” começaram a ser perseguidas,

sob a alegação de que a música e a dança que apresentavam – o samba – serem primitivas, bárbaras e grosseiras.

Vejam, a seguir, os recortes subseqüentes que não só corroboram a presença das representações do “Grande Carnaval” e “Pequeno Carnaval” no imaginário estadunidense, bem como cremos nos auxiliarão a explorar os modos de produção da associação carnaval-samba-escravos naquele imaginário. Assinalamos, porém, que as representações do “Grande Carnaval” e “Pequeno Carnaval”, embora explicitamente aludidas nesses recortes, não recebem essas denominações. A propósito, é significativa, no recorte [13], a menção à primeira apresentação carnavalesca da comunidade negra no carnaval carioca, apresentação essa que teria ocorrido em uma data anterior à promulgação da Lei Áurea – 13 de maio de 1888 – como ilustra a seqüência *The first organized effort on the part of Afro-Brazilians to participate in Carnival appears to have occurred in 1885*.

Observamos que esses recortes também se aproximam por representarem uma suposta “transformação” histórica que o carnaval carioca teria sofrido em fins do século XIX e início do século XX.

[13] The parades of the *grandes sociedades*⁵⁰ and the *corsos*⁵¹ served as occasions when people from the wealthy and intellectual classes performed for the amusement of spectators of humbler origins. Eventually the roles of performer and the onlooker would be reversed. For in the late nineteenth century, other groups began to march during Carnival week, and one day they would replace the *sociedades* and the *corsos* as the principal attractions of Carnival.

⁵⁰ De acordo com Page (1995:474), “*grandes sociedades*” foi uma modalidade de desfile e de baile de carnaval, criados por volta de 1855.

⁵¹ Segundo Queiroz (1992:51) o “corso”, denominação inicial do “grande carnaval”, consistia, a princípio, de um desfile de carruagens e mais tarde de automóveis.

The first organized effort on the part of Afro-Brazilians to participate in Carnival appears to have occurred in 1885, when a group of Blacks of Congolese origin took to the streets to criticize Brazil's imperial regime (Page, 1995:474-475).

[14] These new groups were called samba schools.

Some say the inspiration for the name came from the presence of a nearby teacher-training school. Others insist that the founders of the schools saw their institutions as vehicles for teaching and passing from generation to generation the forms of music and dance indigenous to Rio's poor (predominantly black and mulatto) neighborhoods. Moreover, referring to the new organizations, as schools would lend them prestige.

The samba schools succeeded in transforming the pre-Lenten festivities in Rio de Janeiro. They made the samba the music of Carnival, used mass culture as a vehicle for protest for both the lower and middle classes, served as showcases of "racial democracy" in Brazil, and eventually became an indispensable source of revenue for the city (Page, 1995:476).

Vejamos, primeiramente, os modos de produção dessa idéia de "transformação" das comemorações carnavalescas. Note-se que, no recorte [13] ela emerge na superfície lingüística por meio da seqüência *Eventually the roles of the performer and the onlooker would be reversed*. No recorte [14], a idéia de transformação, materializada na seqüência *The samba schools succeeded in transforming the Pre-lenten festivities in Rio de Janeiro* realça os protagonistas da transformação: as escolas de samba. Nesta formulação, essa idéia é marcada pela forma verbal *transforming*.

Destacamos a seqüência *one day they [other groups] would replace the sociedades and the corsos as the principal attractions of carnival*, que funciona de modo a produzir efeitos de sentido de que "outros grupos", as escolas de samba, se consolidariam em um momento futuro como "as principais atrações do carnaval". Considerada em relação aos efeitos de sentido de que a transformação do carnaval teria sido protagonizada pelas

escolas de samba, como vimos nas análises acima, assinalamos que, por meio dessa sequência, a transformação do carnaval é construída discursivamente como “um momento em que as escolas de samba teriam passado à frente da cena no espaço carnavalesco da época, como se pode perceber pelo sintagma *principal attractions*”.

Note-se também que, a partir dessa formulação, a idéia de transformação se desdobra em uma “substituição” que teria ocorrido no cenário carnavalesco naquele momento. Deste modo, os desfiles das “escolas de samba” teriam substituído os desfiles de “grandes sociedades e corsos” na posição destacada que esses, anteriormente, ocupavam nos desfiles da época. Observamos que, não exclusivamente com relação às modalidades de desfiles, essa hipotética “substituição” de elementos do carnaval é central na construção da “transformação” das celebrações do festejo presentes nos recortes [13] e [14]. Na forma como está sendo representada, essa suposta “transformação” poderia ser formulada da seguinte maneira:

<X>	já existente se transformou em	<Y>
porque:		
Alguns elementos do carnaval	Substituíram	outros elementos

Deste modo, um traço característico dessa transformação é a substituição de “elementos” do carnaval, corroborada também pela presença da forma verbal *replace*, recorte [13]. Observe-se também que o substantivo *groups* é central na representação dessa substituição. Constatamos no nível intradiscursivo duas “redes de encadeamento

lexical”⁵² que gravitam em torno dessa idéia de substituição, demarcando, pois, duas regiões de sentido, que definem, de um lado, os elementos presentes no período em que a comemoração carnavalesca apresentava supostamente uma versão elitizada, e de outro, os elementos que passaram a integrar a comemoração carnavalesca, em um momento posterior à entrada das escolas de samba, recortes, [13] e [14], como pode ser observado no quadro abaixo:

< X>Elemento existente	<Y> Novo elemento
–	“espectadores” [<i>spectators</i>]
“espectadores” [<i>onlooker(s)</i>]	–
“protagonistas” [<i>performer(s)</i>]	–
“ricos” [<i>people of wealthy (...)classes</i>]	“pobres” [(<i>people</i>) of humbler origin
–	“negros e mulatos” [<i>black and mulatto</i>]
“grandes sociedades e corsos”	“escolas de samba” [<i>samba schools</i>]
–	“protesto” [<i>protest</i>]
–	“fonte de receitas” [<i>source of revenue</i>]
–	“modelo de democracia racial” [<i>showcase of racial democracy</i>]

Considerando-se a carga semântica do elemento “substituição” – colocação de pessoa ou de coisa no lugar de outra, troca que implica, pois, a existência de, no mínimo, dois elementos, observamos que, no quadro acima, os “elementos existentes”, presentes na

⁵² O sintagma “rede de encadeamento lexical” é inspirado em Mariani (1998:157) que, em um outro contexto faz alusão aos seguintes sintagmas “rede co-textual”, “redes de formulações intradiscursivas” e “encadeamento lexical”.

coluna da esquerda, embora não explicitamente aludidos pelo enunciador, materializam-se por meio da menção ao seu correspondente “novo elemento” e vice-versa.

Em primeiro lugar, cumpre destacar que é significativa, nesse quadro, a menção ao elemento “homem”, que se apresenta subjacente aos quatro primeiros pares aludidos no quadro. Notamos que a referência a esse elemento sugere que, na articulação dos vários sentidos relacionados à hipotética mudança a que teria se submetido o carnaval, o “homem” materializa um ponto nodal.

Assim, com o objetivo de entrever os efeitos de sentido produzidos por esse elemento, reproduzimos abaixo os sintagmas em que esse elemento aparece:

- i. *people from the wealthy and intellectual classes; spectators of humbler origins; performer, onlooker; recorte [13];*
- ii. *Poor (predominantly black and mulatto) neighborhood; lower and middle classes; recorte [14].*

Note-se que, subjacente a esses sintagmas, a representação do “homem” comparece associada à raça-etnia ou à classe social a que ele pertence, sugerindo que dentre os aspectos realçados na construção da representação desse momento de transição do carnaval da época, a classe social e a raça-etnia dos participantes do carnaval configuram aspectos centrais. Vale notar que é significativo o fato de que não exclusivamente nos elementos presentes no quadro, mas em ambos os recortes, as referências à raça-etnia focalizem, exclusivamente, a raça-etnia negra, como corroboram também os sintagmas *Afro-Brazilians; Blacks of Congolese origin*, recorte [14], confirmando, pois, um postulado de Silva (2000:83) sobre a “invisibilidade” da raça-etnia branca na sociedade ocidental. Trazendo as suas palavras: “em uma sociedade em que

impera a supremacia racial branca (...) ‘ser branco’ não é considerado uma identidade étnica ou racial”. A propósito, como sinalizados no início desta seção, a respeito do recorte [8], em que o enunciador associa o samba à raça etnia negra, analogamente, nesses dois recortes [13] e [14], o samba e as escolas de samba também apresentam-se associados aos negros.

Pode-se depreender pelas análises do quadro, que a representação do momento histórico vivido pelo carnaval é construída como uma ocasião em que pessoas de raça-etnia e de classes sociais menos favorecidas teriam passado a ocupar um lugar destacado no cenário carnavalesco carioca. Despontam, pois, a partir da representação, desse momento, uma inversão concomitante de posições de raça-etnia e classe social que teria ocorrido no cenário carnavalesco da época. Cumpre ressaltar que, nessa representação tecida pelo enunciador, a posição de destaque assumida pelas escolas de samba no cenário carnavalesco da época teria materializado uma ascensão social para pessoas de classe social e raça-etnia presentes em uma posição hierárquica inferior na sociedade da época - os antigos escravos - ascensão essa que foi aludida pelo enunciador como uma “transformação”. Assinalamos também que os realces na “classe social” e na “raça e etnia” se desdobram no estabelecimento de uma relação estreita entre o carnaval, como manifestação cultural, e o “homem”. Assim, o carnaval se transforma, porque o homem que o protagoniza pertence a uma raça-etnia e/ou classe social diferente (s).

Cabe observar a menção à classe social, materializada na menção ao protesto, que seria tematizado nas novas comemorações carnavalescas da época, como ilustra a sequência [*The samba schools*] *used mass culture to protest for both the lower and the*

middle class]. Esta sequência constrói a manifestação do carnaval apresentado pelas escolas de samba como um lugar de protesto para as classes sociais: média e baixa.

Para concluir as análises desta seção, cumpre assinalar que a construção da representação deste momento histórico vivido pelas escolas de samba deixa entrever, no eixo interdiscursivo, as marcas dos discursos que associam o samba atual aos negros e aos escravos, como vimos nas análises do início desta seção, bem como daqueles que associam o carnaval atual, o samba e as escolas de samba, presentes nas seções anteriores. Essas marcas confirmam que “todo discurso sempre remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa” (*op.cit.*: 23), um dos postulados chave da Análise do Discurso. Como vimos na seção 1.2, o interdiscurso é um local em que habitam dizeres de domínio social. Não há, pois, nesse sítio da memória, vozes de um, ou de outro enunciador (Orlandi, 1997), mas sim um conjunto de vozes que ressoam, que se projetam para o futuro. É justamente esse caráter “anônimo” da memória que torna possível que enunciadorees diferentes, em condições de produções heterogêneas, produzam discursos em que se podem depreender regularidades tais quais as que viemos observando nas análises desta dissertação, até este ponto.

Com base nessas considerações, cumpre destacar que as análises dos dois recortes, [13] e [14] nos permitiu compreender alguns modos de produção discursiva dos sentidos que associam o carnaval atual, o samba, as escolas de samba e os escravos. Além disto, cumpre notar que a aproximação com essa região da memória discursiva em que se alojam tais sentidos, deixa entrever também a trajetória do movimento do silêncio no traçado dos limites da FD em que se produzem os sentidos que constroem essas associações, como vêm indicando as análises deste capítulo. Assim, para construírem as

associações ao carnaval, presenciadas neste capítulo, até aqui, os enunciadores produzem um silenciamento de modo a apagar os sentidos que permitiriam que uma outra região de sentidos significasse, construindo, pois, os contornos da FD, a partir da qual eles enunciam (Orlandi, 1997:76, cf. seção 1.3 desta dissertação).

Por outro lado, o que as análises desta seção também revelam é um movimento persistente em direção ao passado, expondo enunciadores que viajam, adentrando a nação em busca de uma só origem possível para o carnaval brasileiro atual.

Passemos, a seguir, na próxima seção, a analisar a construção da representação do carnaval em relação à alteridade.

5.2 O Carnaval brasileiro e outros carnavais

Passemos às análises, procurando entrever, primeiramente, os modos de construção da representação do carnaval carioca em relação a manifestações carnavalescas presentes nos Estados Unidos.

[15] Another part of Carnival unfolds on the streets. Carnival's street parades have nothing to do with the processions that New Yorkers line the curbs to see. Rio's are more like roving parties with blaring music, trailing coolers of beer.

Conga lines of people inevitably snake along the sidelines, growing longer with each block (NYT 15/02/99, A, 4,4).

No recorte [15], a representação dos desfiles de blocos carnavalescos do Rio de Janeiro é construída em oposição aos desfiles nova-iorquinos, como deixa entrever na

superfície lingüística, a afirmação de que os primeiros não têm nada em comum com os segundos, presente na sequência *have nothing to do with*. Vejamos que um dos elementos de sustentação desta oposição é expresso pelo par de sequências: *New Yorkers line the curb to see / Conga lines of people inevitably snake along the sidelines* em que as formas verbais *line* e *snake* materializam os elementos centrais. Os efeitos de sentido produzidos por estas duas formulações podem ser expressos por meio da seguinte sequência: “Os desfiles nova-iorquinos são completamente diferentes dos desfiles carnavalescos cariocas, uma vez que, nas comemorações nova-iorquinas, o público se alinha na beira da calçada para assistir ao espetáculo. Diferentemente, nos desfiles [de blocos] cariocas, o público forma cordões carnavalescos nas calçadas, que vão serpenteando e tornando-se cada vez mais longos, à proporção que o bloco passa nas ruas.

Observamos que a forma verbal *line*, oposta a *snake*, evoca um discurso do domínio da “civildade”, vocábulo que apresenta a acepção de conjunto de formalidades observadas entre si pelos cidadãos, em sinal de respeito mútuo e de consideração; polidez, urbanidade, delicadeza⁵³. Com base nesse discurso, a oposição entre, de um lado alinhar-se, manter-se na calçada assistindo ao desfile; e de outro, serpenteiar, se movimentar ao mesmo tempo em que o desfile se desenrola sugere que esta oposição constrói a imagem dos habitantes de Nova Iorque, como civilizados e a representação dos habitantes do Rio

⁵³ *Dicionário Aurélio Eletrônico, Versão 2.0* (s/d). Rio de Janeiro: Lexikon Informática, Nova Fronteira, CD-ROM.

de Janeiro, como “incivilizados”, vocábulo que tem como significação cristalizada em dicionário rústico[s] selvagens⁵⁴.

Notamos também que, considerada em relação a esse discurso, do domínio da civilidade, a identidade dos nova-iorquinos neste recorte é fixada como “norma”. Trata-se, portanto, de uma normalização do nova-iorquino (cf. seção 1.5, desta dissertação).

Assinalamos que a oposição entre nova-iorquinos e cariocas funciona como elemento de sustentação de uma oposição entre o carnaval nova-iorquino e o carioca. Assim, ancorada na oposição civilizado/incivilizado, essa dupla oposição, que abarca o habitante e a manifestação cultural, sugere uma hierarquização das festividades carnavalescas das duas cidades. Tal hierarquização posiciona o carnaval e o habitante do Rio na extremidade inferior de uma hipotética escala hierárquica de valores, exaltando o habitante de Nova Iorque e o carnaval nova-iorquino em detrimento do carnaval carioca e do habitante do Rio de Janeiro.

Por outro lado, a contemplação da oposição construída entre o carnaval realizado no Rio de Janeiro e em Nova Iorque descortina também a presença de aspectos comuns nos modos de produção das representações dessas manifestações carnavalescas e dos habitantes das duas cidades. Note-se que o enunciador, ao tecer discursivamente as representações do carnaval carioca, o faz em um movimento que oscila entre o carnaval e o habitante das duas cidades: Rio e Nova Iorque. Assim, as imagens das manifestações do carnaval se entrelaçam às imagens dos habitantes de cada lugar, rasurando as fronteiras

⁵⁴ *Dicionário Aurélio Eletrônico, Versão 2.0* (s/d). Rio de Janeiro: Lexikon Informática, Nova Fronteira, CD-ROM.

entre o homem e a cultura. É significativo também o fato de que essas representações sejam construídas em relação a uma cidade localizada em uma outra nação: os Estados Unidos. Deste modo, para urdi-las, o enunciador viaja e, ao fazê-lo, traz em sua bagagem significados de uma cidade, de uma nação outra. Como tradutor de discursos “através de culturas” de dois países, Estados Unidos e Brasil, o enunciador não se dá conta de que, no processo de narrar uma manifestação cultural brasileira, “a sombra [da] nação [estadunidense] está se projetando completamente” sobre o objeto de sua narração, conforme diz Bhabha (1998:200), em um outro contexto⁵⁵.

Deste modo, sob os efeitos desse “fantasma”, o enunciador, sem perceber, analisa o “homem” e as manifestações culturais de um país utilizando os moldes de outro, e o faz, como antes assinalamos, por meio da produção de uma hierarquização. Desta maneira, ele desenha, em sua trajetória narrativa, um movimento na direção de diferenciar o carnaval carioca das manifestações carnavalescas presentes em Nova Iorque. Na mesma direção, veremos que os dois recortes subseqüentes se aproximam por apresentarem um outro modo de diferenciação do carnaval brasileiro, especificamente o baiano, de outras festividades carnavalescas. Passemos então às análises:

[16] In Salvador, the capital of Brazil's state of Bahia, which has one of the richest carnival traditions in the new world, all the connoisseurs of Bahia's Carnival have the same thing jotted down in their agendas: to attend the start of Ilê Aiyê parade.

55 Na ocasião, Bhabha cita Julia Kristeva e tece comentários sobre seus relatos sobre os “prazeres do exílio”. Reproduzo a citação do autor: “E Julia Kristeva fala, talvez um pouco apressadamente, dos prazeres do exílio – ‘Como se pode evitar o afundar-se no lodaçal do senso-comum, a não ser tornando-se um estranho para seu próprio país, língua, sexo e identidade?’ – sem perceber como a sombra da nação se projeta completamente sobre a condição de exílio...” (Bhabha, 1998:200).

Ilê Aiyê (pronounced El-leh Eye-eh) is one of the various carnival organizations, called blocos that sponsor floats and parades throughout the six-day street festival that engulfs this city. But of all of them it is perhaps the purest. Its percussion-and-voice band has refused to go pop, sticking to the slow, stately Ijexá rhythms – an African sort of samba associated with the Afro-Brazilian religion of candomblé (NYT, 21/03/1999, II, 33,1).

[17] Ilê Aiyê, a pure voice of Carnaval, avoids pop music and holds fast to a principle of black pride (NYT, 21/03/1999, II, 33,1).

Destacamos, primeiramente, nos recortes acima, as duas ocorrências do substantivo *Carnaval*. Note-se que, nas duas ocasiões em que comparece, este substantivo designa o carnaval baiano. Na primeira, no sintagma *Bahia's Carnaval* (“Carnaval da Bahia”), recorte [16], podemos perceber que a referência ao carnaval baiano é explicitada. Note-se que, na segunda ocorrência, recorte [17], a alusão ao carnaval baiano é materializada na superfície lingüística, por meio da menção ao bloco carnavalesco *Ilê Aiyê*.

É significativo o fato de o enunciador empregar o substantivo *Carnaval*, em vez de *carnival*, ao fazer referência ao carnaval baiano. Note-se que, nas situações em que o item lexical “*Carnaval*” produz efeitos de sentido de comemoração carnavalesca tradicional, como na seqüência *which has one of the richest carnival traditions in the New World*, o substantivo *carnival* aparece na superfície lingüística; por outro lado, nas ocasiões em que o carnaval baiano atual é mencionado, o substantivo *Carnaval* é empregado. Notamos que este modo de distinção na designação do carnaval não ocorre exclusivamente neste recorte, mas é recorrente em todo o artigo.

Assinalamos que a presença da grafia da inicial maiúscula no substantivo *Carnaval*, em situações em que este se refere ao carnaval da Bahia, presente nestes

recortes, bem como em todo o artigo, sinaliza que este está sendo empregado como um substantivo próprio.

Assim, partindo do pressuposto de que, nestes recortes, *Carnaval* é empregado como um substantivo próprio e que *carnival* é utilizado como um substantivo comum, trazemos, para apoiar nossa discussão, alguns aspectos dos substantivos próprios e comuns. Vejamos que uma das características dos substantivos comuns é “descrever em traços gerais a classe de entidades à qual pertence o seu referente”, rotulando uma determinada categoria estabelecida (coisas, pessoas, ...). Diferentemente, os substantivos próprios fazem “designação individual dos elementos a que se referem” (Neves, 2000: 68-69).

Com base nessas características, diríamos que o substantivo *carnival*⁵⁶, que alude às comemorações carnavalescas de uma forma genérica, está funcionando neste recorte, como um substantivo comum, pois está designando a classe de entidades “carnaval”. Por outro lado, o substantivo *Carnaval*, que designa individualmente o carnaval da Bahia, estaria atuando como um substantivo próprio. Ao operar como próprio, este substantivo identifica “um referente único com identidade distinta dos demais referentes” (Neves, 2000: 68-69).

A partir destas considerações sobre os substantivos próprios e comuns, ponderamos que tanto o carnaval baiano quanto o carnaval tradicional, por apresentarem em aspectos gerais a classe das entidades a que pertencem seus referentes, supostamente,

⁵⁶ Como indicamos na seção 5.1, o elemento que originalmente determina a designação *carnival* é a época em que se realiza a comemoração.

apresentariam a mesma grafia. Curiosamente, como constatamos nas análises anteriores, isto não ocorre no presente artigo. Apoiamo-nos em Mariani (1998:118), para alertar que, na perspectiva discursiva, denominar não configura um processo da “ordem da língua ou das coisas”, mas sim, da ordem do discurso, o que implica “uma relação entre o lingüístico e o histórico-social, ou entre linguagem e exterioridade”. A autora acrescenta que as denominações trabalham designando, descrevendo e/ou qualificando e não significam exclusivamente “pelo que se diz com elas, ou pelo modo como se diz, mas também pelo que não se diz (...) bem como pelo que se depreende das relações que elas mantêm entre si”(op.cit.:119).

Cumpre lembrar também que a psicanálise (Andrès, 1996) nos diz que as substituições de uma palavra por outra são consideradas fraturas por onde emerge o inconsciente do sujeito. Na linguagem escrita, esses “atos falhos” são designados *lapsus calami* (Chemama, 1995:124), podendo materializar-se em uma inversão, substituição de uma palavra por outra ou pela omissão de uma dada palavra. Esse tipo de “ato falho” consistiria, então, na interferência do inconsciente, na expressão escrita. Segundo (Andrès, op.cit.:55), os atos falhos têm uma dupla função na linguagem, pois, ao mesmo tempo que assinalam “a revelação de um desejo inconsciente”, dão testemunho de um “inconsciente estruturado como uma linguagem”, podendo, pois, “ser decifrados como uma mensagem”.

A propósito, cabe ressaltar que, embora não seja possível tecer afirmações precisas sobre hipotéticos processos de significação que teriam levado o enunciador a estabelecer tal distinção na grafia observada nessas análises, com base nos pressupostos da perspectiva discursiva, podemos afirmar que as relações que os substantivos *Carnaval* e

carnival estabelecem em relação ao seu(s) referente(s) é atravessada pela dimensão inconsciente e histórico-social, não se reduzindo, portanto, ao plano lingüístico. Mariani (*op.cit.*:119) assinala que a compreensão dos sentidos produzidos pelas denominações e “pelas regiões discursivas que vão se organizando em torno delas” demanda vários modos de exploração; dentre eles, destaca: a desconstrução de superfícies lingüísticas, a análise do “conjunto de emprego das palavras”, dos tipos de ligação que elas estabelecem entre si e do “modo como ocorrem no texto”, bem como a observação dos efeitos de sentido que produzem.

Nessa esteira, observamos que é significativo o fato de que na sequência *In Salvador, the capital of Brazil's state of Bahia, which has one of the richest carnival traditions in the new world*, recorte [16], o substantivo *carnival* apareça associado ao substantivo *traditions*, um substantivo que pertence ao domínio do discurso da tradição – costumes, ritos, transmitidos no decorrer do tempo, de geração para geração⁵⁷. A presença do substantivo *carnival* (“carnaval”), associado ao substantivo *traditions* (“tradição”), sugere que, para o enunciador, o carnaval tradicional é diferente do apresentado na Bahia, o que, supostamente, poderia justificar a grafia diferente adotada para a designação do carnaval baiano. Entretanto, como antes sinalizado, não é possível asseverar de que forma o carnaval baiano afigura-se diferente. Vejamos no recorte abaixo, uma outra ocorrência do substantivo *carnival* no mesmo artigo:

⁵⁷ *Dicionário Aurélio Eletrônico, Versão 2.0 (s/d)*. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, Nova Fronteira, CD-ROM.

[18] Closer to the time of Carnaval, admission is charged, but it's clear that the bloco offers a healthy counterbalance to the top commercialism of the wealthy blocos, like those built around the groups Crocodilo and Banda Eva, which charge hundreds of dollars for upper-middle-class Brazilians to wear their special shirts and to dance inside a cordoned area behind its sound truck during Carnaval. For its part, the city has given Ilê Aiyê increasing respect and financial support.

The days of the segregated carnival – when whites in Bahia would celebrate in private balls – have been gone for more than 20 years (NYT, 21/03/1999, II, 37,2).

Cumpre destacar que, em todo o artigo, este recorte apresenta a única ocasião em que o substantivo *carnival* é empregado para referir-se, especificamente, às apresentações do carnaval que têm por sede a Bahia, cuja menção é confirmada pela presença do substantivo *Bahia*. Vejamos que um dos efeitos de sentido produzido pelo recorte pode ser expresso por meio das seguintes formulações: “Há aproximadamente 20 anos, havia uma tensão de cunho étnico-racial nas comemorações do carnaval. Devido a essa tensão, a população negra e a branca comemoravam o carnaval em locais separados. Diferentemente, hoje, blocos cujos integrantes são negros, como o Ilê Aiyê, compartilham o mesmo espaço durante o período de comemoração do carnaval”.

Destacamos dois aspectos nessa ocorrência *sui generis* do substantivo *carnival* neste recorte: o primeiro é o fato de que o carnaval baiano em questão seja o carnaval realizado há 20 anos, como revela a sequência *have been gone for more than 20 years*, o que sinaliza que o enunciador não está se referindo ao carnaval baiano atual.

O segundo aspecto é a presença do adjetivo *segregated*, atributo de *carnival*, que imprime a este substantivo sentidos associados a um discurso de raça-etnia. Note-se também que, na formulação subsequente, a incisa *when whites in Bahia would celebrate*

in private balls, ao explicitar o sentido do sintagma *segregated carnival*, o enunciador conduz o movimento dos sentidos na direção de um discurso de raça-etnia, materializado no substantivo *whites* (“brancos”).

Resumindo os modos pelos quais os substantivos *carnival* e *Carnaval* foram empregados neste artigo, observamos que o substantivo *carnival* foi empregado todas as vezes em que foi citado o carnaval tradicional, bem como para fazer referência ao carnaval baiano “segregado” do passado. Por outro lado, o substantivo *Carnaval* foi empregado todas as vezes em que o enunciador fez alusão ao carnaval baiano atual.

Como antes sinalizado, não é possível afirmar sobre os processos de significação que levaram o enunciador a selecionar e combinar tais substantivos nas situações específicas mencionadas acima. Cumpre apenas dizer que, por meio do emprego de grafias diferentes, para referir-se ao carnaval baiano atual e aos demais, o enunciador revela que, para ele, existe uma diferença entre o carnaval baiano e o tradicional. Assim, emergem do seu inconsciente, pelas bordas do discurso, sentidos que separam o carnaval baiano de outros carnavais.

As análises da próxima seção pretendem dar visibilidade aos modos de produção da representação das raízes do samba.

5.3 O samba, a sombra e o passado

Nesta seção, veremos a construção da representação do samba atual e de uma época passada no entremeio de um discurso de raça-etnia. Começamos as análises pelas

seqüências subseqüentes que apresentam alguns momentos do passado do samba no Brasil.

Destacamos, primeiramente, a seqüência⁵⁸ *a huge wall paintings shows a samba singer holding sheet music for the first recorded samba, "On the Telephone", from 1916*, do recorte [8], que faz menção ao primeiro samba supostamente gravado no Brasil. Uma outra imagem do samba no passado comparece na seqüência *The Sambodromo is near Praça Onze, where "On the Telephone" was written*, recorte no [09], que faz referência ao momento de criação do primeiro samba brasileiro, "On the Telephone". Finalmente, um outro período do passado é também evocado pela menção à região central do Rio, lugar em que teria se originado o samba, como ilustra a seqüência *It was in downtown neighborhoods*, recorte [8].

Evocar imagens do passado para construir representações do carnaval atual indica, em princípio, a presença de olhares direcionados às raízes, às origens do samba no país, materializados, como vimos, na referência a elementos associados à criação e à gravação do primeiro samba brasileiro, bem como à implantação desse gênero musical no Brasil. A presença desses olhares leva-nos a procurar compreender o funcionamento do espaço habitado por essas raízes. Acompanhemos, então, no recorte [08], a trajetória do enunciador, na construção da imagem da introdução do samba na cultura brasileira. Notamos inicialmente que, nas primeiras linhas do recorte, emerge, entrecortando o discurso sobre o carnaval atual, um pequeno apanhado histórico. Nessas linhas, o

⁵⁸ Observamos que, como nesta seção analisamos trechos de recortes presentes em outras seções, para facilitar a compreensão da análise, consideramos pertinente reproduzir as seqüências analisadas integralmente.

enunciador desenha a representação da origem do samba no Brasil, atribuindo a sua criação aos africanos e afro-brasileiros, como evidenciam as seqüências: *It was in downtown neighborhoods like this, where Africans and Afro-Brazilians from Bahia met Rio society, that samba took hold in Brazilian culture.*

A segunda proposição, uma incisa, produz efeitos de sentido de que a introdução do samba na cultura brasileira ocorreu por meio de dois elementos, *Africans* e *afro-Brazilians*, corporificados em um só grupo étnico-racial. Note-se que a presença da conjunção aditiva *and* funciona de modo a explicitar que, neste processo de inserção, o segundo elemento, os negros procedentes da Bahia, acresce-se ao primeiro, os negros oriundos da África. Deste modo, os efeitos de sentido produzidos por essa conjunção operam de modo a determinar, de forma precisa, os criadores do gênero musical samba no Brasil.

Assim, ao realçar a composição étnico-racial do grupo que, hipoteticamente, teria implantado o samba no Brasil, e, em segundo lugar, ao promover a exclusão da participação de qualquer elemento pertencente a outro grupo étnico-racial do processo de introdução do samba na cultura brasileira, essa formulação funciona de modo a desenhar a representação do samba como uma manifestação cultural que originou exclusivamente nas comunidades africana e afro-brasileira.

Vejamos que, nas seqüências “*Samba is still very similar to when it was born. In its essence, it has not changed*”, o substantivo *essence* opera de modo a produzir efeitos de sentido de um elemento que constituiria a natureza das coisas; ou, em outras palavras, “aquilo que uma coisa é”. Notamos que, por meio desse discurso relatado, o enunciador revela, por meio da enunciação do “outro”, que o samba, em sua “essência”, continua

igual à época em que foi criado no Brasil, momento histórico materializado pela forma verbal *born*. Longe de provocar uma ruptura, o discurso relatado atua nessa formulação, de modo a reforçar o direcionamento dos sentidos.

A respeito da presença do discurso relatado na esfera jornalística, Mariani (1998:189) afirma que essa forma de reprodução do dizer do outro tornou-se presença constante nos jornais, a partir das décadas de 40 e 50, período em que, segundo a autora, passa a prevalecer, nesse campo, “ ‘uma gramática de impessoalidade’ ”. Assim, a partir daquela época, objetivando “reforçar as idéias de que tanto os fatos quanto os sujeitos fala [vam] por si”, o discurso relatado teve o seu emprego intensificado nos textos jornalísticos, de modo a demarcar as fronteiras “entre ditos diferentes”, produzindo, deste modo, um “apagamento do locutor-jornalista”, por meio da definição de fronteiras entre esses “ditos”. A propósito, a autora acrescenta que as “falas autonomamente reproduzidas sinalizariam, deste ponto de vista, as origens do dizer ou fontes de sentidos sobre os quais os jornais não têm controle ou responsabilidade (*idem ibidem*).

Também apoiada nos estudos de Authier-Revuz⁵⁹, sobre a heterogeneidade do discurso, Ghiraldello (2002:185) alerta para os aspectos discursivos circunscritos à esfera do discurso relatado, assinalando que essa modalidade de reprodução do dizer, que irrompe na materialidade lingüística como um dizer do outro, “é sempre uma forma de (re) criar, por meio da memória discursiva, um ato de enunciação”. Esse processo de (re)-

⁵⁹ Sobre a noção de heterogeneidade no discurso, ver os estudos Authier-Revuz (1982, 1998). Authier-Revuz, J. (1982). *Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de L'autre dans le discours*. DRLAV, 26. Paris: Ed. du Seuil, e ____ (1998). *Palavras incertas. As não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

criação ao ser “atravessado pela interpretação e, portanto, pelo imaginário do enunciador, configuraria, nas palavras da autora, “uma criação” (*idem ibidem*).

Voltando às análises, a afirmação de que a “essência” do samba não teria mudado, imprime um caráter de “imutabilidade” a esse gênero musical, delineando efeitos de sentido de que eventuais mudanças que ele porventura tenha sofrido, durante o período compreendido entre sua introdução na cultura brasileira e os dias atuais, não teriam sido significativas, pois não teriam afetado a sua “natureza”. Transparece assim, nessa representação, o desenho de uma imagem cristalizada e “a-temporal” para o samba, bem como o estabelecimento de uma ligação entre o samba produzido na época de sua suposta introdução no país e o samba brasileiro atual.

Destacamos para as próximas análises, algumas formulações dos recortes [16] e [17], que fazem referência a uma suposta “pureza” das manifestações carnavalescas atuais.

Vejamos, inicialmente, duas menções ao adjetivo *pure*. A sequência *Ilê Aiyê, a pure voice of Carnaval, avoids pop music and holds fast to a principle of black pride*, recorte [17], apresenta a primeira ocorrência desse adjetivo. Por meio de uma análise semântico-sintática, percebemos que a incisa *a pure voice of carnival* opera de modo a destacar no referente, o bloco Ilê Aiyê, o fato de ele encarnar a voz “pura” do carnaval. O adjetivo *pure*, nesta sequência, funciona de modo a produzir efeitos de sentido de algo genuíno, sem mistura nem alteração, destacando a imutabilidade do carnaval apresentado pelo bloco, no decorrer da história. Assinalamos que também são significativas, nesta formulação, as menções: ao fato de o bloco evitar aderir aos ritmos atuais “pop”,

materializado no sintagma *avoids pop music*; e ao fato de esse bloco abraçar a causa da afirmação do “orgulho racial”, como ilustra o sintagma *black pride*.

A segunda ocorrência do adjetivo *pure*, que comparece na forma superlativa *purest*, apresenta-se no recorte [16], na sequência *But of all of them it is perhaps the purest. Its percussion-and-voice band has refused to go pop, sticking to the slow, stately Ijexá rhythms – an African sort of samba associated with the Afro-Brazilian religion of candomble*. Observe-se que, à semelhança da sequência analisada acima, recorte [17], essa formulação também faz referência à suposta “pureza” das manifestações carnavalescas do bloco carnavalesco Ilê Aiyê. Um outro ponto comum apresentado por essas duas sequências é ancorar essa hipotética “pureza” ao ritmo musical apresentado pelo bloco, como atesta, nesta formulação, a menção ao ritmo, materializada no sintagma *slow, stately Ijexá rhythms*.

Notamos também que, ao eleger o gênero musical que o bloco produz como o elemento que materializaria a “pureza” do carnaval, o enunciador destaca, nesse elemento, o fato de este ser um tipo de samba originado na África, bem como a ligação que estabelece com uma religião afro-brasileira, como indica a incisa *an African sort of samba associated with the Afro-Brazilian religion of candomble*.

O realce nesses dois aspectos sinaliza que o elemento que sustenta discursivamente a suposta pureza do carnaval que o bloco apresenta é a conservação dos aspectos relacionados à origem étnico-racial da música que ele produz. Um outro efeito de sentido que emerge por meio desse destaque é a construção da representação do carnaval “puro” brasileiro como um tipo de manifestação cultural africana.

Cumpramos destacar ainda, nesse recorte, que a sequência *has refused to go pop* se aproxima da sequência *avoids pop music* do recorte [17] por produzir efeitos de sentido de que o *Ilê Aiyê* se apegue a um ritmo musical lento e recusa-se a aderir aos ritmos musicais pop⁶⁰ atuais. Note-se que o item lexical *slow* (“lento”) desponta na materialidade lingüística, em oposição ao item lexical *pop* que produz efeitos de sentido da “rapidez” própria do ritmo do mundo globalizado. Assim, se a afirmação de que o *Ilê Aiyê* apresenta um ritmo musical lento associa o bloco a um momento do passado, a declaração de que o bloco se opõe ao ritmo mais rápido, prevalente no mundo “globalizado”, distancia-o do presente.

Concluindo, ressaltamos que a declaração de que o samba possui uma essência, ou em outras palavras, de que existe uma forma “pura” de samba dá visibilidade à adoção de uma concepção essencialista que preconiza que as manifestações culturais possuem uma essência.

Assinalamos também que as afirmações de que essa essência ter-se-ia conservado no decorrer do tempo, como vimos nas análises do recorte [8], e de que, ainda hoje, há blocos que apresentam uma manifestação “pura” de samba, como vimos nas análises dos recortes [16] e [17], apresentam alguns desdobramentos.

Primeiramente, vejamos que tais afirmações inscrevem o momento histórico vivido pelo carnaval contemporâneo em um momento passado, produzindo, assim, um deslocamento temporal, uma disjunção entre o momento da enunciação e a época em que

⁶⁰ A expressão *go pop* faz uma alusão à música pop, ou, em outras palavras, à música de massa produzida comercialmente para o mercado global.

vive o carnaval brasileiro atual. Duncan (1993:46) postula que a representação de determinadas comunidades, a partir do posicionamento dessas em épocas anteriores ao período em que ocorre a enunciação, ou retomando suas palavras, “a temporalização do outro”⁶¹ consistia em uma prática discursiva que esteve fortemente presente no século XIX. Segundo o autor, por meio dessa forma de representação, ancorada na teoria da “evolução social”, “a diferença era, de forma crescente, transformada em história, que passava, deste modo, a ser explicada em termos de evolução social”.⁶²

Em segundo lugar, deixam entrever a concepção de que as manifestações culturais corporificam formas fixas e cristalizadas que se transportam em um *continuum*, do passado para o presente. Uma das consequências da adoção desta concepção é o silenciamento das interlocuções interculturais vivenciadas pelas comunidades produtoras do samba, ao longo da história, promovendo, conseqüentemente, um apagamento do desenvolvimento histórico do samba. Deste modo, o movimento “performativo” (Bhabha:1998, cf. seção 1.5 desta dissertação) que essas comunidades (re) escreveram, a cada dia, nas folhas da história, é silenciado, o que se traduz em uma colagem do povo como imagem sobre os processos de significação cultural dos quais ele é protagonista. Notamos, ainda, que o apagamento das influências que o samba teria recebido durante o período de sua existência no Brasil, constrói o samba como “a-histórico”.

Destacamos, também, como viemos sinalizando nas análises do capítulo, que também é significativa, nesta seção, a presença de um movimento que, persistentemente,

⁶¹ Tradução minha para a sequência: *[to] temporalize the other*”.

⁶² Tradução minha.

procura associar o samba atual, bem como de uma época passada, exclusivamente à raça-etnia negra. A propósito, observamos que a construção de representações, por meio de um entrelaçamento que associa uma manifestação cultural contemporânea exclusivamente a uma determinada comunidade étnico-racial dá visibilidade a alguns pressupostos que seriam partilhados pelos enunciadores que as construíram. Vejamos, então, o que se pressupõe por meio dessa ligação restritiva:

- i. primeiramente, a existência empírica de manifestações culturais “eticamente purificadas”, das quais o samba brasileiro seria um exemplo (Bhabha, 1998:24);
- ii. em segundo lugar, a existência de uma comunidade étnico-racial imaginada, isolada, cujas fronteiras pudessem ser precisamente desenhadas.

Deste modo, nas representações produzidas nesta seção: tanto as manifestações culturais, materializadas pelo carnaval e pelo samba, quanto as comunidades que as produzem são construídas como objetos rígidos e imutáveis, cujos contornos são delineados pela raça-etnia a que pertencem seus membros.

Nas análises da próxima seção, veremos a construção da representação dos dias do carnaval, como opostos aos outros dias do ano.

5.4 O carnaval e os outros dias do ano

“Estudos clássicos sobre a festa carnavalesca” no mundo afirmam, com frequência, que há “uma oposição entre ela e o cotidiano” (Queiroz, 1992: 211)⁶³. Nesta seção, veremos a presença da representação do carnaval brasileiro como um período do ano que se opõe ao cotidiano. Passemos às análises, procurando entrever os modos de produção desta representação:

[19] Whatever the subject, sambas de enredo are about abundance, with thousands of dancing people wearing acres of shiny material and so many feathers it's hard to believe an unplucked peacock survives anywhere (NYT, 17-02-1999, E, 1, 2).

[20] Of course, the abundance being celebrated is paradoxical. The core members of samba schools are the urban poor who live in the hillside slums called favelas. Samba is a celebration of their resilience and energy, and carnival's exuberance presents a spirit undaunted by Brazil's recent currency devaluation or other crises. “We rise above these problems”. Mr. Trinta said: “And we show that a population without education or technology is capable of producing a work of art like a samba school” (NYT, 17-02-1999, E, 1, 2).

Nos dois recortes anteriores, a oposição entre o período do carnaval e os outros dias do ano é materializada, na superfície lingüística, pelo substantivo *abundance* (“abundância”). Note-se, primeiramente, que, no recorte [19], o substantivo *abundance* refere-se simultaneamente ao grande número de participantes do desfile e ao luxo das fantasias, materializado pelo uso de materiais brilhantes, como ilustra a sequência *with thousands of dancing people wearing acres of shiny material*. Diferentemente, no recorte

⁶³Entretanto, cabe mencionar, apenas a título de ilustração, uma vez que nosso objetivo não é empreender uma discussão sociológica sobre o carnaval, que sociólogos como DaMatta (1990) consideram que o carnaval brasileiro engendra a combinação entre os dois momentos, o período do carnaval e o cotidiano, confirmando a existência desta oposição apenas restrita ao domínio do espaço em que este se realiza, “fora da casa e acima da rua” (DaMatta, 1990:98).

[20], a noção de abundância migra do domínio material para o domínio abstrato. Observe-se que, se, no recorte anterior, ela se faz presente no movimento dos corpos dos dançarinos e nas fantasias que eles trajam, neste recorte, ela se desdobra no *leitmotiv* da festividade, transfigurando-se no seu objeto da celebração, como indica a seqüência *the abundance being celebrated*.

Observe-se que a formulação *The core members of samba schools are the urban poor who live in the hillside slums called favela*, recorte [20], indica que essa suposta celebração da abundância, presente no período do carnaval, é protagonizada pelos moradores pobres da favela. Isto é corroborado na superfície lingüística pela presença do pronome possessivo *their*, presente na seqüência *Samba is a celebration of their resilience and energy*. Note-se que, nesta formulação, o substantivo *Samba* materializa o meio, pelo qual a abundância é celebrada. Observe-se, também, que os substantivos *resilience* e *energy* produzem efeitos de sentido da energia e da resistência com que os moradores da favela enfrentariam as adversidades econômicas presentes no seu cotidiano. Assim, para o enunciador, o que esses protagonistas do carnaval celebrariam durante o período do carnaval seria a abundância, materializada na resistência e na energia que têm para lidar com aquelas adversidades.

Deste modo, por meio da ambigüidade semântico-lexical do substantivo *abundance*, o enunciador constrói a representação do carnaval como uma festa que apresenta uma abundância paradoxal, como sugere explicitamente o adjetivo *paradoxal*. O cotidiano engendraria a pobreza vivida pelos participantes do carnaval no dia-a-dia das favelas, caracterizado pela falta de bens materiais. O período do carnaval, ocasião em que o cotidiano estaria suspenso, materializaria o momento da plenitude, pois propiciaria aos

participantes das festividades, usufruir os bens que lhes são negados pela sociedade no dia-a-dia. A produção desses efeitos de sentido constrói a vida diária dos moradores da favela como uma ausência, um espaço vazio que se preencheria apenas durante o carnaval.

Na sequência *carnival's exuberance presents a spirit undaunted by Brazil's recent currency devaluation or other crises*, há uma alusão ao cotidiano pela menção à “recente desvalorização monetária e a outras crises financeiras enfrentadas pelo país”. Note-se que o adjetivo *undaunted*, atributo de *spirit*, alude à “coragem” dos habitantes da favela. A produção de uma paráfrase auxilia na compreensão dos efeitos de sentido produzidos por essa formulação: “A exuberância presente no carnaval dá visibilidade à força e o entusiasmo dos moradores da favela que, mesmo em face das crises financeiras que os atingem diretamente no cotidiano, conseguem produzir um espetáculo grandioso”.

Observe-se também que, por meio do discurso relatado, materializado na sequência subsequente *And we show that a population without education or technology is capable of producing a work of art like a samba school*, o enunciador destaca a falta de escolaridade e de acesso à tecnologia dos moradores da favela. Esta formulação engendra, por meio da negação, a premissa de que, para se produzir uma apresentação artística de qualidade, é necessário ter escolaridade e acesso à tecnologia, como denuncia a presença do adjetivo *capable* (“ser capaz”). Os efeitos de sentidos produzidos por esta sequência poderiam ser expressos por meio da seguinte formulação: “a produção do espetáculo do carnaval é um caso singular que demonstra que, diferentemente do que se acredita na esfera do senso-comum, até mesmo pessoas sem escolaridade têm capacidade de produzir obras artísticas”. Deste modo, o desfile das escolas de samba materializaria uma exceção à regra.

Passemos, a seguir, a analisar a formulação *When Everyone's a Star, it must be carnival in Rio*, recorte [08], do mesmo artigo, que corrobora a produção discursiva da oposição entre o período do carnaval e o cotidiano. Por meio desta seqüência, afirma-se que “O carnaval seria a época do ano em que todos seriam celebridades”. Destacamos primeiramente, o advérbio *when*, que funciona de modo a produzir uma cisão temporal entre o período do carnaval e o cotidiano. Note-se que, nessa formulação, o substantivo *carnival* produz efeitos de sentido de “período do ano”.

Uma análise semântico-sintática revela que essa seqüência apresenta, simultaneamente, uma relação temporal e condicional. Esta relação poderia ser expressa da seguinte forma:

$$\langle X \rangle \Rightarrow \langle Y \rangle$$

Onde X é a condição necessária para que Y se realize:

Quando todos são estrelas, seguramente é carnaval no Rio.

When everyone is a star, it must be carnival in Rio.

Observe-se, também, que o item lexical *star* produz efeitos de sentido de um indivíduo que teria acesso irrestrito aos bens materiais. Assim, subjacente à afirmação de que somente no período de carnaval todos podem ser “estrelas” comparece a declaração de que, no cotidiano, a camada da população que participa do carnaval teria acesso restrito aos bens materiais. Notamos, pois, que essa oposição, ancorada nas condições sociais e

econômicas da população desenha para o Rio de Janeiro a representação de uma cidade econômica e socialmente desigual.

Vimos nos recortes analisados nesta seção, até este ponto, que a imagem da festa carnavalesca é construída no entremeio de uma oposição entre os dias de realização do festejo e os outros dias do ano. No recorte subsequente, veremos a representação de um bloco carnavalesco que apresenta uma diluição desta oposição. Passemos então aos modos de produção da representação do bloco carnavalesco “*Beggars of Ipanema*”.

[21] The ragtag band stopping traffic on Visconde de Pirajá, the shopping street in upper crust Ipanema, was the kind that drivers here roll up their windows to avoid: dressed in worn clothes, greases smeared over their faces and predominantly black.

“Where are they from? Africa?” said a 77-year-old retired pilot.

The answer, spray painted across their bedsheet of a banner, was far closer than the man wished. “Pickup Band: Beggars of Ipanema”, it announced. To rapid drumbeats and a samba shuffle the man’s neighbors parodied their lot – and his prejudices. Children lay down in the middle of traffic as if drugged or dead. Women wove between the cars with their hands out.

Was this social protest or street party?

“They must have come from the slum on the hill”, the pilot said, his eyes wide as he took a step away (NYT, 20-02-1999, A, 4, 3).

Destacamos, primeiramente, as seqüências abaixo que apresentam um discurso do domínio das condições sociais e econômicas dos integrantes do bloco carnavalesco *Beggars of Ipanema*, discurso este que denominaremos nas análises subsequentes discurso de classe social.

i. *dressed in worn clothes, greases smeared over their faces;*

ii. *They must have come from the slum on the hill.*

Note-se que esse discurso de classe-social perpassa a seqüência (i) por meio da descrição das roupas e aparência física dos integrantes do bloco. O adjetivo *worn*, atributo de *clothes* (“roupas rotas”) e o sintagma *greases smeared*, que faz referência aos rostos enebados dos integrantes do bloco remetem a imagem desses componentes ao domínio da miséria social. Na seqüência (ii), o discurso de classe social é esboçado por meio da menção à moradia dos integrantes do bloco, materializada pelo substantivo *slums* (“favelas”).

Observamos que, na superfície lingüística, se entrelaça a esse discurso de classe social, um discurso de raça-etnia, como ilustra o sintagma *predominantly black* (“predominantemente negros”), que faz referência aos participantes do desfile. Note-se que, por meio do substantivo *Africa*, presente na seqüência *Where are they from? Africa?*”, que materializa um discurso relatado, o enunciador também destaca que os integrantes do bloco pertencem à raça-etnia negra, realçando assim, os sentidos associados ao domínio da raça-etnia. Conforme assinalamos na subseção 5.3, a inserção do discurso relatado no intradiscurso de um sujeito, na acepção que está sendo considerado neste trabalho (cf. Ghiraldello, 2002, apoiada em Authier-Revuz), embora atravessada por um desejo de distanciamento de um dizer, configura uma forma de reprodução do dizer do “outro” que materializa uma interpretação do próprio enunciador.

Observe-se que substantivo *Beggars* (“mendigo”), presente na denominação do bloco *“Pickup Band: Beggars of Ipanema”*, materializa a extremidade inferior da escala social e econômica – “mendigo”, aquele que pede esmola para viver; mendicante, o que coloca os integrantes do bloco em uma posição final da camada social. Assim, desponta

por meio desse substantivo, o discurso de classe social em uma dimensão extrema de estratificação.

É significativo também o fato de que a representação desse bloco carnavalesco seja construída no entrecruzamento de um discurso de raça-etnia e classe social. A propósito, observe-se também que a presença do substantivo *samba* sinaliza que o gênero musical que o bloco apresenta é o samba. Deste modo, à semelhança do que vimos na subseção 5.1.2, em que as representações das origens do samba no Brasil foram construídas no entremeio de um discurso de raça-etnia, esses dois discursos comparecem novamente entrelaçados, agora na representação de um bloco carnavalesco atual.

Observamos também que, ao destacar o fato de que os integrantes do bloco estejam com os rostos enebados e trajando roupas “rotas”, o enunciador remete a representação dos integrantes dos blocos para o domínio da negligência com os cuidados pessoais. Esse realce constrói uma oposição entre este e outros blocos carnavalescos, cujas fantasias, bem como a aparência dos integrantes, representam elementos fundamentais da apresentação carnavalesca. Assim, se em desfiles de outros blocos e escolas de samba o traje dos passistas apresenta a abundância materializada pelo luxo, como vimos nas análises do recorte [19], nas representações desse bloco, ele materializa a pobreza e a miséria social

As formas verbais *lay down* e *wove* presentes nas formulações *Children lay down in the middle of traffic as if drugged or dead* e *Women wove between the cars with their hands out* destacam o movimento desordenado dos integrantes desta banda. Note-se que este realce atribuído ao movimento desestruturado dos integrantes deste bloco, à semelhança do que vimos na representação da indumentária e da aparência de seus componentes, também constrói uma oposição entre este e outros blocos carnavalescos,

cujo movimento estruturado, e até mesmo compassado, como ilustram as coreografias apresentadas nos desfiles tradicionais, representa uma marca característica das apresentações. Os substantivos *drivers* e *traffic* se aproximam por fazerem menção aos carros e ao trânsito, que materializam o lugar em que o bloco faz sua apresentação. A propósito, é significativo também o fato de que o local em que o bloco se apresenta seja construído discursivamente em oposição aos espaços, na maioria das vezes, delimitados, tradicionalmente reservados aos desfiles de outros blocos e das escolas de samba.

Concluindo, como antes sinalizado, as análises deste recorte deixam entrever a construção de uma oposição entre o bloco *Beggars of Ipanema* e outros blocos carnavalescos e escolas de samba tradicionais, ancorada, como vimos, nos trajes e no movimento dos passistas, e no local de realização do desfile. Esses elementos, por pertencerem ao domínio da encenação da celebração carnavalesca, situam-se na esfera dos personagens que os participantes do carnaval incorporariam durante o período do carnaval. Note-se que esses elementos descortinam uma oposição que operou, nos recortes anteriores desta seção, como um sustentáculo da oposição entre o cotidiano e o carnaval: a oposição entre personagem / pessoa. Cabe salientar que é justamente o esvaziamento dessa oposição que desencadeia a diluição da oposição entre o carnaval e o cotidiano na representação do bloco *Beggars of Ipanema*. Assim, se nos recortes anteriores desta seção, as representações dos partícipes do carnaval transitavam em dois pólos, cotidiano / pessoa e carnaval / personagem, neste recorte, elas permanecem em um só pólo, cotidiano / pessoa.

5.5 Considerações finais

A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única (Bhabha, 1998:61).

Para finalizar as análises, cabe considerar ainda alguns pontos que permearam o conjunto das seções deste capítulo.

As representações do carnaval brasileiro, significativamente divididas em dois espaços geográficos: o Rio de Janeiro e Salvador, foram cunhadas por meio de um movimento que extrai do conjunto das manifestações do carnaval presentes no Brasil, as celebrações carnavalescas dessas duas cidades. Nesse processo, os enunciadores criaram dois territórios para o carnaval do país, regiões cujas linhas de fronteira se mesclam e apagam o carnaval realizado em outras partes do Brasil.

Como já mencionamos na introdução deste capítulo, tanto as representações do carnaval carioca quanto do carnaval baiano não são homogêneas, pois se articulam de diferentes maneiras, o que é possível perceber por meio da presença de diferentes discursos que as atravessam, bem como pelos vários modos de produção que elas apresentam.

Considerando-se a heterogeneidade dos tipos de comemorações do carnaval brasileiro nos dias de hoje, materializadas de um lado, no que tradicionalmente se designou “carnaval de rua”, tais como: o maracatu, os blocos de frevo, o desfile dos bonecos de Olinda, o carnaval de trios elétricos, as bandas carnavalescas, para citar apenas

algumas; e de outro, no carnaval de recintos fechados, cuja manifestação mais freqüente é o carnaval de clubes, fica caracterizada nas representações do carnaval das duas cidades, uma preferência dos enunciadores estadunidenses por representarem o “carnaval de rua”.

Levando-se em consideração a divisão “carnaval de rua”, há diferenças nos tipos de celebração representadas nas duas cidades: nas imagens do carnaval do Rio de Janeiro, os dois conjuntos de textos, focalizam de forma recorrente, o desfile das escolas de samba. O jornal *The New York Times* apresenta em seus artigos apenas algumas menções ligeiras e ocasionais ao carnaval das casas de festas tradicionais para turistas e ao desfile de outros blocos cariocas. Com relação às representações do carnaval de Salvador, nos artigos do jornal, são freqüentes as representações de determinados blocos carnavalescos. Entretanto, cabe mencionar, os textos do livro *The Brazilians* não trazem representações dos blocos baianos. Como enfatizamos nas análises, na perspectiva discursiva, esse destaque imprimido a algumas apresentações do carnaval, tanto carioca quanto baiano, em detrimento de outras, é considerado um não-dito discursivo, próprio do funcionamento do silêncio no movimento de produção de sentidos. Nas palavras de Orlandi (1997:17), o mecanismo do silêncio denuncia “o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto do sentido, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeito da relação com a *lalangue*)”.

A propósito das similaridades e diferenças na construção das representações do carnaval das duas cidades, cabe sublinhar a presença de duas semelhanças significativas: a associação exclusiva dessa celebração à raça-etnia negra e ao samba, construído discursivamente como um gênero musical generalizado, que preencheria as manifestações do carnaval das duas regiões.

O gesto de associar o samba ao carnaval das duas cidades é parte de um “projeto” que busca traçar contornos específicos para o carnaval brasileiro, ou em outras palavras, que trabalha para marcar as suas diferenças e especificidades. Cumpre destacar, entretanto, que esse estreitamento de fronteiras do carnaval nacional não se apresenta explicitado no plano da formulação, embora seja possível dizer que ele está significado:

- i. Pelo próprio recorte do carnaval das cidades do Rio de Janeiro e de Salvador de outras manifestações realizadas em outras cidades brasileiras;
- ii. Pela associação exclusiva do carnaval brasileiro à raça-etnia negra;
- iii. E pela própria redução do carnaval brasileiro ao gênero musical samba.

A delimitação de uma região de sentidos para o carnaval brasileiro incluiu a construção de duas histórias, cujos contornos se confundiram: uma para o carnaval brasileiro, e outra, para o samba. Para narrá-las, os enunciadores recortaram um determinado passado, ou, em outras palavras, momentos que eles reconhecem como sendo relevantes do passado do carnaval brasileiro. O recorte desse passado incluiu um resgate espaço-temporal que abarca de um lado, o período em que o samba e os desfiles das escolas de samba introduziram-se no cenário carnavalesco brasileiro: a época em que os negros teriam chegado ao Rio e momentos da história do samba nacional, como a gravação do primeiro samba; e de outro, as cidades do Rio de Janeiro e de Salvador.

A propósito, cabe mencionar ainda que, se a obra de Page constrói uma história do carnaval brasileiro, como mencionamos no capítulo 2, os artigos do jornal entrecortam as narrativas atuais com lampejos de relatos históricos.

Pelas bordas dos discursos dos enunciadores, também é possível perceber demarcações de fronteiras para o carnaval brasileiro: pelas diferenças construídas entre a representação do carnaval carioca e nova-iorquino; pelas grafias distintas empregadas para fazer referência ao carnaval baiano e ao carnaval, numa acepção tradicional, bem como pelo movimento, no sentido de deslocar do momento da enunciação, o período histórico em que se encontra o carnaval do bloco Ilê Aiyê.

Com relação à associação exclusiva do carnaval ao gênero musical samba, a blocos que adotem este gênero musical e às escolas de samba, essa ligação deixa entrever o desenho de uma formação discursiva dominante e fortemente presente na discursividade estadunidense. Nessa formação discursiva, a raça-etnia negra é associada à música e à dança.

Cabe assinalar ainda que, no processo de tecer a malha discursiva para o carnaval nacional, os enunciadores convocam também fios de um discurso de classe social, que circulam em torno de diferentes momentos temporais, dos diferentes espaços geográficos: Salvador e Rio de Janeiro, bem como de diferentes modalidades de apresentações do carnaval. O discurso de classe social apresenta tessituras distintas, de tal modo, que as representações das origens das escolas de samba destacam a ascensão social dos integrantes das escolas de samba naquele momento histórico. Diferentemente, as imagens do carnaval atual realçam uma ascensão social momentânea, circunscrita apenas aos dias do carnaval. Um ponto comum apresentado pelo discurso de classe social nesses dois momentos históricos representados é o fato de que seus participantes sejam construídos como oriundos de uma classe social baixa, embora cumpra lembrar que, na representação das origens de samba, haja também menção à classe média.

Finalmente, é importante destacar que as análises deste capítulo não pretenderam esgotar as representações do carnaval brasileiro no *corpus* analisado, nem tampouco no imaginário estadunidense. Certamente, há inúmeras outras representações do carnaval tanto no *corpus*, quanto naquela discursividade, considerada numa acepção genérica. O nosso propósito com essas análises foi mostrar, apenas, algumas formas de construção discursiva das representações do carnaval em sua associação com as cidades do Rio de Janeiro e Salvador.

CONCLUSÕES

As identidades nacionais são identidades raciais no sentido em que assentam em conceitos de descendência por meio de laços de sangue, o que leva a encará-las como tendo uma base biológica (Schiller e Fouron, 2000:41).

No começo desta pesquisa, indagávamos como ocorreriam discursivamente: a construção das representações dos imigrantes europeus em sua articulação com a Região Sul do Brasil, a construção da representação do carnaval em sua associação com as cidades do Rio de Janeiro e Salvador.

É possível dizer que, por meio das análises dos modos de produção dessas duas dimensões, presenciamos uma (re) demarcação do espaço nacional em territórios que recobrem o traçado (inter) regional oficial. Assim, constatamos que o carnaval e os imigrantes indagam as regiões geográficas oficiais da narrativa do “nacional”, desenhando, pois, novos espaços no mapa do Brasil. Tal superposição das regiões geográficas “oficiais” da nação protagonizadas pelos espaços das culturas euro-brasileiras e afro-brasileiras, sugere a dificuldade de apreensão discursiva de um “um-regional”, ou mesmo de um “um-nacional”, denunciando assim, a fluidez e o caráter construído e ficcional do conceito de nação (Bhabha, 1998, cf. seção 1.5, desta dissertação).

Consideradas em relação aos objetivos iniciais deste estudo: estudar algumas representações da nação brasileira no imaginário estadunidense, sublinhamos que, nas representações analisadas neste trabalho, a nação brasileira emerge como um conjunto de fragmentos, passíveis de serem apreendidos apenas provisoriamente, por meio de

representações de grupos étnicos que habitam determinados lugares, locais cujas designações oficiais afiguram-se irrelevantes. Com base nessa constatação, parafraseando Anderson (1991, cf. seção 1.5 desta dissertação), pode-se dizer que tal qual a nação, a denominação “sociedade brasileira” configura uma “sociedade imaginada” que pode ser capturada apenas nos diferentes retalhos dos tecidos discursivos que a constroem.

Partimos, no início desta pesquisa, do pressuposto de que as representações presentes nos artigos do *The New York Times* seriam, de alguma maneira, afetadas por algumas especificidades de suas condições de produção dos artigos (cf. seção 2.3). É possível dizer que isto, em parte, se confirmou, pois os articulistas do referido jornal produziram, com frequência, imagens do Brasil em relação a lugares outros, deixando entrever que eles cravam as marcas do seu cotidiano nos discursos que constroem.

Vimos, também, que as representações dos imigrantes europeus foram construídas em relação aos estados de Paraná e de Santa Catarina, de tal modo que o Estado do Rio Grande do Sul foi apenas citado (cf. seção 3.1), indiretamente, no relato sobre os imigrantes alemães e seus descendentes, produzido por Page (1995), permanecendo, dessa maneira, apagado no restante do *corpus*.

Focalizando os modos de produção das representações da imigração européia e de sua linha de descendência brasileira, observa-se que essas foram construídas por meio da “normalização” e de um “silenciamento” da presença das ações dos outros habitantes da Região Sul e dos demais estados brasileiros. Contribuíram na superfície lingüística para a construção dessas representações, as incisões, que, como lugares privilegiados para a emergência do interdiscurso, deixaram entrever traços significativos das formações discursivas dos enunciadores. Tais imagens foram construídas também por meio da

“explicitação da agentividade”, de construções “causativistas” e da “produção de oposições”.

Considerando-se os dois conjuntos de textos analisados em relação à produção de sentidos, numa acepção genérica, identificamos poucas diferenças entre eles. Em outras palavras, os dois conjuntos não apontaram para filiações diferentes ou regiões de sentidos diferentes, embora, cumpra destacar, ambos tenham sido construídos no entremeio de sentidos entrecruzados, atravessados por vários discursos.

Como sublinhamos, com insistência, no decorrer das análises, as representações do carnaval foram produzidas por meio de vários “silenciamentos”. À semelhança dos modos de produção das representações dos imigrantes e de seus descendentes, também contribuíram na superfície lingüística para a construção das imagens do carnaval, “as incisas”, que, como lugares de irrupção do interdiscurso, deixaram entrever traços significativos da memória discursiva a que se filiavam os sentidos produzidos pelos enunciadorees, bem como a formação discursiva, a partir da qual eles enunciavam. Estiveram presentes também “deslizes” e “construções lingüísticas de oposição”. Cabe relembrar, finalmente, que o desenho das representações do carnaval foi pautado por uma busca das origens do samba e do desfile das escolas de samba.

Perguntávamos também, no início desta pesquisa, que outras representações da presença européia no Brasil seriam construídas pelos enunciadorees. Nas narrativas fundacionais do capítulo 4, foi possível perceber o atravessamento significativo do discurso da miscigenação nessas representações, discurso ainda hoje fortemente presente no imaginário brasileiro (cf. seção 4.2, desta dissertação). Além disso, a construção das representações desse capítulo foram marcadas por um movimento que trabalha no sentido

de (re) criar, de (re) fundar o “nacional” brasileiro, expondo também uma “familiaridade” especial do enunciador com o momento materializado pela guerra contra os holandeses.

Sobre as representações dos imigrantes europeus e do carnaval, tomadas em conjunto, é possível tecer algumas considerações: observando o encadeamento dos enunciados que constroem as representações desses imigrantes e de seus descendentes, pode-se dizer que elas foram construídas em torno de uma rede de sentidos que associa raça-etnia, recoberta pela linha de descendência, a trabalho, progresso e eficiência. Dito de outra maneira, o conjunto dos enunciados sobre os imigrantes e seus descendentes afigura-se impregnado por uma FD, em que se associam eficiência e geração de progresso à etnia européia. Essa FD, como vimos na seção 3.4, interliga-se a uma região do interdiscurso, em que o discurso evolucionista social estava fortemente presente, século XIX, bem como ao discurso colonial.

Na mesma direção, considerando-se o conjunto de enunciados que constroem as representações do carnaval, pode-se dizer que eles apresentam como regularidade enunciativa a associação da raça-etnia negra a uma dada manifestação cultural, desvendando, assim, a região de uma FD, em que essa raça-etnia é associada à cultura, especificamente à dança e à música, na acepção tradicional da palavra. Essa FD apresenta-se entrelaçada a um discurso amplamente difundido no século XX. Tal discurso, de cunho racista, postula que pessoas pertencentes à raça-etnia negra apresentam um bom desempenho profissional nas categorias “esporte” e “entretenimento”, entretanto, não apresentam a mesma atuação em outras esferas profissionais, como afirmam Frances e Tator (2002). Em uma pesquisa, ancorada na Análise Crítica do Discurso (ACD), tais pesquisadores constataram a recorrência de representações de jamaicanos e vietnamitas na imprensa canadense associadas àquelas categorias. Neste estudo, realizado no período

compreendido entre 1994-96, os autores observam que a “ênfase exacerbada [nas associações de pessoas de raça-etnia negra ao esporte] perpetua o estereótipo de que os negros apresentam uma excelente atuação como cantores e como corredores; entretanto, não são capazes de ter um desempenho competitivo em outras arenas da vida” (op.cit.:2001:107) (tradução minha).

Temos, assim, o desenho de duas FDs que se aproximam por configurarem regiões de sentido fortemente associadas à raça-etnia e que se opõem, antagonicamente, ao expor a dicotomia cultura – civilização, que são exclusivamente associadas, respectivamente à raça-etnia negra e à raça-etnia branca. Os pontos de contato desses dois sítios de representações deixam entrever que instâncias tão distintas, como o carnaval e os imigrantes, se aproximam por apresentarem “semelhantes sistemas de dispersão de enunciados” (Foucault, 1972, cf. subseção 1.1.1, desta dissertação). Em outras palavras, pode-se dizer que, de um lado, os discursos que produzem sentidos a respeito dos imigrantes e, de outro, aqueles que constroem sentidos para o carnaval, pertencem a duas “família [s] de enunciados” (op.cit.: 50), famílias que se dispersam para um discurso de raça-etnia.

No capítulo 2 desta pesquisa, afirmamos que incluiríamos ao *corpus* o texto de Page objetivando ampliar a percepção do imaginário estadunidense, buscando, assim, acrescentar um outro texto que, embora se apresentasse na obra singular de um autor, também era atravessado por um discurso institucional, pois tratava-se de uma obra publicada e dirigida ao público americano, considerado de uma maneira geral. A propósito, cumpre destacar que, no caso específico desta pesquisa, esse acréscimo não configurou deslocamentos ou mudanças no direcionamento dos sentidos. Assim, como antes sinalizamos, chegando o final das análises, constatamos que ambos os textos que

constituem o *corpus* partilham regularidades enunciativas. A presença de tais regularidades nos artigos dos jornais e nos textos do livro *The Brazilians*, tanto na produção de sentidos sobre o carnaval, quanto na construção das representações dos imigrantes e de seus descendentes, colocam em relevo uma questão muito interessante. De que maneira dois discursos distintos, considerando-se, por exemplo, o fato de o discurso jornalístico materializar um discurso institucional específico, cujo processo de produção se submete a uma ordem altamente regulada (cf. seção 2.2, desta dissertação), podem apresentar tais regularidades enunciativas histórico-sociais?

Uma das explicações para tal regularidade pode ser um aspecto relacionado às próprias condições de produção, que é a imagem, certamente similar, que os enunciadores desses dois conjuntos de textos fazem do público leitor a que se destinam suas publicações. Coracini (1995:32) relembra, em um outro contexto, que a “força do ideológico, dos valores socialmente adquiridos, das experiências prévias, das imagens que fazemos do nosso interlocutor (...) se manifesta à revelia do nosso consciente”.

A autora afirma que “todo texto resulta de uma infinidade de outros textos” (*idem ibidem*). Nessa esteira, consideramos que tais regularidades enunciativas, como afirmamos no decorrer desta dissertação, também podem ser explicadas, pela própria inscrição histórica necessária dos dizeres em uma dada região do interdiscurso. A propósito, apoiamo-nos nas palavras de Guimarães (2002:68) para afirmar que a relação de interdiscursividade implica uma intertextualidade necessária, pois “mobiliza, inescapavelmente, a relação entre textos diferentes”. Para o autor, a enunciação presente em um dado texto se “relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os” (*idem ibidem*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras linhas deste estudo, invocávamos, aquela que seria, para Said (1990), uma imagem que materializava uma invenção ocidental do Oriente e perguntávamos quais seriam algumas das imagens do Brasil construídas no exterior.

Ao colocar em relevo, nesta dissertação, os silenciamentos que possibilitaram o desenho de representações fixas dos imigrantes europeus e de seus descendentes, bem como do carnaval brasileiro, pretendemos trazer para a frente da cena o caráter construído dessas representações, bem como alertar que o modo de produção, disseminação e perpetuação das representações presentes na sociedade contemporânea é o discurso. Compreender isso nos leva também, na condição de pesquisadores e professores a questionar que outras representações naturalizadas nos acompanham? Que outros recortes norteiam as representações construídas para o Brasil e para outros lugares do mundo? E ainda, quem constrói / construiu e como se produzem os discursos que, nós, brasileiros, tanto valorizamos? Cumpre-nos apenas destacar os aspectos lingüísticos de um dado texto, ou afigura-se cada vez mais importante que incorporemos a dimensão ideológica a nossas leituras?

Por outro lado, é preciso ressaltar que, e aqui considero especificamente os artigos do jornal analisados, as representações presentes nesta dissertação desafiam o caráter objetivo e informativo do texto jornalístico, caráter esse amplamente estabilizado no imaginário. Ao analisar manuais de redação de jornais brasileiros, Silva (2001:302)

relembra que a exigência da produção de um texto jornalístico impessoal e “não-opinativo” denuncia que o que está em jogo nessa questão é justamente o afastamento do sujeito, pois o que se recusa a partir da exigência de exclusão da opinião “é uma escrita que represente o sujeito, seja como autor (...) seja como possibilidade de ‘um determinado olhar sobre’, de uma posição sobre o ‘fato’”.

Entretanto, na contramão da objetividade almejada pela instituição responsável pelo jornal, as análises desta dissertação mostram a impossibilidade de se apagar completamente esse sujeito-jornalista, que é duplamente atravessado pelo inconsciente e pelas práticas histórico-sociais que o constituem, pois, qualquer texto, inclusive o jornalístico, acrescentamos, constitui-se de palavras “por onde vaza e transpira o inconsciente” (Coracini, 2001a:153). Assim, toda hipotética intervenção da edição do jornal em torno da adequação de um texto aos padrões institucionais, quer seja proveniente do escopo da linha institucional do jornal ou em prol de um estilo dito “jornalístico” se mostra, por vezes, pouco eficaz, frente a uma análise que considere os processos de significação do sujeito, pois, certamente, a linguagem expõe tais processos de significação. Essa constatação aponta para a relevância do empreendimento de uma análise discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁶⁴

- ANDRÈS, M. (1996). Ato falho. In: KAUFMANN, P. (org). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ANDERSON, B. R.O'G. (1991). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. Londres: Verso, 1983.
- BACKES, C. (2000). *O que é ser Brasileiro?* São Paulo, SP: Editora Escuta. 168p.
- BANTON, M. (2000). The Idiom of race – A critique of presentism. In: BACK, L. e SOLOMOS, J. (orgs.). *Theories of Race and Racism.: a Reader*. Londres: Routledge, p.51-63.
- BASTOS, H.M. de L. (1998). Identidade Cultural e o Ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil. In: Paiva, VLM de O. (org.) *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. Campinas, SP: Pontes. p. 31-40.
- BERGMANN, M. (1978). *Nasce um povo: Estudo antropológico da população brasileira: como surgiu, composição racial, evolução futura*. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.
- BHABHA, H.K. (1998). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- _____. (1990). Introduction: narrating the nation. In BHABHA, H.K. (org.). *Nation and Narration*. Londres: Routledge, p. 1-7.
- BOLOGNINI, C.Z. (1996). *O lugar de interlocução de brasileiros e alemães na história de suas relações de contato*. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem –UNICAMP, Campinas, SP.
- BROOKE, J. (1992). *A city of blonds builds walls: Migrants keep out*. The New York Times, Nova Iorque, 04/05/1992, Seção A, p.4.
- CALLIGARIS, G. (1997). *Hello Brasil : notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Escuta.
- CAPINHA, G. (2000). A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da identidade. In: FELDMAN-BIANCO B. e CAPINHA, G (orgs.). *Estudos de Cultura e Poder: Identidades*. São Paulo, SP: Hucitec, p.107-148.
- CHEMAMA, R. (org.) (1995). *Dicionário de Psicanálise Larousse/Artmed*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

⁶⁴ Quando houver duas datas, a primeira corresponde à edição consultada e a segunda à primeira edição. Nas Referências de textos extraídos da Internet, a data e hora entre colchetes referem-se à data e hora de realização da consulta ao documento citado.

- CORACINI, M.J.R.C. (1995). A aula de leitura: um jogo de ilusões. In: CORACINI, M.R. J.C. (org.). *O Jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, p.27-33.
- _____. (1997). Língua estrangeira e língua materna : uma questão de sujeito e identidade. Uberlândia, MG. Universidade Federal de Uberlândia: *Letras & Letras*, 14, (1), jul./dez. 1997, p. 153-169.
- _____. (2001a). Heterogeneidade e leitura na aula de língua materna. In: CORACINI, M.J.R.C & PEREIRA, A.E. (orgs.). *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas, RS : ALAB/EDUCAT, p.137-155.
- _____. (2001b). Subjetividade e identidade do professor de português (LM) *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, 36.
- COURTINE, J.J. (1981). *Analyse du discours politique*. Langages, 62. Paris:Larousse.
- DaMATTA, R. (1990). *Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara. 272p.
- _____. (1993). *Conta de Mentiroso, Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco. 209p.
- DRUMOND, R. *Cadeia para quem queima índio. Hoje em Dia*, Belo Horizonte, MG, 14/08/97. Disponível no endereço eletrônico:
URL: <http://www.sanet.com.br/~semterra/pataxo.htm> [02 março 2002 às 20:29]
- DUNCAN, J. (1997). Sites of representation: place, time and the discourse of the Other. In: DUNCAN, J. & LEY, D. *Place/ culture/representation*. Londres: Routledge, 1993, p.39-56. 341p.
- DYER, R. (2000). The matter of whiteness. In: BACK, L e SOLOMOS, J. *Theories of Race and Racism: a reader*. Londres: Routledge, p. 539-548.
- ÉRNICA, M. (1999). *Batucada de bamba, cadência do samba: a formação de uma brasilidade crítica conservadora*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP, Campinas, SP.
- FAIRCLOUGH, N. (1995). *Media Discourse*. Nova Iorque: Oxford University Press. 214p.
- FAUSTO, Boris (2001). *História concisa do Brasil*. São Paulo, SP: Ed. USP.
- FIGUEIREDO, L.C. (1999). Psicanálise e Brasil: considerações acerca do sintoma social brasileiro. In: SOUZA, E.L.A. (org.). *Psicanálise e colonização: Leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 24-39.
- FOUCAULT, M. (1972). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1969.
- FRANCES, H & TATOR,C. (2002). *Discourses of domination: Racial Bias in the Canadian English-Language Press*. Toronto: University of Toronto Press.

- FRANCO, E.P.C. (2000). *Revoicing the Alien in documentaries – cultural agency, norms and the translation of audiovisual reality*. Tese (Doutorado) Faculteit Letteren – Departement Literatuurwetenschap, Bélgica.
- FRANÇA, J.M.C. *Tv e migrantes acabaram com a visão idílica*. Folha de São Paulo, São Paulo, SP, 25/04/2000. Disponível no endereço eletrônico:
URL: http://www.uol.com.br/fol/brasil500/500_14.htm [07 abril 2002 às 21:18]
- GHIRALDELO, C.M. (2002). *As representações de língua materna: entre o desejo de completude e a falta do sujeito*. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, Campinas, SP.
- GOVERNANTES DO PARANÁ (2000). *Casa civil do Governo do Paraná*. Disponível no endereço eletrônico:
URL: www.pr.gov.br/casacivil/gov_lerner.shtml .[25 Abr. 2003 às 15:40]
- GREGORY, MC DONALD'S. (1987). *Carioca Fletch*. Informações sobre o livro disponíveis no endereço eletrônico: URL: http://www.mystery-book-store.com/m/Gregory_McDonald.
- GRIGOLETTO, M. (2002). *A Resistência das palavras: Discurso e Colonização Britânica na Índia*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- GUIMARÃES, E. (2002). *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- HAROCHE, C (1992). *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Ed Hucitec
- HELD, D. & MCGREW, A. (2001). *Pós e Contrás da Globalização*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.
- LIMA, A.A. (1995). A identificação imaginária. In: Escola Brasileira de Psicanálise. *Imagem rainha: As formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ : Livraria Sette Letras, p.61-69.
- MAGALHÃES, M.D.B. (1993). *Alemanha, mãe-pátria distante : utopia pangermanista no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, SP.
- MARIANI, B.S.C. (1998). *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas, SP: Pontes. 256 p.
- _____. (2001). Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In.: Orlandi, E.P. (org). *O Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1993, p. 31-42.

- MILLER, J.A. (1988). *O Percurso de Lacan: uma introdução*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1987.
- MOONRAKER. (1979). Informações sobre o filme disponíveis no endereço eletrônico
URL: www.arquivodocinema.hpg.ig.com.br/entretenimento/bond/moonraker.htm [08 Mai, 2003 às 15:22].
- NEVES, M.H.M. (2000). *Gramática de usos do Português*. 2ª ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.
- NUNES, J.H. (1992). *A construção dos leitores nos discursos dos viajantes e missionários*. Tese (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, Campinas, SP.
- _____. (2001). Manifestos Modernistas: A Identidade Nacional no discurso e na língua. In: Orlandi, E.P. (org). *O Discurso Fundador: A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, p. 43-57.
- OLIVEIRA, L.L. (2000). *Americanos: Representações de Identidade Nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte, MG: UFMG. 224p.
- ORFEU NEGRO. (1959). Informações sobre o filme disponíveis no endereço eletrônico
URL: <http://www.sfsu.edu/~aviv/avcatalog/60757.htm> [08 Mai, 2003 às 15:40].
- ORLANDI, E.P. (1990). *Terra à Vista – Discurso do confronto: Velho e Novo mundo*. São Paulo, SP: Cortez.
- _____. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Ed.Vozes.
- _____. (1997). *As formas do silêncio*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1992.
- _____. (2001a). *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos*. 3ª ed., Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. (2001b). *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes.
- PAGANO, A.S. (1996). *Percursos críticos e tradutórios da nação: Argentina e Brasil*. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, MG.
- PAGE, J. (2000). *500 anos do descobrimento*. 18/04/2000 . Terra Networks. Lista de discussão. Disponível no endereço eletrônico:
URL: www.terra.com.br/500anos/joseph.htm. [15 Mar. 2003 às 21:31].
- PARTRIDGE, E. (1958). *Origins: a short etymological dictionary of modern English*. Nova Iorque: The Macmillan Company.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1997) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T.(orgs.). *Por uma*

- análise automática do discurso, uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1975, p.163-252.
- PÊCHEUX, M. (1994). Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E.P. (org.). *Gestos de Leitura: Da História no discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 55-66.
- _____. (1997a). A análise do discurso: três épocas (1983). In: Gadet, F. e Hak, T. *Por uma análise automática do discurso, uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 311-318.
- _____. (1997b). *Semântica e Discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio*. 3ª ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1975.
- PETERS, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença – Uma introdução*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- PINHEIRO, D. *Eles levam um vidão*. Veja on-line, Editora Abril S.A, edição 1.779. 27/11/2002. Disponível no endereço eletrônico : URL:http://veja.abril.com.br/271102/p_074.html [12 Mar. 2003 às 9h].
- QUEIROZ, M.I.P. de. (1992). *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Editora Brasiliense. 237p.
- REALI-Jr. Piora a imagem do Brasil no exterior. *O Estado de São Paulo*, SP, 08/05/2000, SeçãoA, p.5.
- ROBERTS, J.M. (1993). *History of the world*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- ROHTER, L. (1999). *Brazil Carnival's fabled amity may hide bigotry* The New York Times, Nova Iorque, 12/12/1999, Seção I, p.3.
- SAID, E.W. (1990). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHILLER, N.G. & FOURON, G. (2000). Laços de Sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. In: FELDMAN-BIANCO, B. e CAPINHA, G. (orgs). *Estudos de Cultura e Poder: Identidades*. São Paulo, SP: Hucitec.
- SERRANI-INFANTE, S.M. (1997). *A linguagem na Pesquisa Sociocultural : um estudo da repetição na discursividade*. 2ª ed. Campinas, SP: Ed da UNICAMP.
- _____. (1998). Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (org). *Língua(gem) e identidade*, Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP. p.231-258.
- SILVA, F.L.L. da (1999). *Adolescência: modernidade?* Campinas, SP. Tese (Doutorado). Instituto dos Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.
- SILVA, T.T. da (2000). “A Produção social da identidade e da diferença” In: SILVA, T.T. da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes. p.73-102.

- SILVA, T.D. da (2001) Os manuais de imprensa no Brasil: da redação à circulação pública. In: ORLANDI, E.P. (org.). História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Cáceres, MT : Unemat Editora, p. 273-307.
- UNIVERSITY OF WISCONSIN-EAU CLAIRE (2003). Disponível do endereço eletrônico : www.nasm.edu/drylands/dust.html [18 Jun. 2003 às 15:27].
- WOODWARD, K. (2000). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da (org.). *Identidade e diferença: A Perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Ed.Vozes. p.07-72.
- ZINN, Howard. (1995). *A people's history of the United Estates*. Nova Iorque: HarperCollins Publishers,1980.

LISTA DE ANEXOS

- Anexo I - Tradução para o português dos recortes reproduzidos em inglês.
- Anexo II - Cópia da capa e contracapa do livro analisado (Page, 1995).
- Anexo III - Relação dos materiais analisados.
- Anexo IV - Artigo publicado pela revista Veja (2002) sobre os correspondentes estrangeiros no Brasil.
- Anexo V - Lista de abreviaturas.

ANEXO I

Tradução para o português dos recortes reproduzidos em inglês

[1] As contribuições duradouras dos imigrantes alemães e de seus descendentes foram basicamente coletivas. As antigas colônias que estabeleceram nos estados da região Sul do Brasil conservam, ainda hoje, a aparência de cidades alemãs, bem limpas e meticulosamente arrumadas. Muitos deles trouxeram consigo a religião protestante e contribuíram para que ela se enraizasse no país. Além disso, eles tiveram participação decisiva na fundação das primeiras cervejarias brasileiras e na criação da Varig e da Vasp, as primeiras companhias aéreas do país. No Sul do Brasil, impulsionaram, ainda, o rápido crescimento das indústrias têxteis e de calçados (Page, 1995:116).

[2] No passado, alguém já descreveu o Brasil como “Belíndia”, uma Bélgica abastada, erguendo muralhas contra uma Índia miserável. Tal descrição pode parecer simplista, mas se algum estado brasileiro fosse almejar representar a Europa no Brasil, esse estado seria Santa Catarina, que fica localizada no Sul do país, e é, principalmente, habitada por descendentes de imigrantes alemães e italianos do século XIX. (...) O número de loiros em uma parada de ônibus, entre estudantes e outros moradores, testemunham essa descendência (NYT, 04/05/1994, A, 4:3).

[3] Considerando-se os indicadores sociais, à semelhança de qualquer outra cidade do terceiro mundo, Curitiba parece um pesadelo. Nos últimos 50 anos, a população multiplicou-se por 11. A maior parte das famílias sobrevive com rendimentos semanais inferiores a cem dólares.

Na realidade, Curitiba, cidade com alta qualidade de vida e amplamente arborizada, é um modelo de soluções de baixo custo que, na visão de muitos planejadores urbanos, podem ser aplicadas a outras cidades em crescimento do terceiro mundo (NYT, International, 28/05/1992, A, 4:3).

[4] Nos últimos anos, planejadores urbanos provenientes de toda a América Latina viajaram para Curitiba, a oitava maior cidade brasileira, para se reunirem com o gregário Jaime Lerner, de 54 anos.

“Imagine Rio, Nova Iorque ou São Paulo com uma redução de 25% no número de veículos trafegando nas ruas”, diz Lerner, o filho de imigrantes poloneses que estudou Urbanismo no Brasil e na França. “Nós conseguimos realizar isto aqui”, acrescenta ele.

Noventa paradas tubulares de ônibus, distribuídas ao longo de 241 quilômetros de corredores expressos, integram o sistema de “metrô de superfície” idealizado por Lerner. Essa iniciativa é resultado de um esforço direcionado a oferecer um sistema de transporte coletivo rápido, com um custo equivalente a um centésimo do valor da construção de um metrô subterrâneo.

A construção de 150 quilômetros de ciclovias é outra medida em implantação pela administração local para reduzir a circulação de carros na cidade. Para garantir o acesso das várias camadas da população às ciclovias, o prefeito lançou um programa que incentiva as fábricas a auxiliarem seus empregados na aquisição de bicicletas (NYT, 28/05/1992, A, 4:3).

[5] Há 10 anos, Fortaleza, capital do Estado do Ceará, não dispunha de quase nada que pudesse despertar inveja. Localizada no Nordeste do Brasil, essa cidade castigada pela aridez, parecia eternamente condenada a exportar sua população para esmolar trabalho no Sul, região mais desenvolvida do país (NYT, 15/04/94, A, 4:3).

[6] Os holandeses ocuparam a Bahia em 1624. Embora tenham sido expulsos no ano seguinte, voltaram a conquistar Pernambuco em 1630. Não demorou muito para que controlassem grande parte da região nordeste do Brasil. A presença flamenga trouxe consigo um certo grau de progresso. Os holandeses empenharam-se na expansão da indústria açucareira e incentivaram a produção local de alimentos. Além disso, implantaram o planejamento urbano na cidade de Pernambuco (mais tarde denominada Recife). Pela primeira vez foram realizados estudos científicos sobre os trópicos. No entanto, a colônia portuguesa travou uma guerra de resistência contra os invasores protestantes, que partiu, tanto do território ocupado, quanto de outras regiões. No início dos anos 40 do século XVII, Portugal estabeleceu uma nova dinastia real ao rebelar-se vitoriosamente contra os espanhóis e, com isso, temporariamente, saneou os conflitos com a Holanda. Entretanto, os brasileiros continuaram sua batalha contra os holandeses, uma luta, na qual negros e índios se uniram aos brancos. Em 1654, eles finalmente conseguiram derrotar os invasores (Page, 1995:45).

[7] A vitória teve implicações psicológicas para os colonos que, pela primeira vez, vivenciaram fortes sentimentos de unidade nacional, não como sujeitos portugueses, mas como brasileiros. Pelos próprios esforços, eles derrotaram os holandeses. O sentimento de inferioridade dos colonos em relação aos portugueses começou a sair de cena, dando lugar a auto-estima.

A expulsão dos holandeses marcou, não exclusivamente, o que muitos consideram o nascimento da nacionalidade brasileira, mas a criação de uma mística militar que teria efeitos duradouros ao longo da história do país. Tanto a nação quanto o seu exército originaram desse conflito. Mais tarde, no momento de consolidação da força militar brasileira como instituição independente, a vitória ainda serviria de exemplo de construção de um elo sólido entre o país e seu exército.

A coroa portuguesa facilitou essa aliança, ao decidir não destacar unidades do seu exército para defender a colônia. Portugal enviou ao Brasil alguns oficiais que recrutaram grupos de marginalizados, conhecidos como “exército-pago”. Entretanto, essas tropas não eram suficientes para proteger a colônia de ameaças externas. Então, Lisboa, na ocasião, autorizou a criação de milícias, cujos membros eram provenientes de todas as camadas da sociedade colonial. Com o passar do tempo, as milícias, inevitavelmente, envolveram-se na política local e produziram uma nova geração de militares.

Pode-se dizer que a vitória contra os holandeses teve como principal responsável a ação das milícias cuja constituição refletia a composição multirracial da sociedade colonial (Page, 1995: 43-44).

[08] “No Rio, quando todos são estrelas, seguramente é carnaval”.

No Largo de São Francisco da Prainha, antigo local de venda de escravos, uma parede traz estampada a pintura gigantesca de um cantor de samba segurando a letra da primeira música gravada, do gênero, “Pelo telefone”, de 1916. Foi em bairros centrais como esse, onde africanos e afro-brasileiros passaram a integrar a sociedade carioca, que a inserção do samba na cultura brasileira ocorreu. Na quinta-feira, véspera do carnaval deste ano, Eliane Costa olhou para aquele mural e disse: “O samba ainda continua quase igual ao da época em que foi criado: a sua essência não mudou”.

Usando óculos escuros e com um microfone na cabeça, Eliane ligou um cavaquinho elétrico e começou a tocar e a cantar com seu grupo, Escravos de Mauá. Um dos membros do grupo distribuiu cópias das letras das músicas. Os músicos, seguidos por doze bateristas, rapidamente, subiram em um trio elétrico. Assim, um pequeno desfile traçava seu caminho de volta pelas ruas, em direção à Praça Mauá. Enquanto um grupo de pedestres seguia o trio, exibindo-se, sacudindo o corpo todo, entrando no ritmo da dança de passos rápidos, e alguns observadores acenavam das calçadas, arriscando alguns passos, o desfile interditava o tráfego da avenida Rio Branco, uma das mais movimentadas do centro do Rio de Janeiro. “Quem pensou que o fogo fosse apagar”, cantava o grupo Escravos de Mauá, “ainda consegue ouvir nossa voz” (NYT, 17/02/1999 E, 1,2).

[09] Durante o carnaval, que termina hoje, terça-feira, véspera da Quaresma, o samba invade a cidade do Rio de Janeiro. Há grupos de bairros, blocos como Escravos de Mauá e conjuntos improvisados que tocam baixo, denominados banda. Presenciam-se também celebrações oficiais, como as realizadas durante toda a noite, na avenida Rio Branco, em que se apresentam “blocos de enredo”, grupos que organizam pequenos desfiles de fantasias. Finalmente, há espetaculares sambas de enredo, desfiles suntuosos realizados no Sambódromo, uma passarela de concreto ladeada por arquibancadas e câmeras de televisão que apresenta o carnaval do Rio a um público pagante, e transmite ao mundo suas imagens. O Sambódromo fica próximo à Praça Onze, onde foi escrito o samba “Pelo telefone” (NYT, 17/02/1999, E, 1:2).

[10] Na avenida onde as principais escolas de samba do Rio mantêm armazéns para construir os carros alegóricos, como são chamados os palcos móveis de quatro níveis em que se realizam as apresentações carnavalescas, é fácil perceber porque o carnaval perdura. Passando pelo hall de entrada, uma visita a um dos edifícios severamente protegidos para impedir a espionagem de concorrentes, envolvidos na competição, revela um mundo fantástico dessas fantasias construídas em espuma de poliuretano colorida (NYT, 15-2-1999, A, 4:3).

[11] O carnaval e o Brasil estão tão interligados, que este já foi referido como “País do Carnaval” (nome do primeiro romance do escritor Jorge Amado).

O desfile em si é o evento principal dessas festividades incessáveis, orgiásticas realizadas no Rio de Janeiro, no fim de verão, período que antecede a Quaresma e que, como um irresistível delírio, cobre a cidade como um todo. Essas celebrações tornaram-se metáforas de várias texturas, empregadas para ilustrar inúmeros aspectos da “brasilidade”. Esse desfile anual ocorre nos estreitos limites de uma construção idealizada por Oscar Niemeyer, inaugurada em 1984 (...). Para os brasileiros, o desfile apresenta múltiplos significados (Page, 1995:466).

[12] As cenas verídicas do desfile de Carnaval apresentadas no filme *Orpheu Negro*, vêm, há anos, encantando cinéfilos. Outros filmes, como *007 contra o foguete da morte*, estrelado por James Bond e livros, como *Carioca Fletch*, escrito por Gregory McDonald, exploraram o desfile como pano de fundo exótico para tramas que pouco se relacionam ao Brasil. A divulgação obtida por meio dessas obras teve forte impacto na consolidação do carnaval como atração turística internacional (Page, 1995:477-478).

[13] Os desfiles das “grandes sociedades” e de “corsos” propiciavam aos integrantes de classes ricas e intelectuais a oportunidade de se apresentarem aos espectadores de origem mais humilde. No fim, posteriormente, haveria uma troca de papéis, pois no final do século XIX, outros grupos começaram a desfilar durante a semana do carnaval. Mais tarde, eles substituiriam os desfiles das sociedades e de corsos, tornando-se as principais atrações da festa carnavalesca.

A primeira participação organizada dos afro-brasileiros no carnaval parece ter ocorrido em 1885, quando um grupo de negros de origem congoleza se dirigiu às ruas para criticar o regime imperial do Brasil (Page 1995:474-475).

[14] Esses novos grupos foram denominados escolas de samba.

Alguns dizem que o nome teria sido inspirado numa escola de formação de professores situada nas proximidades do local em que surgiram as escolas. Outros insistem em que os fundadores das escolas concebiam suas instituições como um meio hábil para transmitir, de geração em geração, as coreografias e as músicas originadas nas comunidades pobres do Rio (cujos membros eram predominantemente negros e mulatos). Além disso, figurando como escolas, as novas organizações seriam mais prestigiadas.

As escolas de samba, realmente, conseguiram transformar as festividades do carnaval carioca.

Elas instituíram o samba como o gênero musical do carnaval, usaram a cultura de massa como meio de protesto para as classes sociais média e baixa e serviram de modelo de “democracia racial” no país. Consolidaram-se também, como fonte de receitas indispensável à cidade (Page, 1995:476).

[15] Uma outra manifestação carnavalesca desdobra-se nas ruas. Esses desfiles de carnaval de rua não têm nada em comum com os desfiles a que os nova-iorquinos assistem, alinhados nas calçadas. Os desfiles do Rio se assemelham mais a festas móveis, que ao som de uma música barulhenta, trazem a reboque isopores de cerveja. Á proporção que bloco vai passando pelas ruas, muitas pessoas, inevitavelmente, incorporam-se ao enorme cordão carnavalesco formado nas calçadas (NYT, 15/02/99, A, 3:4).

[16] Na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, famosa por sediar um dos carnavais mais tradicionais do mundo, todos os bons conhecedores do Carnaval baiano têm um compromisso anotado em suas agendas: assistir ao começo do desfile do Ilê Aiyê. O bloco Ilê Aiyê, uma das várias organizações carnavalescas de Salvador, patrocina desfiles a carros alegóricos que se apresentam durante os seis dias de celebrações que param a cidade. Dentre todas, talvez o Ilê Aiyê represente a mais pura: sua banda negou-se a aderir ao ritmo “pop”, optando pelos ritmos lentos do Ijexá, um tipo de samba africano associado à religião afro-brasileira do candomblé (NYT, 21/03/1999, II, 33:1).

[17] Ilê Aiyê, a pura voz do carnaval, evita a música “pop” e abraça a causa de afirmação do “orgulho racial” (NYT, 21/03/1999, II, 33,1).

[18] Próximo ao período do carnaval, paga-se para assistir aos ensaios⁶⁵ do bloco, uma excelente opção em relação às centenas de dólares cobradas por blocos ricos, como o Crocodilo e a Banda Eva. A classe média alta brasileira paga valores exorbitantes a essas organizações pelo conforto de dançar em uma área cercada por cordões de isolamento, atrás dos trios elétricos e por vestir suas camisetas especiais. Nos últimos tempos, Salvador vem cumprido a sua parte, pois o Ilê Aiyê tem recebido crescente respeito e apoio financeiro da cidade.

Os dias do carnaval baiano segregado – dias nos quais, os brancos comemoravam o carnaval em bailes separados – já se passaram há mais de 20 anos (NYT, 21/03/1999, II, 33:1 e 37:1).

[19] Não importa o tema representado: os sambas de enredo são marcados pela abundância, traduzida em milhares de pessoas vestindo tecidos brilhantes e tantas penas, que é difícil acreditar que um pavão sequer sobreviva, com penas, em algum lugar do planeta (NYT, 17-02-1999, E,1:2).

[20] Certamente, a abundância celebrada é paradoxal: a maioria dos componentes das escolas de samba tem origem pobre e mora nas favelas. O samba é a celebração de sua energia e resistência. A exuberância do carnaval revela um espírito que não se abate pela recente desvalorização monetária, ou mesmo, por outras crises enfrentadas pelo país. “Nós superamos estes problemas”, diz Joãozinho Trinta “e mostramos que uma população com baixo nível de escolaridade ou pouco acesso à tecnologia é capaz de produzir uma obra de arte como uma escola de samba” (NYT, 17-02-1999, E, 1:2).

[21] Predominantemente negros, os rostos enebados, as roupas rotas... Esses eram os integrantes da banda desengonçada que parava o trânsito na Visconde de Pirajá, uma avenida comercial, em Ipanema. É justamente para evitar esse tipo de pedestre que os motoristas da região costumam levantar os vidros das janelas dos carros.

De onde eles vieram? Da África? Comenta um piloto aposentado, de 77 anos.

⁶⁵ Nota de tradução: a menção ao vocábulo *rehearsal*, “ensaio”, encontra-se num trecho anterior a esta seqüência, no mesmo parágrafo.

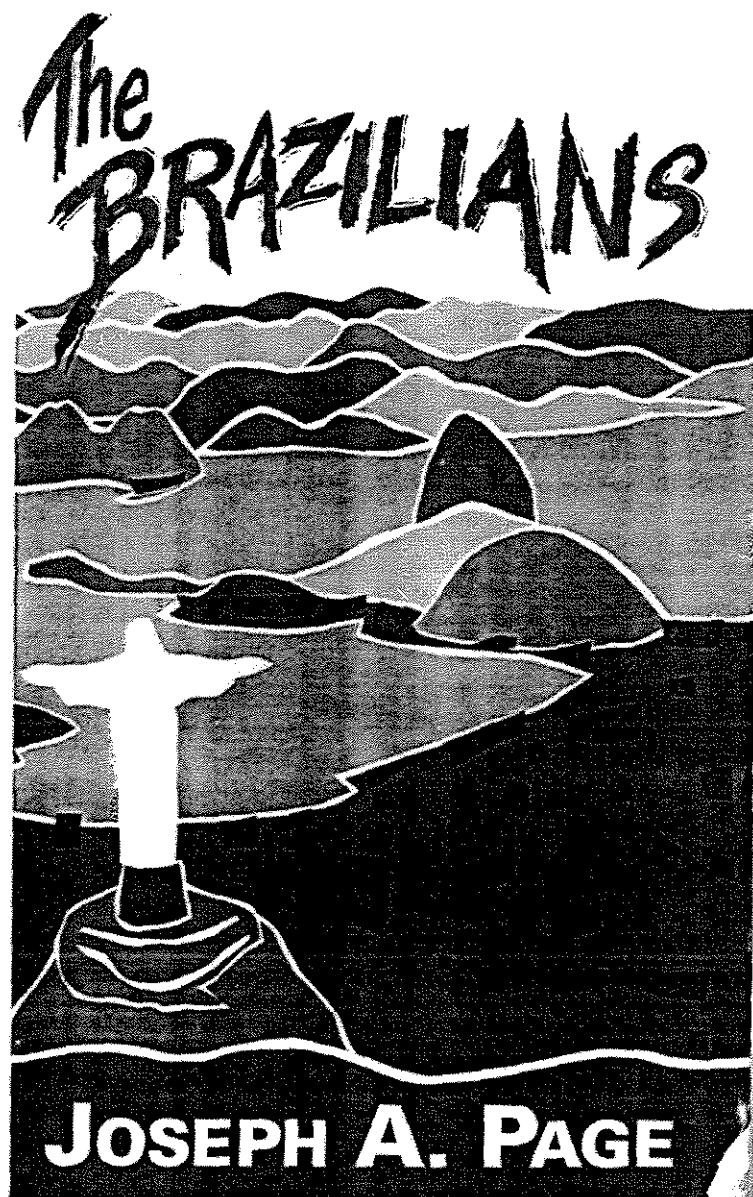
A resposta, pichada em uma faixa, estava bem mais próxima do que o piloto desejava: a legenda dizia: “Banda de catadores: Mendigos de Ipanema”. Acelerando o batuque e o pandeiro, os vizinhos do piloto parodiavam seu preconceito e a própria situação. No meio do tráfego, crianças deitavam-se, como se estivessem mortas ou drogadas, mulheres vagavam , pedindo esmolas.

Protesto social ou festa de rua?

“Com certeza, eles vieram das favelas do morro”, dizia o piloto, com os olhos arregalados, à medida que se afastava do local (NYT, 20-02-1998, A, 4:3).

ANEXO II

**CAPA E CONTRA-CAPA DO LIVRO : THE BRAZILIANS
(PAGE, 1995) E RELAÇÃO, PRESENTE NO CORPO DO LIVRO,
DE OUTRAS OBRAS PUBLICADAS PELO AUTOR.**



Current Affairs

A country warmly hospitable and surprisingly violent, physically beautiful yet on the verge of ecological disaster, fabulously rich and appallingly poor—these are the contrasts Joseph Page explores in *The Brazilians*, a monumental book on one of the most colorful and paradoxical places on earth.

Once one of the strongest market economies in the world, Brazil now struggles to emerge from a deep economic and social crisis, the latest and deepest nosedive in a giddy roller-coaster ride that Brazilians have experienced over the past three decades. Page examines Brazil in the context of this current crisis and the events leading up to it. In so doing, he reveals the unique character of the Brazilian people and how this national character has brought the country to where it is today—teetering on the verge of joining the First World, or plunging into unprecedented environmental calamity and social upheaval. Not since Luigi Barzini's *The Italians* has a society been so deeply and accurately portrayed.

"*The Brazilians* is a cultural guide, structured like a conversation led by one who has returned from a wonderful adventure. Drawing on an encyclopedic range of sources—history, economics, culture, film, literature, a splash of pop political psychology, and the author's more than thirty years of personal experience—Page immerses the reader in an anecdotal portrait of modern Brazil that is as flowing and colorful as any pre-Lenten samba."

—*The Washington Times*

"Page effectively explodes myths carefully tended by the Brazilians themselves."

—*The New York Times Book Review*

"*The Brazilians* is one of the most complete portrayals I've read of the complex Brazilian personality and culture."

—*Business Week*

"Page has written an affectionate portrait of this complex and exasperating continent-sized nation. His book is lively and comprehensive...."

—*Foreign Affairs*

Joseph A. Page, a professor of law at the Georgetown University Law Center, is the author of *Perón*, which was translated into Spanish and became a South American bestseller. He also wrote *The Revolution That Never Was* and *Bitter Wages*.

Cover design by Jean Seal
Cover art by Catherine Neal

ISBN-N-0-201-44191-8
BRAZILIANS
22 227 08/20/01
\$20.00 POLITICS & PROSE

US \$20.00 / \$29.95 CAN

ISBN 0-201-44191-8

5 2 0 0 0



9 780201 441918

PERSE

<http://www.aw.com/gbr>

Also by Joseph A. Page

Perón: A Biography (1983)

The Law of Premises Liability
(1976; Second Edition 1988)

Bitter Wages:

The Nader Report on Disease and Injury on the Job
(Coauthor with Mary Win O'Brien)(1973)

The Revolution That Never Was:
Northeast Brazil, 1955–1964 (1972)



ANEXO III

RELAÇÃO DOS MATERIAIS ANALISADOS NESTA PESQUISA

BROOKE, J.(1992). A city of blonds builds walls: Migrants keep out. *The New York Times*, Nova Iorque, 04/05/1992, Seção A, p.4.

_____ (1992). *The secret of a livable city? It's simplicity itself.* *New York Times*, Nova Iorque, 28/05/1992. Seção A, p.4.

_____ (1994). *Bouquets for a state as Brazil's dust bowl flowers.* *The New York Times*, Nova Iorque. 15/04/1994. Seção A, p.4.

PAGE, J.A. (1995). *The Brazilians.* Massachussetts : Perseu Books. 540p.

PARELES, J. *When everyone's a star, it must be carnival in Rio.* *The New York Times*, Nova Iorque, 17/02/1999. Caderno E, p.1, seção 2.

RATLIFF, B. *Hewing to Musical and Racial Roots in Brazil.* *The New York Times*, Nova Iorque, 21/03/1999. Caderno II, p.33 e 37, seção 1 e 2.

SCHEMO, D.J. *On the Conga Line, who cares about the crisis.* *The New York Times*, Nova Iorque, 15/02/1999. Caderno A, p.4, seção 3 e 4.

_____. *Slums and Samba have their day.* *The New York Times*, Nova Iorque, 20/02/1999. Caderno A, p.4, seção 3.

ANEXO IV

ARTIGO PUBLICADO PELA REVISTA VEJA (2002) SOBRE OS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS NO BRASIL

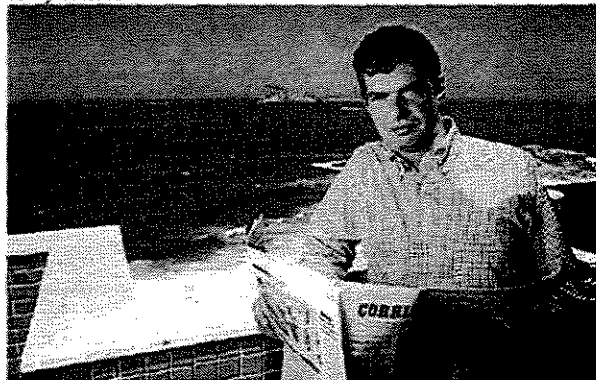


Edição 1 779 - 27 de novembro de 2002

Eles levam um vidão
Jornalistas estrangeiros no Brasil têm influência...e a vida que pediram a Deus

Daniela Pinheiro

Selmy Yassuda



O italiano Rocco Cotroneo: 8 000 dólares de salário e cobertura em frente ao mar

Pode ter sido apenas coincidência, mas quando Raymond Colitt, correspondente no Brasil do jornal inglês *Financial Times*, escreveu que as instituições financeiras deveriam dar uma chance ao então candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva houve certa calma no mercado. Recentemente, o americano Larry Rohter, correspondente do *The New York Times*, publicou um artigo sobre uma suposta parceria do narcotráfico com autoridades do Espírito Santo, cuja capital descreveu como "a Medellín do Brasil". Os políticos capixabas correram à televisão para se explicar como se houvesse milhões de leitores do jornal nova-iorquino no Brasil. Os correspondentes da imprensa estrangeira têm mais influência do que se imagina. Eles são, em grande medida, os criadores da imagem que o país projeta no exterior e que acaba refletindo de volta por aqui. Têm o poder de influenciar os mercados, atrair ou afastar alguns investimentos, criar mitos e cultos a personalidades locais. Além do prestígio e da influência que exercem com seu trabalho, muitos deles, quando não estão diante do computador, levam um vidão no Brasil.

Há cerca de 430 correspondentes internacionais em atividade no país. A maioria deles americanos, seguidos de ingleses e alemães. Se existe um aspecto insólito da influência do 11 de setembro no mundo, ele diz respeito à rotina dos correspondentes estrangeiros no Brasil. Com salário em dólar e pouco espaço nos jornais devido à prioridade dada aos assuntos ligados à luta antiterror, sobrou muito tempo livre para ser gasto em outras atividades. "De fato, temos muito tempo livre. O noticiário está todo voltado para o Oriente Médio e o que o presidente George W. Bush está fazendo. Para nós, resta usar a imaginação e buscar assuntos pitorescos, como o esbanjamento dos ricos na Festa do Peão de Boiadeiro em Barretos", conta a francesa Annie Gasnier, correspondente da Radio France Internationale e da revista *Le Point*, que costuma passar suas horas de lazer no cinema ou fazendo trekking na Chapada dos Veadeiros. A rotina dos correspondentes é atraente no Brasil em boa parte porque as reportagens que eles perseguem os levam a lugares desafiadores. Rohter, do *The New York Times*, passa mais tempo enfumado na selva amazônica ou no interior do Pará do que na orla de Ipanema, onde está seu escritório. Muitos desses profissionais também são responsáveis pela cobertura de outros países da América do Sul, o que os leva a viajar constantemente. Nas últimas semanas, devido às eleições, a agenda de trabalho ficou atoladíssima.

Oscar Cabral



Juan Arias, do *El País*: trinta matérias por mês e uma casa paradisíaca no litoral

A literatura, o esporte, os hobbies exóticos ou a doce vida à beira-mar disputam o tempo livre dos jornalistas estrangeiros. Juan Arias, 70 anos, correspondente do jornal espanhol *El País*, tem a aparência de um homem de 50. Ele construiu uma casa paradisíaca a 20 metros da praia em Saquarema, a menos de duas horas do Rio de Janeiro. É de lá que abastece o jornal com cerca de trinta reportagens por mês. Ele administra seu horário de trabalho. Às vezes, são apenas duas horas por dia. Arias fez uma pequena fortuna com seu *Confissões de um Peregrino*, uma longa entrevista com o escritor Paulo Coelho, traduzida em dezesseis idiomas. "Não saio daqui por nada. Tenho uma vida excelente sem ter perdido meu contato com o mundo", diz. O americano Kenneth Rapoza, 34 anos, correspondente do *The Boston Globe*, um dos mais relevantes jornais dos Estados Unidos, consegue levar uma vida pacata em Londrina, no interior do Paraná. É de lá que ele escreve apenas duas reportagens por mês. "Eu até acho que vão fechar o escritório aqui. O número de matérias não compensa. O que faço na maior parte do tempo é ler, viajar, brincar com a minha filha e praticar musculação", afirma.

No universo diplomático, a meta da maioria dos itamaratecas é a indicação para um posto em alguma das cidades mais cintilantes do mundo, de preferência no chamado "circuito Elizabeth Arden" – Paris, Roma, Londres e Nova York, como se lê nas embalagens dos cosméticos da grife. No mundo dos correspondentes estrangeiros, o circuito inclui ainda Washington e Berlim. O Brasil estaria posicionado em

uma espécie de "Trilha Ho Chi Minh", uma referência à Guerra do Vietnã, que, a certa altura, chegou a ter mais correspondentes em ação do que histórias para contar. É por isso que a maioria dos correspondentes prova uma certa dificuldade de publicar matérias sobre o Brasil. "É difícil convencer um editor que está a milhas de distância de que há algo mais importante sobre o Brasil do que a Amazônia ou a violência, os estereótipos mais comuns", diz o jornalista Michel Labrecque, 46 anos, da Société Radio-Canada. Ainda assim, a maior parte dos correspondentes pediu para ser transferida para o Brasil. A explicação, segundo dizem, é que dificilmente em outro país tamanha sinecura se soma a um clima ameno e um povo acolhedor. Iguazinho ao que dizem os turistas que desembarcam aqui.

Claudio Rossi

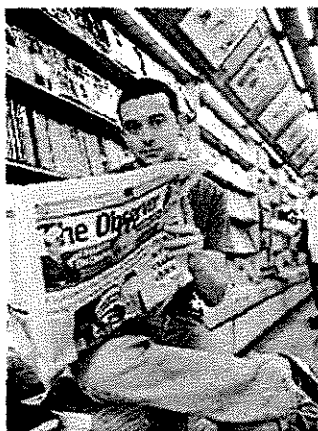


A francesa Annie Gasnier: notícias amenas e tardes livres para cinema e esportes

Aliás, as queixas dos correspondentes sobre o país também são iguaizinhas às dos gringos em viagem: violência, sujeira, bagunça e, sobretudo, a excessiva desorganização da burocracia nacional. "Às vezes, acho que é mais fácil conseguir uma audiência com o primeiro-ministro da Inglaterra do que tirar xerox de um documento em uma repartição do Rio", comenta o inglês Alex Bellos, 32 anos, que largou a atribulada rotina na redação do *The Guardian* para representar o jornal na capital fluminense. Depois de quatro anos no Brasil, ele lançou um livro sobre a obsessão nacional pelo futebol. "É um aspecto da sociedade brasileira sem precedentes em outro lugar do mundo. Através do futebol, pode-se contar o que é o país sob os âmbitos positivo e negativo, principalmente quando se trata da condescendência com a corrupção, algo incompreensível para um estrangeiro", diz.

Os correspondentes produzem em média 18.000 reportagens sobre o Brasil a cada ano. Cerca de 60% delas de teor econômico. Número impensável nos anos 70, quando artigos sobre Carnaval, samba e Pelé eram os prediletos dos jornalistas estrangeiros. "O Brasil se tornou uma fonte de grande expectativa no mercado internacional. Assuntos financeiros são os que mais importam. Favela e Amazônia deixaram de ser temas palpitantes", diz a americana Paula Gobbi, 40 anos, correspondente do *Los Angeles Times*. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, as boas notícias superaram o número de citações negativas na imprensa internacional. Segundo levantamento feito nos últimos doze meses, há uma tendência de as publicações européias estamparem mais notícias positivas sobre o Brasil, enquanto os Estados Unidos adotam um tom neutro. Na maioria dos casos, países da América Latina optam por publicar mais matérias negativas que positivas. "O país seduz demais e a gente perde um pouco a isenção. Acho que às vezes somos bons demais com o Brasil", diz o italiano Rocco Cotroneo, 39 anos, correspondente do *Corriere della Sera*. De fato, ele não tem do que reclamar. Com um salário na casa dos 8.000 dólares mensais, Cotroneo mora em uma sensacional cobertura em frente à Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Ali, ele próprio construiu uma antena parabólica para exercitar um de seus hobbies favoritos: acessar rádios estrangeiras. Para um ex-editor de economia, escrever 60% de suas reportagens sobre futebol e Ronaldinho pode parecer frustrante. "Mas não é. Há muito que escrever. Mas temos de fazer aquilo que interessa ao leitor", afirma.

Oscar Cabral



Bellos, do *The Guardian*: críticas aos brasileiros

Com um ordenado bem menos polpudo, cerca de 1.500 dólares por mês, o cubano Leonel Nodal, 57 anos, correspondente da agência de notícias Prensa Latina, tem entre seus assuntos mais freqüentes futebol, vôlei e novelas brasileiras. "É o que faz mais sucesso em Cuba", diz. Curiosamente, há correspondentes romenos – três, pasmem! –, quatro russos, um guatemalteco, dois egípcios e quatro chineses trabalhando no Brasil. É de se perguntar sobre o que esses profissionais costumam escrever a respeito do país a seus leitores. Há cinco meses no Brasil, o chinês Li Xiaoyu, 48 anos, da Rádio Internacional da China, acredita que são os aspectos prosaicos da vida cotidiana o que seduz seus patrícios. "A política brasileira é algo muito distante para os chineses. Por isso, as reportagens mais interessantes que fiz foram sobre uma jibóia que deu cria sem cruzar ou homens brasileiros lotando os salões de beleza", conta. O romeno Alejandro Franco publica em três jornais uma média de duas reportagens por mês. Uma das mais relevantes, segundo ele, pela qual recebeu 10 dólares (sim, 10 dólares), foi acerca da rebelião no presídio de Bangu 1 liderada pelo traficante Fernandinho Beira-Mar. "Na Romênia, isso é tido como uma coisa positiva. Eles pensam: menos um bandido à solta", explica. O inusitado é que Franco, aos 89 anos, simplesmente se recusa a usar a internet. Manda todos os seus artigos pelo correio para a capital, Bucareste. "Demora dez dias, mas eu prefiro. Não são notícias factuais. São sempre análises", afirma. Para sobreviver, ele engrossa seu ordenado com um cargo na diretoria do Sindicato dos Hotéis, Bares e Restaurantes do Rio de Janeiro e aulas de francês. "Correspondente romeno morre de fome. Prefiro me virar a ter de me mudar do Brasil", confessa. Já para o correspondente da agência de notícias Novosti, o russo Vladimir Stepanov, que joga vôlei de praia durante duas horas por dia no Rio e ainda pratica hipismo por uma hora, as reportagens de sua lavra são sempre positivas. "Eu não escrevo coisa ruim sobre o Brasil. Não mesmo. Crime e banditagem têm em todo lugar. Só escrevo notícia do bem", garante.

Houve um tempo em que acreditar que a capital do Brasil é Buenos Aires ou que era possível trombar com um índio vestido a caráter dentro do supermercado eram algumas das crenças que se podia desenvolver com base em informações pouco confiáveis produzidas sobre o Brasil. Apesar de a realidade ser outra, o jornalismo internacional não está livre de certas aberrações. Um caso famoso que circula entre os correspondentes estrangeiros é o do respeitável veículo alemão que publicou uma extensa reportagem afirmando que os brasileiros haviam ficado muito satisfeitos com o ataque terrorista às torres do World Trade Center. Mais tarde, depois que o correspondente tomou um carão do editor, soube-se que ele havia apurado a informação durante um jantar informal de amigos em sua casa. Tudo regado a muito vinho.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ANEXO V

LISTA DE ABREVIATURAS

Análise do discurso: AD

Formação discursiva: FD

Língua Estrangeira: LE